

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Greta Nascimento Marchetti

**RECURSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES EM TEXTOS DOS GÊNEROS
ENSAIO E ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-
FUNCIONAL**

DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

São Paulo
2015

Greta Nascimento Marchetti

**RECURSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES EM TEXTOS DOS GÊNEROS
ENSAIO E ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-
FUNCIONAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda

São Paulo
2015

BANCA EXAMINADORA

São Paulo, ____ de _____ de 2015.

A João e Helena,
motivação para todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda, pelo incansável e paciente trabalho de orientação. Nesse anos de caminhada, revelou-se, a cada dia, exemplo de vida e de generosidade, por partilhar tantos conhecimentos e experiências.

Aos Professores Doutores Sonia Regina Longhi Ninomiya, Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira e Zuleica Camargo pelas preciosas contribuições nos exames de qualificação.

Aos Professores Doutores Marcelo Sappas, Maria Teresa Natri de Carvalho, Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira e Sandra Madureira pela gentileza com que aceitaram compor a Banca Examinadora de minha defesa.

A Maria Lúcia e a Márcia, funcionárias do LAEL, que sempre me atenderam com atenção.

Aos colegas de classe, que sempre estiveram atentos às discussões, contribuindo de forma significativa para o resultado do trabalho.

À Roberta, amiga sempre presente, que compartilhou, generosamente, conhecimentos teóricos e de vida.

À amiga Cíntia Cardoso de Siqueira, pelo cuidadoso trabalho de tradução.

Às coordenadoras e colegas de trabalho do Colégio Sagrado Coração de Jesus, pelo incentivo e compreensão.

Ao Daniel, pelo carinho, incentivo e auxílio em todos os momentos do desenvolvimento desse trabalho.

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permanece apenas vago e sufocador”

Clarice Lispector. Escrever. In: *A descoberta do mundo*.

RESUMO

O objetivo da minha pesquisa é a análise das características estruturais e retóricas de dois artigos de opinião e de um ensaio publicados em jornal e revista de ampla circulação nacional. O narrar e o descrever uma história ou um fato ocorrido são atividades linguísticas que o indivíduo realiza desde muito cedo, implicando reconstituir um acontecimento ou captar um momento que faz parte da sua experiência. Ao argumentar, quando se comenta e se posiciona sobre algo, emitem-se julgamentos de valor sobre o objeto em discussão com o intuito de persuadir o interlocutor. Isso demanda conhecimento sobre o assunto que se vai abordar e uma tomada de posição crítica diante dele. Estudos recentes têm mostrado que crianças desde 4 ou 5 anos de idade dominam a forma discursiva dissertativa oral já bem elaborada, o que lhes garante uma comunicação satisfatória, embora distante dos moldes formais da língua escrita. No entanto, os textos dissertativos-argumentativos costumam ser objetos de ensino mais especificamente nos finais do ensino fundamental II e do ensino médio, objetivando à construção de um discurso acadêmico e científico sendo, dentro dos moldes formais, conhecido como um produto do processo de escolarização do aluno. Assim, diante da complexidade envolvendo a ação de argumentar e da construção de um discurso argumentativo escrito, o presente estudo tem como foco os gêneros ensaio e artigo de opinião e o exame de questões referentes à argumentação, envolvendo a estrutura de gênero, bem como os recursos de avaliação tendo em vista a persuasão que percorre os argumentos. A pesquisa, de cunho crítico, com o apoio da Gramática Sistêmico-Funcional, visa responder às seguintes questões: (a) Como se caracteriza a estrutura de textos do gênero ensaio e artigo de opinião publicados em jornais e revistas? (b) Como é tecida a argumentação nesses textos? (c) Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?

Palavras-chave: Ensaio. Artigo de Opinião. Modos Textuais. Avaliatividade. Gramática-Sistêmico-Funcional

ABSTRACT

This research aimed to analyse structural and rethorical features of an essay and an opinion piece, both published in wide national range newspaper and magazine. The acts of telling and describing a story or a happening are configured as linguistic operations performed by an individual since early ages, which results in an event reconstruction or in capturing an own experience moment. When arguing, commenting or positioning about a topic, someone passes judgement on the subject under discussion to persuade the listener. This requires knowledge of the subject that will address and a critical position taken hereafter it. Recent studies have shown that children as young as 4 or 5 years old dominate the oral dissertation discursive form already well developed, which gives them a satisfactory communication, although far from written language formal lines. However, dissertative-argumentative texts are often teaching objects, specifically in the final years of elementary school and high school, aiming to build an academic and scientific speech, known as a product of student education process, within the formal bases. Thus, given the complexity involving the action of arguing and the construction of an argumentative written speech, this study focuses on essay and opinion piece genres, in addition to examining argumentation issues, involving genre structure, as well as assessment resources, in view of persuading that is inherent in arguments. The research, which presents a critical nature, with the support of Functional Systemic Grammar, aims to answer the following questions: (a) How is characterized the structure of the essays and opinion pieces which were analyzed? (b) How is the argument built in these texts? (c) Which persuasive resources are used in argumentative process?

Keywords: Essay. Opinion piece. Textual modes. Appraisal. Functional Systemic Grammar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos e Gêneros Textuais.....	16
Quadro 2 – Esquema padrão de textos dissertativos-argumentativos.....	19
Quadro 3 – O Modelo de Toulmin (1958).....	22
Quadro 4 – Modelo de Toulmin e os Modos Textuais.....	22
Quadro 5 – Modos Textuais.....	24
Quadro 6 – Relação Processos/Participantes/Circunstâncias.....	29
Quadro 7 – A Metafunção Interpessoal.....	30
Quadro 8 – Modalidade.....	30
Quadro 9 – A Estrutura do Resíduo.....	31
Quadro 10 – A Função Interpessoal.....	31
Quadro 11 – Recursos da Avaliatividade.....	33
Quadro 12 – As três Metafunções.....	36
Quadro 13 – Teorias que integram a análise crítica do discurso nos gêneros ensaio e artigo de opinião....	44
Quadro 14 – Recursos que concorrem para a persuasão em "Há Cabrais e Cavendishes".....	81
Quadro 15 – Recursos que concorrem para a persuasão em "Por que a educação é importante.....	103
Quadro 16 – Estágios e Finalidades dos textos analisados.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de Processos presentes no texto “Há Cabrais e Cavendishes”.....	74
Gráfico 2 – Participantes do Processo Relacional no texto “Há Cabrais e Cavendishes”.....	75
Gráfico 3 – Participantes do Processo Material no texto “Há Cabrais e Cavendishes”.....	76
Gráfico 4 – Participantes do Processo Mental no texto “Há Cabrais e Cavendishes”.....	77
Gráfico 5 – Participantes do Processo Existencial no texto “Há Cabrais e Cavendishes”.....	78
Gráfico 6 – Tipos de Processos presentes no texto “Por que a educação é importante?”.....	98
Gráfico 7 – Participantes do Processo Material no texto “Por que a educação é importante”.....	98
Gráfico 8 – Participantes do Processo Relacional no texto “Por que a educação é importante”...99	99
Gráfico 9 – Participantes do Processo Mental no texto “Por que a educação é importante”.....	100
Gráfico 10 – Participantes do Processo Verbal no texto “Por que a educação é importante”.....	101

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os planos semióticos.....	27
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Gênero e Tipo de Texto	15
2.1.1 Gêneros Textuais Argumentativos.....	17
2.1.2 Diferenças entre Artigo de Opinião e Ensaio.....	19
2.1.3 Sub-funções do Argumento.....	21
2.1.4 O Modelo de Toulmin.....	22
2.1.5 Modos Textuais.....	23
2.2 A Gramática Sistêmico-Funcional.....	25
2.2.1 Língua e Contexto.....	26
2.2.2 A Metafunção Ideacional.....	28
2.2.3 A Metafunção Interpessoal.....	29
2.2.3.1 Avaliatividade (<i>Appraisal</i>).....	32
2.2.3.2 A <i>Prosódia</i>	34
2.2.4 A Metafunção Textual.....	36
2.3.4.1 A <i>Metáfora Gramatical</i>	37
2.2.5 A Logogênese.....	38
2.2.6 A Linguística Crítica.....	39
2.2.6.1 A <i>Ironia</i>	40
2.3 Persuasão.....	42
2.3.1 Teoria do Mundo Textual como Teoria do Discurso.....	43
3. METODOLOGIA.....	45
3.1 Dados.....	45
3.2 Procedimentos de Análise.....	47
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
4.1 Análise do Ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”.....	49
4.1.1 Análise do Registro de “Há Cabrais e Cavendishes”	49

4.1.2	Análise do Gênero e dos Modos Textuais do ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”.....	52
4.1.3	Análise da Transitividade e da Modalidade Avaliativa do ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”.....	59
4.1.4	Discussão Geral do Ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”	73
4.2	Análise do Artigo de Opinião “Por que a educação é importante?”.....	83
4.2.1	Análise do Registro de “Por que a educação é importante”	83
4.2.2	Análise do Gênero e dos Modos Textuais do artigo de opinião “Por que a educação é importante?”	85
4.2.3	Análise da Transitividade e da Modalidade Avaliativa de “Por que a educação é importante?”	90
4.2.4	Discussão Geral do artigo de opinião “Por que a educação é importante?”.....	96
5.	RESULTADOS GERAIS.....	106
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
	REFERÊNCIAS.....	114

RECURSOS ARGUMENTATIVOS PRESENTES EM TEXTOS DOS GÊNEROS ENSAIO E ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO FUNCIONAL

1. INTRODUÇÃO

Trabalho na área de Educação desde a conclusão da graduação em Letras, em 2001, em específico no ensino de Língua Portuguesa, nos segmentos de Ensino Fundamental II e de Ensino Médio. Atuando como professora e tendo concluído o mestrado na área de Educação, o qual versou sobre a investigação de algumas concepções de leitura presentes em uma avaliação de âmbito internacional, o PISA (*Programme for International Assessment*), fui convidada a trabalhar com formação de professores, nas redes pública e privada, em específico no desenvolvimento de currículos de Língua Portuguesa. Concomitantemente a essa atividade, também trabalho como professora-coordenadora da área de Língua Portuguesa em uma escola particular da Zona Oeste de São Paulo, capital, e sob minha orientação atuam professores do 6º. ano do Ensino Fundamental II até a 3ª. série do Ensino Médio.

Em conjunto com essa prática docente, também sou autora de livros didáticos de português, das coleções *Para Viver Juntos – Língua Portuguesa*, destinada ao Ensino Fundamental II e publicada pela Edições SM; da *Coleção Tempo de Aprender – Língua Portuguesa*, destinada ao Ensino Fundamental II – Educação de Jovens e Adultos, publicada pela Editora IBEP e da *Coleção Tempo de Aprender – Língua Portuguesa*, destinada ao Ensino Fundamental I, também publicada pela Editora IBEP. Todas essas coleções são aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sob coordenação e supervisão do Ministério da Educação, e distribuídas nas redes pública e privada de ensino, em todo o país.

A partir dessas atuações, fui observando a dificuldade de instituições e de grupos de professores em traçar propostas de ensino de Língua Portuguesa que atendessem às diferentes demandas dos alunos, em específico no eixo de produção textual. Ao elaborar as seções de produção textual dos livros nos quais colaboro como autora, também notei a dificuldade em construir propostas de produção de texto que apresentem estratégias de escrita eficientes e contextualizadas. Essa dificuldade ocorre na elaboração de propostas de textos de gêneros diversos, no

entanto, pela minha observação de atividades produzidas por professores sob minha supervisão e no próprio desenvolvimento do material didático, a problemática se dá, sobretudo, na orientação de textos de trama, prioritariamente, argumentativa.

De acordo com Leite (2000) o narrar e o descrever uma história ou um fato ocorrido são atividades linguísticas que o indivíduo realiza desde muito cedo, implicando reconstituir um acontecimento ou captar um momento que faz parte da sua experiência. Ao argumentar, quando se comenta e se posiciona sobre algo, emitem-se julgamentos de valor sobre o objeto em discussão com o intuito de persuadir o interlocutor. Isso demanda conhecimento sobre o assunto que se vai abordar e uma tomada de posição crítica diante dele.

Estudos recentes (BANKS-LEITE, 1996; PETRONI, 1994; GOLDER, 1994) têm mostrado que crianças desde quatro ou cinco anos de idade dominam a forma discursiva dissertativa oral, o que lhes garante uma comunicação satisfatória, embora distante dos moldes formais da língua escrita. No entanto, os textos dissertativos costumam ser objetos de ensino mais especificamente nos finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, objetivando a construção de um discurso acadêmico e científico sendo, dentro dos moldes formais, conhecido como um produto do processo de escolarização do aluno.

Assim, diante da complexidade envolvendo a ação de argumentar e da construção de um discurso argumentativo escrito, o presente estudo tem como foco os gêneros ensaio e artigo de opinião e o exame de questões referentes à argumentação, envolvendo a estrutura de gênero, bem como os recursos de avaliação com vistas à persuasão que percorre os argumentos.

O objetivo da minha pesquisa é, portanto, a análise das características estruturais e retóricas de um ensaio publicado na revista *Veja* e de um artigo de opinião publicado no jornal *Folha de São Paulo*. Para tanto, ela deve responder às seguintes questões: (a) Como se caracteriza a estrutura dos textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião selecionados? (b) Como é tecida a argumentação nesses textos? (c) Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?

Acredito que, a partir do conhecimento dessas estruturas, poderei incorporar algumas das estratégias argumentativas utilizadas por seus autores em propostas de produção de texto, no que diz respeito à minha própria elaboração de materiais didáticos como também na orientação e supervisão de propostas realizadas por

professores sob minha supervisão.

A pesquisa, de cunho crítico, tem o apoio da Gramática Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que possibilita a investigação das relações entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias e relações de poder que subjazem a essas formas.

Esta tese está estruturada da seguinte forma:

Capítulo 1 – Introdução

Capítulo 2 – Fundamentação Teórica, que enfoca a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), examinando a Transitividade e a Avaliatividade, bem como a Linguística Crítica. Além disso, teorias complementares contribuem para o exame da microestrutura textual e sua relação com a macroestrutura do discurso.

Capítulo 3 – Metodologia, em que se apresenta o corpus de estudo e os procedimentos utilizados para a análise.

Capítulo 4 – Análise e Discussão dos Resultados, em que se apresentam as análises dos dois textos escolhidos. Está dividido em: (i) análise de Registro; (ii) análise da microestrutura: Transitividade e Modalidade/Avaliatividade; (iii) discussão referente à macroestrutura discursiva.

Capítulo 5 – Apresentação Geral dos Resultados, comparando a argumentação e os recursos persuasivos nos dois textos selecionados.

Capítulo 6 – Considerações Finais em que se apresentam as contribuições gerais da pesquisa no âmbito educacional e acadêmico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresento, a seguir, a teoria que embasa minha pesquisa. Examino, primeiramente, teorias relacionadas aos gêneros textuais. Apoio-me na definição de gênero (MARTIN, 1984), na proposta de estágios do gênero (PORTA, 2002) e de modos textuais (REYNOLDS, 2000). Em seguida, trago o Modelo Retórico de Argumento (TOULMIN, 1958). A seguir, apresento a proposta teórico-metodológica, da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, MATHIESSEN, 2004), em cujo bojo encontra-se a Teoria do Gênero e Registro (EGGINS; MARTIN, 1997); a teoria da Avaliatividade (MARTIN, 2000) que abarca o Apito do Cão (MANNING, 2004; COFFIN; O'HALLARAN, 2006) e Contrabando de Informações (ALDRIGE, LUCHJENBROERS, 2007). Finalmente, trato da Linguística Crítica (FOWLER, 1979), da noção de Ironia (EL REFAIEL, 2005); da Persuasão (POGGI, 2005; KITIS; MILAPIDES, 1997) e da Teoria de Mundo Textual (SEMINO, 1997; WERTH; 1999).

2.1 Gênero e Tipo de Texto

Primeiramente, deve ser dito que o conceito de gênero está sendo usado num amplo sentido bakhtiniano: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominados gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1979, p. 279) – que é, não no conceito literário, mas como um conceito que se aplica a todo discurso como seu princípio. O gênero gera, isto é, motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua na qual um discurso ocorre restringe e capacita a expressão como se fosse “de dentro”.

Uma distinção conceitual pertinente à análise desenvolvida nesse trabalho é entre gênero e tipo de texto. Numa primeira leitura, pode parecer que os termos gênero e tipo de texto se referem ao mesmo aspecto do conhecimento sobre gênero. No entanto, esses conceitos, de acordo com Marcuschi (2002) apresentam noções distintas, sendo o tipo de texto caracterizado por traços internos e

linguísticos e o gênero caracterizado por critérios externos ao texto, determinados pelo contexto social em que o texto se insere, de acordo com uma finalidade comunicativa. Conforme Marcuschi (2002, p. 22), tipos e gêneros textuais são assim categorizados:

Quadro 1 - Tipos e Gêneros Textuais

Tipos Textuais	Gêneros Textuais
1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, aula expositiva, romance, reunião de condomínio, lista de compras, conversa espontânea, cardápio, receita culinária, inquérito policial etc.

Fonte: Marcuschi (2002)

Biber (1999) observa que textos dentro de certos gêneros podem diferir bastante em suas características linguísticas. Por exemplo, artigos de jornais podem apresentar desde uma forma linguística narrativa e coloquial até uma forma extremamente informacional e elaborada.

Para Biber, o termo gênero caracteriza textos com base em critérios externos, tais como, um texto que é escrito ou falado por uma pessoa, para uma determinada audiência, num contexto específico, tendo em vista uma meta específica e considerado por uma comunidade discursiva como exemplo de determinado gênero. Exemplos de gêneros nesta perspectiva incluem calendários universitários, ensaios

documentados, relatos de pesquisa, conferência e orientação de tese. Tipos de texto, por outro lado, representam modos retóricos, tais como, problema-solução, exposição, argumentação, que são semelhantes em termos de padrões discursivos internos, não importando o gênero. Gênero e tipo de texto assim representam perspectivas diferentes, embora complementares nos textos.

De acordo com Decat (2012, p. 150), percebe-se, há algum tempo, um consenso quanto a considerar o gênero textual como determinante das estruturas linguísticas materializadas em um texto. De acordo com a autora “as diferentes práticas sociais a que estamos sujeitos em nossas atividades de interação proporcionam a variabilidade da língua, o que acaba por levar a uma variedade de gêneros textuais, cuja identificação apresenta-se, às vezes, difusa e aberta. A distinção entre um gênero e outro não é propriamente linguística, mas calca-se em aspectos funcionais e pragmáticos”. Decat, no entanto, destaca que esse fato não significa desprezar os aspectos de natureza linguística nos estudos sobre os gêneros; mas o contrário, tendo em vista que a análise de processos e mecanismos linguísticos em diferentes gêneros poderá promover a descoberta de uma possível relação entre fatores gramaticais e aspectos pragmáticos.

Na Gramática Sistêmico-Funcional, gênero foi definido por Martin (1984, p.25), como “uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”. Os estágios estão relacionados ao fato de, geralmente, o gênero se desenvolver em fases de interação e significado e finalidade porque as fases de desenvolvimento do gênero tem o propósito de realizar algo. Segundo Martin, não se pode significar sem o gênero. Sendo assim, essa concepção dialoga com a visão bakhtiniana de que tudo o que comunicamos só é possível através de algum gênero. A definição de Martin, que considero detalhar a definição de Bakhtin, tem sido adotada em minhas análises de texto.

2.1.1 Gêneros Textuais Argumentativos

A atividade de argumentar, cuja finalidade é a de convencer o interlocutor a respeito de determinado ponto de vista, pode ser feita de diferentes maneiras,

seguindo distintos formatos. Cada um desses formatos corresponderá a uma concretização textual específica, sendo denominados gêneros textuais argumentativos.

Embora alguns autores distingam “argumentação” de “dissertação”, os exames vestibulares do país, ao solicitarem dos candidatos a produção de textos dissertativos, esperam, na verdade – pela natureza polêmica dos temas – que o candidato produza um texto dissertativo-argumentativo, i.e., um texto em que o autor analise e discuta um problema, defenda seu ponto de vista e, eventualmente, proponha soluções (CEREJA; MAGALHÃES, 2003).

Essa questão terminológica, com implicações no conteúdo da redação, foi observada, por exemplo, na instrução dada aos candidatos, para a redação da Fuvest 2013, que versou sobre o consumismo:

“Redija uma **dissertação** em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure **argumentar** de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto” (grifo nosso).

Afinal, haveria diferença entre dissertar e argumentar? Que características marcariam cada um desses termos?

Sobre o assunto, Porta (2002) faz algumas distinções importantes para quem vai escrever uma dissertação-argumentativa. Entendamos, diz ele:

“dissertar somente sobre uma questão, sem apresentar um *problema* e nem a *argumentação* em defesa de um ponto de vista – ou seja, a proposta de *solução* do problema – não constitui uma dissertação-argumentativa”. Certamente, o *descrever* a experiência pode desempenhar um papel preponderante; o que não pode é eliminar o problema enquanto tal. A *tese* é uma solução ao problema e implica um optar em que outras alternativas são descartadas. É aqui que os *argumentos* desempenham um papel essencial”.

A partir da definição de gênero por Martin (1984, p.25), alguns esquemas genéricos foram propostos, tais como: (a) *Problema-Solução* (com quatro estágios: Situação – Problema – Resposta – Avaliação) (HOEY, 1986, 1994); (b) *Hipotético-Real* (um fato comprova ou refuta uma hipótese) (THOMPSON, 2001); e (c) *Pergunta-Resposta* (argumentos pró ou contra uma pergunta) (HOEY, 1994). Em termos gerais, tenho adotado em minhas aulas, nas análises de atividades elaboradas por professores e na produção de materiais didáticos, o padrão Problema-Solução-Argumento, ou seja, uma combinação de proposta de Hoey com acréscimos baseados na proposta de Porta (2002):

Quadro 2 – Esquema padrão de textos dissertativos-argumentativos

Situação	São Paulo enfrenta longo período de seca.
Problema	A água começa a faltar.
Hipótese de Solução	Devemos todos enfrentar a crise hídrica.
Argumentos	(a) o poder público deve procurar recursos; (b) a sociedade civil e o poder público devem pensar em meios de captação de água; (c) cada um deve restringir o uso da água ao essencial.
Tese/Avaliação	A solução exige a contribuição de cada uma dessas áreas.

Fonte: Marchetti (2015)

2.1.2 Diferenças entre Artigo de Opinião e Ensaio

Até para leitores mais experientes, pode haver confusão sobre a classificação de um texto como artigo de opinião, crônica ou ensaio. No que tange os gêneros textuais, existem áreas “cinzentas” em que os hibridismos relativos a textos em prosa se confundem de tal forma que há dificuldade em distingui-los entre esse ou aquele gênero.

Nesse contexto, apresento, a seguir, algumas tentativas de distinguir ensaio de artigo de opinião; embora, para os meus objetivos, essa distinção não chegue a

ser vital, já que ambos são textos argumentativos, com a finalidade de persuadir o leitor, fatores visados em minhas análises.

O ensaio, diz Paviani (2009), é hoje amplamente cultivado na filosofia, na ciência, na crítica literária e artística. Desde os escritos de Galileu, Pascal, Espinosa até Habermas, Derrida, Barthes e centenas de outros autores, o ensaio, com características desenvolvidas de diversos modos e com diferentes intensidades, é o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico e vice-versa, sem diminuir o rigor da exposição.

Nesse contexto, o termo “ensaio” foi sugerido por Vigner (1988, p. 110) para o texto dissertativo-argumentativo, para evitar, segundo ele, a menção de “dissertação”, que permanece estreitamente ligada a uma época e a um certo tipo de ensino. Um exemplo da adoção desse termo é o título ENSAIO, na última página da revista *Veja*, para os textos de Roberto Pompeu de Toledo, de natureza dissertativo-argumentativa.

O artigo de opinião é definido em jornalismo, segundo Baroni (2008) e Beltrão (1980), como um texto eminentemente opinativo – mais que informativo – publicado (ou veiculado) em seção destacada do conteúdo noticioso. Muitas vezes, os artigos não refletem necessariamente a opinião do jornal (contrariamente aos editoriais, que são a posição oficial do veículo), e as empresas costumam não assumir responsabilidade por eles.

Segundo Paviani (2009), no ensaio, a opinião do autor é apresentada, por diferentes ideias, ao longo do texto, sendo que os argumentos que a sustentam não necessariamente requerem a presença de outras “vozes”, como as de “autoridades” no assunto ou mesmo de pesquisas que reafirmem o ponto de vista do autor. Assim, busca-se uma reflexão para fundamentar uma visão pessoal, vista como possível para o assunto em destaque, ou seja, o autor reflete sobre seu próprio ponto de vista, convidando os leitores a “pensar com ele”.

Já no artigo de opinião, a opinião do autor alia-se, necessariamente, a uma questão polêmica e a esses outros dizeres, a fim de que a tese seja sustentada por argumentos embasados e convincentes (favoráveis e contrários) que levem o leitor a conhecer e analisar a rede de relações (e de leituras) que possibilitou a tomada de posição sobre um determinado assunto.

Tendo como um dos objetivos de estudo a verificação de como é tecida a argumentação tanto em artigos de opinião quanto em ensaios, apresento a seguir as subfunções do argumento.

2.1.3 Subfunções do Argumento

Muitas funções formam a natureza persuasiva do modo argumentativo. Reynolds concentra-se em quatro: previsão, hipótese, declaração e avaliação.

(a) Previsão: Podemos distinguir entre predição inferencial, que pertence inteiramente ao modo argumentativo, e a referência futura, que é ou narrativo ou narrativo-com-argumento.

(b) Hipótese

Uma função do argumento é posicionar algum possível estado de coisas como um prelúdio para a afirmação, de maneira tão persuasiva quanto possível, tal que o estado de coisas seja o caso, com ou sem evidência de prova. Essa é a essência da hipótese, e um meio sintático para sua sinalização é o uso da oração “se”.

(c) Declaração

Afirmações do modo argumentativo feitas sem nenhum fundamento específico ou garantias explícitas apresentadas no discurso (embora, é claro, as garantias sejam recuperáveis, como suposições subjacentes ou pressuposições pragmáticas).

(d) Avaliação

A avaliação será trata no item Avaliatividade, mais adiante.

2.1.4 O Modelo de Toulmin

Reynolds (2000) liga (jurisprudentemente) o modo argumentativo ao modelo retórico de argumento de Toulmin (1958), e delineia algumas das funções de atos de fala que ocorrem no modo argumentativo, e especificamente em editoriais.

Quadro 3 - Modelo de Toulmin (1958)

Dados	→	Reivindicação
Garantia?		

Fonte: Adaptado de Toulmin (1958)

Aplicado aos editoriais, nos termos da análise do modo textual (AMT), pode-se dizer que os Dados e as Garantias, novamente na base de sua verificabilidade, pertencem à “narrativa” e/ou “descrição”, enquanto Reivindicações são “argumentos”.

Quadro 4 - Modelo de Toulmin e os Modos Textuais

Dados	Garantias	Reivindicação
narrativa/descrição	narrativa/descrição	argumento

Fonte: Reynolds (2000)

Uma propriedade interessante da garantia no modelo de Toulmin é seu caráter, em geral, implícito: contudo, funciona como pressuposição do argumento, e como tal tem um papel ideológico no discurso. Isso será examinado a seguir, com exemplos do corpus. Lauerbach (2007) explica o modelo:

- (a) **Reivindicação**: asserção pela qual nos comprometemos. (e.g. Tom é cidadão britânico.)
- (b) **Dados**: fatos que oferecemos para apoiar a reivindicação. (Ele nasceu nas Ilhas Bermudas.)

- (c) **Garantias:** registro, implícito, da legitimidade do passo envolvido para passar dos Dados para a Reivindicação (2006 [1958]: 143). (Há uma lei que garante essa reivindicação.)
- (d) **Qualificação:** inserção de um qualificador (Ele é certamente um cidadão britânico.)
- (e) **Refutação:** circunstâncias nas quais não se aceita a autoridade geral da Garantia. (Mas seus pais não são cidadãos britânicos.)
- (f) **Apoio:** afirmações categóricas que são expressas quando refutador não aceita validade da Garantia. (A afirmação de que os estatutos sobre a nacionalidade britânica foram de fato transformados em lei.) (Toulmin, 2006 [1958]: 153).

2.1.5 Modos Textuais

Reynolds (2000) explica como a “textura” – isto é, a instanciação no discurso de duas ordens virtuais de estrutura, ou seja, a estrutura linguística e a estrutura genérica – de um texto pode ser explicada em termos de apenas três modos de textura representacional – narrativo, descritivo e argumentativo – (e sua fusão linear ou escalada) e mostra como o argumento predomina no gênero editorial. O influente modelo retórico de argumentação de Toulmin (1958), consistindo de reivindicação, dados e garantia, é usado e relacionado à realização do modo argumentativo por meio das funções do argumento: hipóteses, previsões, avaliações e afirmações, este realizando um papel ideológico no discurso editorial, via afirmação não modalizada, de acordo com Reynolds (2000).

Segundo Reynolds, o gênero gera, isto é, motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua na qual um discurso ocorre restringe e capacita a expressão, como se fosse, de dentro. Já disse Vigner (1988), que o reconhecimento de gênero permite regular a leitura sobre um sistema de expectativa, inscrevendo-a numa trajetória previsível.

Há três modos representacionais: narrativo (contar histórias), descritivo (dizer como as coisas são) e argumentativo (expressar opiniões e crenças e tentar persuadir os outros dos seus pontos de vista). Há também três modos interpessoais: diretivo (dizer aos outros como, quando e/ou onde fazer algo), intencional (anunciar planos e intenções, e expressar compromisso de ação) e fático (estabelecer e manter contato com outros); e um modo metadiscursivo, o modo reflexivo, no qual se faz comentário sobre o discurso, o próprio e o outro. No caso do artigo de opinião e do ensaio, o foco analítico está nos modos representacionais.

Quadro 5 – Modos textuais

Modos representacionais			Modos interpessoais			Modo metadiscursivo
narrativo	descritivo	argumentativo	diretivo	intencional	fático	modo reflexivo

Fonte: Reynolds (2000)

Embora esses termos – “narrativo” e “argumentativo” sejam regularmente usados como termos para gêneros, o argumento aqui é que eles não são “gêneros” por si, mas descritores dos modos que se combinam para formar gêneros.

Em termos do modo textual, diz Reynolds (2000), que estuda o gênero editorial, é, predominantemente, um modo argumentativo fundido com a narrativa e a descrição. A razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento com evidência: a narrativa e a descrição tratam de afirmações verificáveis, enquanto o argumento trata afirmações não verificáveis. Por outro lado, os modos textuais podem fundir-se de dois modos: linear (de modo consecutivo: e.g., descrição seguida de argumento) e escalonada (dois modos simultaneamente: e.g., descrição e argumento que se confundem).

Reynolds (2000) distingue os três modos entre si através de dois testes. O primeiro distingue a argumentação dos demais, e o segundo distingue narrativa da descrição. O primeiro teste refere-se à natureza da verdade das afirmações expressas no discurso: no caso de cada proposição contida nas afirmações, é a sua verdade verificável literalmente ou não? Se a resposta é “sim”, então este é o caso de narrativa ou descrição; se “não”, então o enunciado é um argumento. Deve-se notar que “argumento” não está sendo considerado como se lhe faltasse a verdade: o que está em questão é o *status* epistemológico de uma afirmação como uma reivindicação de verdade. Para distinguir, a seguir, entre narrativa e descrição, o teste pergunta: o discurso relata uma mudança de estado ou assunto? Se a resposta for afirmativa, então o discurso está no modo narrativo; se negativa, então o modo é descritivo. Contudo, deve-se admitir que nem sempre é fácil distinguir com absoluta certeza entre narrativa e descrição, diz Reynolds. Para usar uma metáfora, tecemos fato e opinião juntos no discurso: daí, a “textura”.

2.2 A Gramática Sistêmico-Funcional

A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) é uma teoria iniciada por M.A.K Halliday (1978, 1985, 1994), linguista britânico, radicado há muitos anos na Austrália e ampliada por colaboradores (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY; MARTIN, 1993; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Subjacente à GSF existem quatro premissas (EGGINS, 1994), estabelecendo:

- que o uso da língua é funcional;
- que sua função é construir significados;
- que os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados;
- que o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significados por meio de escolhas.

É por essas razões que a GSF é descrita como "uma abordagem semântico-funcional da língua" (EGGINS, 1994, p. 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um.

Para classificar os tipos e significados que os atores sociais geram, a GSF concebe a língua como a expressão de três metafunções simultâneas: Ideacional, Interpessoal e Textual (HALLIDAY, 2004 [1994]; MARTIN 2000).

A metafunção Ideacional representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* (processamento simbólico) ou *ser*, por meio do sistema da Transitividade; a metafunção Interpessoal envolve as relações sociais, com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens & serviços; a metafunção Textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração.

Essa atuação simultânea é possível devido a um nível intermediário de codificação, a léxico-gramática, responsável pela entrada dos significados no texto através das orações (HALLIDAY, 1994). Nesse processo, a noção de escolha é importante para os sistemicistas: quando se faz uma escolha no sistema léxico-

gramatical, o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas. As escolhas feitas no discurso em diferentes níveis linguísticos (léxico, morfologia, sintaxe, fonologia) são significativas e determinam a criação de diferentes significados. Esses diferentes significados são processados contextualmente e a adequação de uma dada mensagem dependerá da relação entre as escolhas linguísticas e as feições de contexto (HALLIDAY, 1974, 1994).

Para organizar as feições desse contexto, os systemicistas fazem uso dos conceitos de Gênero (contexto cultural) e Registro (contexto situacional), além do contexto ideológico. Gênero e Registro constituem o contexto social. Para o entendimento desses conceitos, apresento, a seguir, a Teoria de Gêneros e Registro, que possibilitará situar o ensaio e o artigo de opinião tratados nessa tese.

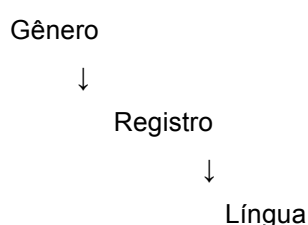
2.2.1 *Língua e Contexto*

Egins e Martin (1997) propõem a Teoria de Gêneros e Registros (TGR), uma teoria da variação funcional. Uma TGR permite tanto a predição textual quanto a dedução contextual. Isto é, dada a descrição de um contexto, deverá ser possível prever os significados que estarão “em risco” (serão os mais possíveis de acontecer) e os traços linguísticos mais prováveis de serem usados para a sua codificação. Da mesma forma, dado um texto, deverá ser possível deduzir o contexto em que ele foi produzido, já que os traços linguísticos selecionados no texto estarão codificando as dimensões contextuais, tanto no seu contexto imediato de produção (Registro) quanto na sua identidade do contexto cultural (Gênero), ou seja, a tarefa que o texto está cumprindo em determinada cultura.

Para prever e deduzir, o analista precisa ser capaz de relacionar categorias do contexto com uma especificação detalhada dos padrões linguísticos. Isto é, a TGR precisa fornecer uma metodologia para a análise textual e também precisa fornecer uma explicação de como os contextos, tanto cultural quanto situacional, são expressos sistematicamente nas escolhas linguísticas. Assim, um desenvolvimento completo da TGR envolve tanto uma explicação detalhada da linguagem quanto uma teoria do contexto e da relação entre ambas.

A GSF, segundo Muntigl (2002), considera o contexto social constituído por Registro (contexto situacional) e Gênero (contexto cultural). Na GSF, o registro é organizado pelas três variáveis contextuais, Campo (assunto), Relações (participantes da interlocução) e Modo (organização linguística do assunto e da interação). As três variáveis contextuais de registro – Campo, Relações e Modo – são, por sua vez, organizados pelas metafunções da linguagem Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente (HALLIDAY, 1978).

Fig. 1 - Os planos semióticos (as flechas significam 'realizado por')



Fonte: Martin (1992, p. 495)

O Gênero representa os processos sociais em etapas orientados para uma meta de uma dada cultura, tais como um conto, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento, etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura.

Para Vestergaard (2000), o Gênero motiva e formata socialmente o discurso e a participação discursiva de fora, enquanto a língua na qual um discurso ocorre restringe e capacita a expressão de dentro. Para o autor, as distinções de Gênero ocorrem na intersecção da meta comunicativa com o Registro, ou seja, uma receita de bolo e uma instrução de "como usar" uma máquina, podem ter o mesmo Registro, variando, porém, na meta comunicativa.

Apresento, a seguir, as metafunções Ideacional, Interpessoal e Textual, utilizadas nas análises do ensaio e do artigo de opinião.

2.2.2 A Metafunção Ideacional

A metafunção Ideacional, por meio do sistema da Transitividade, representa os eventos das orações, envolvendo: Processos, Participantes e Circunstâncias.

Processos **Materiais**: são processos de *fazer*, ou seja, envolvem ações físicas e expressam a noção de que alguma entidade (Ator) fez algo que pode atingir outra entidade (Meta).

Processos **Mentais**: são os Processos de *sentir* (HALLIDAY, 1994, p. 112) e dizem respeito ao que ocorre (Fenômeno) no mundo interno da mente (do Experienciador) (THOMPSON, 2004, p. 92). Este Processo difere do Material, pois pode projetar outra oração (e.g. Ele pensa [oração projetante] que não sabe de nada [oração projetada]).

Processos **Relacionais**: são os Processos de *ser*, *estar* e *ter*, estabelecendo uma relação entre dois conceitos. Há dois tipos de processo relacional: (a) Atributivo e seus dois Participantes: o Portador (a entidade que carrega o atributo) e o Atributo; (b) Identificado e seus dois Participantes: o Identificador, cuja função é identificar uma entidade em termos de outra, o Identificado, equivalendo a um sinal de igual (=).

Processos **Verbais**: são Processos de *dizer* e estão na fronteira entre os materiais e os mentais: dizer uma coisa é uma ação física que reflete uma operação mental (HALLIDAY, 1994). O Dizente é o único participante obrigatório nos processos verbais. Outros Participantes opcionais figuram com o Processo verbal. São: o Receptor, para quem a mensagem é endereçada; o Alvo, a pessoa, objeto ou entidade que é atingida pelo Processo (aquele de quem se fala); e a Verbiagem que consiste num rótulo para a própria linguagem.

Processos **Comportamentais**: a razão da existência desta categoria é a necessidade de se diferenciar processos puramente mentais, daqueles que implicam sinais físicos (THOMPSON, 2004). Halliday e Mathiessen (2004, p. 251) incluem nesta categoria verbos que se referem às ações físicas que refletem estados mentais: “gargalhar”, “chorar”, “soluçar”, “franzir”, etc. Este Processo costuma apresentar apenas um participante: o Comportante, mas pode envolver o Participante opcional Alcance – que define o escopo do Processo (e.g., Riu gargalhada).

Processos **Existenciais**: expressam, essencialmente, a mera existência de uma entidade, o Existente. Veja, no Quadro 6, alguns exemplos.

Quadro 6 - Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

PROCESSOS	PARTICIPANTES	CIRCUNSTÂNCIAS
Material	<u>Ela</u> ofereceu <u>uma festa</u> <u>à filha</u> Ator Meta Beneficiário <u>A filha</u> entoou <u>uma canção</u> . Ator Extensão	ontem.
Comportamental	<u>Os convidados</u> sorriam <u>de felicidade</u> . Comportante Comportamento	
Mental	<u>A mãe</u> lembrava-se <u>da filha pequenina</u> . Experienciador Fenômeno	
Existencial	Havia <u>fartura</u> Existente	na mesa.
Relacional	<u>A jovem</u> era <u>uma universitária</u> . (a) Atributivo : Portador Atributo <u>A médica</u> era <u>a Maria</u> . (b) Identificativo : Identificado Identificador	
Verbal	<u>A atriz</u> falou <u>para nós</u> <u>sobre o sucesso do filho</u> . Dizente Receptor Verbiagem	

Fonte: Halliday (1994)

2.2.3 A Metafunção Interpessoal

Em termos da metafunção Interpessoal, a oração está organizada como um evento interativo, envolvendo produtor e receptor da mensagem, e focaliza a interação como uma troca de bens e serviços (Proposta) ou de informação (Proposição) (HALLIDAY, 1994).

A metafunção interpessoal envolve: **Mood**¹ (sujeito + finito + Modalidade) e **Resíduo**. O Quadro 7 mostra as estruturas de *Mood* e de Resíduo.

Quadro 7 - Metafunção Interpessoal

Mood		Resíduo
(a) João	precisa (modalidade)	estudar a lição
(b) João	-va (tempo primário)	estuda- a lição
Sujeito	Finito	

Fonte: Halliday (1994)

- (a) O *MOOD* estabelece relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de: (i) orações declarativas (afirmativas ou negativas), interrogativas, imperativas e, no caso do português, as subjuntivas; (ii) além da Modalidade, que inclui verbos modais (ex., precisar, poder, querer), adjuntos modais (ex., talvez, certamente) e o tempo primário (tempo verbal). Veja Quadro 8:

Quadro 8 - Modalidade

DAR	PEDIR	Produto	MODALIDADE	
Informação		Proposição → (Informação)	Modalização	probabilidade: <i>talvez</i>
e.g. São duas horas.	e.g. Quem você viu lá?			frequência: <i>geralmente, sempre</i>
Bens e Serviços		Proposta → (Bens & Serviços)	Modulação	obrigação: <i>deve, precisa</i>
e.g. Deu-lhe flores.	e.g. Me empresta isso?			desejabilidade: <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

- (b) O **RESÍDUO** consiste de elementos funcionais de três tipos: Predicador, Complemento e Adjunto. Há apenas um Predicador, um ou dois Complementos e

¹ Mantemos o original inglês “*mood*”, embora o termo tenha sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula), pois este pode confundir-se com Modo (variável de Registro) em início de sentença.

um número indefinido de Adjuntos até, em princípio, cerca de sete. Veja exemplo no Quadro 9:

Quadro 9 – A Estrutura do Resíduo

MOOD		RESÍDUO			
Sujeito	Finito	Predicador	Complemento	Complemento	Adjunto de tempo
Maria	precisa	enviar	camisas	ao orfanato	hoje

Fonte: Halliday (1994)

Todavia, autores, como Lemke (1998) notam que a abordagem hallidayana tende a confundir a função interpessoal (*Mood*) com a função do “intrometimento” pessoal (Modalidade). Assim, Thompson e Thetela (1995) propõem que se faça uma distinção no interior da metafunção Interpessoal, e vê-la abrangendo duas funções relacionadas, mas relativamente independentes: pessoal (modalidade) e interacional (Modo). Além disso, propõem, na metafunção Textual², a função interativa (para guiar o leitor através do texto: e.g. em resumo, como dissemos antes, etc.). Veja, no Quadro 10, o sistema da interpessoalidade proposto por eles.

Quadro 10 - A função interpessoal

METAFUNÇÃO INTERPESSOAL	Pessoal [Modalidade]	Modalidade ³	• responsabilidade aceita • responsabilidade camuflada
		Avaliação	• proposicional • encaixada
	Interacional [Modo]	Papéis desempenhados	• direto • indireto
		Papéis projetados	• nomeação • atribuição

Fonte: Thompson; Thetela (1995)

² Hoje, a tendência é incluir tanto a metafunção Ideacional, quanto a Textual, no domínio da metafunção Interpessoal, já que uma escolha feita na metafunção Ideacional para descrever uma experiência, quanto os elementos que orientam o leitor no texto, na metafunção Textual, acontecem, em última análise, em nome da interação.

³ Ex.: Eu acho que esteja errado
Há a possibilidade de que ele esteja errado.

2.2.3.1 Avaliatividade (*Appraisal*)

A metafunção Interpessoal tem recebido várias contribuições, as quais têm ampliado seu poder analítico. Assim, Martin (2003), referindo-se em especial a essa metafunção, argumenta que a interação envolve mais que uma simples troca de bens e serviços ou de informação, isto é, como as pessoas estão se sentindo, como elas julgam o semelhante ou como elas apreciam um objeto.

Martin (2003) e seus colaboradores desenvolveram um sistema reticular de descrições de opções semânticas para avaliar pessoas, coisas e fenômenos, e adotaram o termo *Appraisal* (doravante, Avaliatividade). A Avaliatividade é constituída por três principais sistemas: (1) Atitude, que envolve três subsistemas, a saber: Afeto, Julgamento e Apreciação. O Afeto envolve um conjunto de recursos linguísticos para avaliar a experiência em termos afetivos, para indicar efeito emocional positivo ou negativo de um evento. O Julgamento envolve significados que servem para avaliar o comportamento humano com referência a normas que regem como as pessoas devem ou não agir. A Apreciação avalia os objetos em termos estéticos, envolvendo também a Avaliação Social, que se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

(2) O Compromisso, que foi detidamente estudado por White (2003), distingue entre enunciados heteroglóssicos ou dialógicos (nos quais se sinaliza uma posição que explicitamente mostra diversidade de opiniões, com implicação de conflito e luta entre as vozes;) e enunciados monoglóssicos (*bare assertions*) (em que o escritor se posiciona, construindo a audiência como partilhando a mesma visão de mundo).

(3) A Gradação, que trata dos recursos para intensificar ou minimizar a força ou foco da avaliação.

Na essência, Avaliatividade é um enquadre localizado na Gramática Sistêmico-Funcional que mapeia os recursos que usamos para avaliar a experiência social (veja MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE 2005; WHITE, 2003). Esses recursos podem se realizar através de várias estruturas gramaticais e léxico. A análise da Avaliatividade é um modo de capturar de maneira compreensiva e sistemática os padrões avaliativos globais que ocorrem num texto, conjunto de textos ou discursos institucionais.

A Avaliatividade permite expressões de significado avaliativo direto ou indireto, mas também explica os modos pelos quais padrões de significado avaliativo se acumulam dinamicamente através do texto, processo chamado de prosódia pelos sistemicistas.

Diz o autor, que os sistemas de Avaliatividade também se ligam a outros sistemas: assim o significado avaliativo (metafunção Interpessoal) em: “*O filme era **muito triste***”, está próximo, em termos semânticos, ao do processo mental de afeição (metafunção Ideacional): “*O filme me **comoveu até as lágrimas***”.

O quadro 11, a seguir, resume os recursos da Avaliatividade segundo Martin (2000).

Quadro 11 - Recursos de Avaliatividade

AVALIATIVIDADE	COMPROMISSO	monoglóssico [sem negociação]	
		heteroglóssico [com negociação]	
	ATITUDE	Afeto Julgamento Apreciação Avaliação Social	
	GRADUAÇÃO	FORÇA	aumenta [<i>completamente devastado</i>] diminui [<i>um pouco chateado</i>]
		FOCO	aguça [<i>um policial de verdade</i>] suaviza [<i>cerca de quatro pessoas</i>]

Fonte: Martin (2000)

Examinando a Avaliatividade, ele diz que a questão atinge um ponto crítico quando se trata de avaliação implícita. Quando a avaliação está explicitamente realizada, é possível a análise da atitude em positiva ou negativa, o que não ocorre em casos de Avaliatividade implícita. Este fato levou Martin a postular uma distinção importante entre Avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita). Nesse sentido, o autor propõe a noção de *token* de atitude para denominar o modo pelo

qual o significado ideacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, interpessoais.

De acordo com Coffin e O'Halloran (2006), apito do cão [*dog-whistle politics*] é a frase que foi cunhada recentemente para capturar a forma de avaliação implícita. É onde a comunicação política usa significados aparentemente neutros, mas que devem ser “entendidos” como uma mensagem negativa pela comunidade-alvo (MANNING, 2004).

Para explicar sistematicamente o efeito do posicionamento dessa forma implícita de avaliação, e para evitar a hiperinterpretação, as autoras sugerem a confrontação da referida reportagem com um mini-corpus (*Sun* mini corpus: coleta entre 23 a 30 de abril 2004, uma semana antes da reportagem de 1º. de maio), além de um outro corpus (45 milhões de palavras: *Sunnow* corpus). Pode-se verificar, então, que a avaliação direta de um fenômeno de um intratexto prévio condiciona o leitor para uma avaliação indireta do mesmo fenômeno; o mesmo ocorre com a avaliação direta de fenômeno relacionado num intertexto prévio. É o que se chama de logogênese, segundo Halliday (1992, 1993) e Halliday e Matthiessen (1999).

O contrabando de informação, mencionado por Luchjenbroers e Aldridge (2007), é outro recurso de avaliação implícita. Os autores tratam da noção de *frames* ou enquadres, conjunto de informações aceitos culturalmente, que acompanham qualquer termo lexical. A adequação do *frame* escolhido é também muito importante para “contrabandear uma informação”, um termo usado quando uma informação (negativa) é sub-repticiamente inserida, por exemplo, nas declarações de uma testemunha. Os *frames* de referência associados a cada escolha lexical derivam componentes adicionais de significados, i.e., cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes no uso do termo escolhido. O acesso do interlocutor a essas associações depende de sua experiência e de sua compreensão das normas sociais que determinam essas escolhas lexicais.

2.2.3.2 A Prosódia

Com referência à Avaliatividade, Martin (1992, p. 553-559) e outros notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes,

tendem a ser “prosódicas”, enquanto dos significados ideacionais tendem a ser realizações mais segmentáveis e localizadas. Podemos interpretar esse fato, segundo Lemke (1998), dizendo que componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se através da oração ou da oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto. Quando isso acontece, eles se sobrepõem a outros significados avaliativos, e os escritores experientes encontram meios de integrar suavemente os resultados através de delicadas escolhas lexicais e interdependências gramaticais. Ficará claro, assim, que as avaliações de proposições e propostas não são independentes, em longos textos, da avaliação de Participantes, Processos e Circunstâncias incluídos em proposições e propostas.

Lemke (1998), examinando um corpus constituído de editoriais, chama de realização prosódica esse significado atitudinal que se estende pelo texto e que inclui: a coesão avaliativa, a propagação sintática, a avaliação projetiva, a avaliação prospectiva e retrospectiva, e sugere que esses significados avaliativos tenham um papel importante na análise do discurso da heteroglossia social e da identidade individual e coletiva.

Já Thompson (1998) denomina de “ressonância” uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente. Também o termo “logogênese” é para identificar essa construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999).

Assim, a Avaliatividade trata das expressões de Atitude evocadas (implícitas) e inscritas (explícitas), que entram numa espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. Sobre a questão, Macken-Horarik (2003) fala de metarrelação, que, segundo ela, possibilita interpretar a co-padronização de escolhas de Avaliatividade em certas fases e construir as relações semânticas entre uma fase e outra. Assim, podemos tratar não somente de formas explícitas de avaliação como a Avaliatividade inscrita, mas também de escolhas de Avaliatividade implícita através de longos trechos do texto. Podemos ver os modos pelos quais as combinações de escolhas conspiram, para criar atitudes específicas no leitor ideal conforme ele processa o texto. E podemos ver como certas configurações de metarrelações co-ocorrem em diferentes aspectos no

posicionamento do leitor. Enquanto a empatia favorece a seleção de confirmações, as oposições e avaliações internas, percepção ética favorece as avaliações externas, internas e transformações.

2.2.4 A Metafunção Textual

Em relação à metafunção Textual, diz Matthiessen (1995) que ela constrói os significados Ideacionais e Interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto. Podemos falar em “guia” do ponto de vista do ouvinte (que é “projetado” pelo falante nas suas escolhas textuais). Assim, as condições textuais, tais como, tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais. Tema, foco informacional, elipse-substituição e referência fazem contribuições complementares, guiando os ouvintes no processo de construir sistemas instanciais a partir do texto.

Dito isso, veja como o exemplo: *Certamente, ele estudou inglês no passado*, seria analisado, considerando as três metafunções.

Quadro 12 - As três metafunções

METAFUNÇÕES	Certamente	ele	estudou		inglês	no passado
<i>Ideacional</i>	-----	Ator	Processo material		Meta	Circunstância
<i>Interpessoal</i>	Certamente	ele	estud-	-ou	inglês	no passado
	Mood		Resíduo	Mood	Resíduo	
	Finito: Modalidade	Sujeito	Predicador	Finito: Tempo	Complemento	Adj. adverbial
<i>Textual</i>	Certamente ele		estudou inglês no passado			
	Tema		Rema			

Fonte: Halliday (1994)

- Em relação à metafunção Ideacional, o verbo “estudar” expressa um Processo Material, “ele” um participante “Ator”; “inglês” um participante “Meta”; e no

passado” uma Circunstância de tempo. Esses elementos representam a Transitividade da oração.

- Em relação à metafunção Interpessoal, é uma sentença declarativa, na qual o *mood* é realizado pelo Sujeito “ele”, e pelo Finito: (i) pela terminação “-ou” (flexão do pretérito perfeito); (ii) pela Modalização “certamente”. O restante da frase forma o Resíduo.
- Em relação à metafunção Textual, “ele” realiza o Tema da frase e o restante, o Rema. O Tema é o ponto de partida da mensagem e indica uma posição importante na frase, ajudando a estruturar o discurso e a dar proeminência aos elementos que o compõe.

Como Martin e White (2005, p. 7) explicam, “a GSF é um modelo multi-perspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso”. Além disso, a língua é vista como uma prática social, o resultado da relação entre dois aspectos fundamentais – sua sistematicidade e sua funcionalidade (MARTIN, 1997). A funcionalidade – o que mais me interessa – está refletida no discurso através da estrutura gramatical interna da língua, isto é, as funções da língua fornecem as motivações para a sua forma e a sua estrutura (HALLIDAY, 1978).

2.2.4.1 A Metáfora Gramatical

Para uma dada configuração semântica, haverá, segundo Halliday (1994), uma realização, na léxico-gramática, que será considerada congruente e outra, não congruente ou metafórica. O autor trata do que chama de “metáfora gramatical ideacional”, a nominalização de verbos e adjetivos, processo pelo qual padrões oracionais (p. ex.: *o álcool destrói*) são substituídos por sintagmas nominais – ou “grupos nominais”, segundo a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) – (p.ex.: *destruição pelo álcool*).

A nominalização traz consigo algumas consequências para o discurso. Assim, perdem-se informações como as indicações de modo e de tempo, ou ainda do sujeito do verbo, com a consequente despersonalização da oração. Esse

escamoteação do sujeito, segundo Fowler (1991), pode contribuir no processo persuasivo. Há também a possibilidade de o nome resultante (no caso: destruição) ter a ele atribuído um adjunto adnominal (como em: total destruição), recurso que é, segundo Fowler, o modo persuasivo mais adequado para a introdução de uma avaliação com vistas à sua aceitação pelo leitor. Por outro lado, como demonstrou Figueiredo (2006), o nome resultante da nominalização pode, assim, integrar o Tema (o chamado sujeito psicológico) de uma oração, possibilitando ao autor selecionar e focalizar o elemento que deseja na oração, para assim guiar a interpretação do leitor. Além disso, o uso da nominalização em lugar do verbo tem o efeito de distanciar o escritor do leitor, permitindo-lhe posicionar-se como especialista do assunto e, desse modo, tomar as rédeas na argumentação corrente (FOWLER, 1991).

No que diz respeito à metafunção Textual, nas análises presentes nessa tese, tratarei apenas da nominalização

2.2.5 A Logogênese

O termo "logogênese" refere-se a essa construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Já Thompson (1998) denomina de "ressonância" a harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente.

Por outro lado, nesse processo que se desenvolve conforme o texto prossegue, pode ocorrer um fenômeno denominado "metáfora de processo" em que, por exemplo, um verbo de Processo Mental "lembrar" (e.g. Estou lembrando a vocês que não vou tolerar mais brincadeiras de mau gosto) pode atuar como um Processo Material, significando "ameaça", ou seja, uma ação mais física do que uma ação mental.

Além disso, devido à existência de vários tipos de nominalização em certos registros, uma proposição num ponto do texto pode tornar-se "condensado" (e.g. "confirmação") atuando como um participante em outro trecho (e.g. a confirmação chocou a população); e Participantes (especialmente nomes abstratos) podem ser

“expandidos” pelo leitor em proposições implícitas através da referência a algum intertexto, ou ao contexto imediato, recuperando assim os Participantes de “confirmar” (e.g. *João confirmou a denúncia*) (LEMKE, 1998).

O que a noção de logogênese acresce à análise do discurso é o fato de que o significado não se encontra isoladamente em uma palavra, frase ou sentença, mas é construído conforme o texto se desdobra. Artigos de opinião e editoriais recorrem frequentemente a esse artifício especialmente quando tecem críticas de maneira implícita, fazendo resultar um texto que só no todo revela a intenção do autor.

Por outro lado, a GSF, segundo Muntigl (2002), pressupõe uma relação íntima entre língua e contexto. Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto.

2.2.6 A Linguística Crítica

No bojo da GSF, encontra-se a Linguística Crítica, uma das correntes formadoras da Análise do Discurso Crítica, abordagem desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia, Inglaterra, na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS e HODGE, 1979). Segundo Fairclough (1992a, p. 46): “Eles tentaram casar um método de análise linguística e textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à GSF”. O objetivo dessa abordagem é a interpretação crítica de textos: “a recuperação dos sentidos sociais expressos no discurso pela análise das estruturas linguísticas à luz dos contextos interacionais e sociais mais amplos” (FOWLER et al., 1979, p. 195-196).

Todos reconhecem a importância da língua no processo da comunicação, mas na prática, segundo Fowler (1979), a língua recebe um tratamento relativamente pequeno. Por isso, é seu objetivo dar à língua a devida importância, não somente como um elemento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação. Para Fowler (1979), na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão desses valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica.

Para Fowler (1979), qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica; seleção lexical, opção sintática, etc., todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação). Assim, a análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. A Linguística Crítica procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer, para o nível da consciência, os padrões de crenças e valores codificados na língua – que estão subjacentes ao texto e que são invisíveis para quem aceita o discurso como algo “natural”.

Por outro lado, com referência à linguagem da crítica social, trazemos a proposta de El Refaie (2005) sobre a ironia.

2.2.6.1 A Ironia

El Refaie (2005) refere-se à observação de alguns linguistas de que a dissensão social é em geral articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante. O estudo da “antilinguagem”, de Halliday (1978), por exemplo, que se originou de grupos socialmente excluídos tal como o submundo do crime, revela notável continuidade entre essas antilinguagens e a linguagem da maioria, já que são partes do mesmo sistema social. Da mesma maneira, em sua análise do debate sobre a imigração e minorias na Bélgica, Blommaert e Verschueren (1998) chegaram à conclusão de que a autoproclamada maioria tolerante na verdade apresenta o mesmo discurso da minoria racista, porque ambos não confiam na convivência da diversidade com a homogeneidade cultural.

Daí a dificuldade fundamental de se achar uma linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente. O que dá à ironia seu potencial subversivo é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que

seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

De acordo com Clift (1999, p. 523), a compreensão da ironia envolve a percepção de dois aspectos do significado ao mesmo tempo. A autora adota a distinção de Goffman (1974) entre “animador”, a pessoa que articula um enunciado, seu “autor”, a pessoa que o compõe, e seu “principal”, aquele que está comprometido com a proposição expressa no enunciado. A ironia, ela diz, emerge da manipulação deliberada dessas distinções – uma “mudança de alinhamento” – pelo ironizador. Ao sinalizar um enquadre mental (*frame*) distante acerca do que é expresso, torna-se possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre. A ironia, assim como o humor, apresenta-nos uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser.

A meta do enquadre irônico de um significado é em geral a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é irônica.

A seguir, na esteira da proposta de Reynolds (1997), segundo a qual a textura de um texto resulta da instanciación no discurso de duas ordens virtuais de estrutura, ou seja, a estrutura linguística e a estrutura genérica, trato da estrutura de gênero, envolvendo os modos textuais, e a estrutura linguística, enfocando a persuasão e a construção do “mundo textual”.

A estrutura genérica conta em sua constituição com os modos textuais. Diz Reynolds (2000): se a língua e o gênero juntos fornecem a estrutura para o discurso, então esses são realizados como textura. Textura é o resultado da mistura de modos textuais, que juntos abrangem o discurso e correspondem a funções para as quais precisamos da língua e a usamos. Para usar uma metáfora, tecemos fato e opinião juntos no discurso: daí, a ‘textura’.

2.3 Persuasão

Poggi (2005) apresenta um modelo de persuasão em termos de metas e crenças. Ela vê a persuasão como um modo de influenciar uma pessoa, isto é, de gerar novas metas ou ativar metas antigas, por meio do instrumento de atração de metas comunicativas, em especial por meio da convicção. A persuade B, quando por meio da comunicação, é bem sucedido em causar que B persiga a MA (meta de A) proposta por A. A assim o faz levando B a acreditar que a MA seja uma submeta da MB (meta de B). Para persuadir B, A pode usar três diferentes estratégias: *logos* – argumentando que MA é útil para MB; *ethos* – parecendo crível e confiável para B; e *pathos* – fazendo B sentir emoções que desencadeiam a MA ou antecipando emoções que seriam sentidas ao perseguir MA.

A autora afirma que essas estratégias em geral agem juntas em discursos persuasivos verbais ou não verbais, e mostra como, em termos de hierarquia de metas, uma análise de diferentes tipos de atos persuasivos – discurso político, propaganda, diálogos – e esclarece a relação entre as metas daquele que convence e daquele que é convencido, e elucida o quanto e quão diretamente o autor da persuasão apela para esses três meios.

Por outro lado, vem ao encontro de minha análise, a noção de *crypto*-argumentação – ou argumentação secreta – aquela que subjaz a um texto narrativo e descritivo, por meio da construção recursos utilizados para implicitamente persuadir o leitor, segundo Kitis e Milapides (1997). Para os autores, a persuasão envolve: (a) convicção [através evidências] e (b) sedução [através do apelo à emoção].

Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um auditório universal; a sedução, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento dos interlocutores por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um auditório particular: o primeiro conduz a certezas, ao passo que o segundo leva a inferências que podem levar esse auditório à adesão dos argumentos apresentados.

Tratando do assunto, Latour e Woolgar (1979, p. 240) afirmam que “o resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos

de que não foram convencidos”. Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores partilhados (HALLIDAY, 1985). Martin (2003, p. 173) alerta, então, para o fato de que “o apego a categorias explícitas significa perder-se uma grande porção do significado atitudinal implicada pelos textos”. Esse tipo de persuasão, que acontece cumulativamente conforme o texto se desenrola pode ser extremamente eficaz em certos contextos.

2.3.1 Teoria de “Mundo Textual” como uma Teoria do Discurso

A teoria de Mundo Textual tal como desenvolvida, entre outros, por Semino (1997) e Werth (1999) traz consigo noções derivadas da tradição da linguística textual e noções de teorias mais recentes como a metáfora e espaços mentais. Essas teorias partilham uma visão de processamento de texto como um evento dinâmico em que tanto o autor quanto o leitor desempenham papéis ativos; nessa perspectiva, a negociação é um elemento crucial de interação, já que antecipa e determina a natureza do discurso que se desenrola.

Argumenta-se que o modelo do Mundo Textual é adequado para a descrição do modo como o discurso processado, de modo ativo, dinâmico e dependente-de-contexto. Nesse processo, o receptor reconstrói o mundo projetado no discurso de acordo com seu próprio conhecimento cultural e pessoal a partir de pistas linguísticas, bem como visuais, no caso de textos que envolvem o não verbal.

A natureza cognitiva da noção de Mundo Textual é apresentada também por Semino (1997, p. 1) que a defende assim: “Quando lemos, inferimos ativamente um mundo textual “atrás” do texto. Por Mundo Textual ele se refere ao contexto, ao cenário ou tipo de realidade que, evocado em nossas mentes durante a leitura, e que é referido pelo texto.” O Mundo Textual não é uma entidade fixa que é percebida da mesma maneira pelos leitores; de fato, nem há garantia de que os receptores construirão o mundo textual pretendido pelo produtor.

Segundo Fowler (1986:17), a visão de mundo reproduz ideologias, no sentido de que a língua, como um instrumento de classificação e de interpretação da

realidade, constrói versões “senso comum” de como as coisas devem ser no mundo que habitamos. A relação indireta entre a mente humana e a realidade, domínios que são mediados pela língua, é salientada por abordagens cognitivistas do estudo da língua (LAKOFF; JOHNSON, 1980; VAN DIJK; KINTSCH, 1983; FAUCONNIER, 1985; SEMINO, 1997; WERTH, 1999). Assim, as teorias cognitivas baseadas em noções como *frame*, modelo mental e mundo enfatizam o papel ativo desempenhado pelo leitor na construção de mundo que é evocado pelo texto em sua mente. Portanto, falar em discurso entendido como texto em contexto significa não somente tratar de fatores pragmáticos, mas também da criação de específicos mundos mentais ou construção de dada realidade.

Passo a apresentar o Quadro 13, que traz as teorias até aqui apresentadas.

Quadro 13 – Teorias que integram a análise crítica do discurso dos gêneros ensaio e artigo de opinião

Análise com apoio da Gramática Sistêmico-Funcional e da Linguística Crítica Metafunção Ideacional: A Transitividade Metafunção Interpessoal: A Avaliatividade	
ASSUNTO	DIVISÃO DO ASSUNTO
Estrutura de Textos dos Gêneros Artigo de Opinião e do Ensaio	Teoria do Gênero e Registro (EGGINS; MARTIN, 1997) Estágios do Gênero (PORTA, 2002) Modos Textuais (REYNOLDS, 2000) Argumentação (TOULMIN, 1958)
Estrutura Linguística	Persuasão – Apito do Cão (MANNING, 2004; COFFIN; O'HALLARAN, 2006) Persuasão – Contrabando de Informações (ALDRIGE, LUCHJENBROERS, 2007) Ironia (EL REFAIE, 2005) Mundo Textual (SEMINO, 1997; WERTH, 1999)

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo comparativo entre dois textos – um ensaio e um artigo de opinião – , uma pesquisa cujos limites são esclarecidos em termos de resposta a perguntas feitas, de fontes de dados usadas, e do contexto envolvido. A pesquisa, de cunho crítico, tem o apoio da Gramática Sistemico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), que possibilita relacionar as escolhas léxico-gramaticais do texto à estrutura da ideologia e das relações de poder do discurso.

3.1 Dados

A análise será feita, levando em consideração os seguintes dados:

- (a) 1 ensaio publicado na revista *Veja*.
Há Cabrais e Cavendishes, de Roberto Pompeu de Toledo (*Veja*, 15 de maio de 2012).
- (b) 1 artigo de opinião publicado no jornal *Folha de São Paulo*.
Por que a Educação é importante?, de Hélio Schwartzman (*Folha de São Paulo*, 8 de janeiro de 2014).

A seleção do gênero ensaio se deu pelo fato de ele ser caracterizado, conforme Kazue (2011), por “sequência argumentativa que gira em torno de uma tese que se fundamenta em relação entre argumentos – dados – ou razões que levam a uma conclusão, com a pretensão de agir sobre o interlocutor, fazendo com que este acolha as ideias do enunciador”. Apesar de, em muitos casos, textos do gênero ensaio apresentarem um estilo que pode se aproximar do literário, há um rigor na argumentação e na demonstração, sendo formalmente apresentado. Dessa forma, a seleção do gênero está de acordo com o exame de questões referentes à argumentação, ponto central nas perguntas de pesquisa.

Já a seleção do gênero artigo de opinião se deu pelo fato de, segundo Bräkling (2000), os textos desse gênero buscarem convencer o outro “de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê

uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que posam convencer o interlocutor”. Além disso, trata-se de um gênero de estudo e produção frequente na esfera escolar, em específico nas séries finais do Ensino Fundamental II e ao longo do Ensino Médio.

A seleção de dois textos, de gêneros diferentes, além de possibilitar responder às perguntas de pesquisa, também permitirá a investigação sobre a possibilidade dos Estágios e Finalidades do Gênero (MARTIN, 1984) delimitar características específicas de textos classificados em um determinado gênero, como Ensaio ou como Artigo de Opinião.

Um dos fatores que concorreu para a seleção dos dois textos foi o de cada um deles ser publicado em seções específicas: o texto de Roberto Pompeu de Toledo na página final da revista *Veja* sob o título “Ensaio” e o texto de Hélio Schwartsman na página 3 da *Folha de São Paulo* sob o título “Artigo de Opinião”. Além disso, são autores com publicações de textos semanais ou quinzenais, em páginas destinadas a textos argumentativos.

A seleção de dois textos se ampara no fato desse trabalho comparativo ter como objetivo analisar a estrutura de exemplares de texto argumentativo, verificar como a argumentação é tecida nesses textos e quais recursos persuasivos são usados no processo de argumentar. Nos dois textos eleitos para análise, verifica-se a possibilidade de, por meio do suporte da Gramática Sistêmico Funcional, responder às perguntas de pesquisa e contribuir para o estudo das estratégias argumentativas, envolvendo a estrutura do gênero, bem como os recursos de avaliação.

A escolha dos periódicos de onde esses textos foram retirados teve como critério a representatividade na tiragem média de exemplares, sendo considerada para seleção do *corpus* da pesquisa um ensaio publicado na revista de maior tiragem nacional (Revista *Veja*, com uma circulação média de janeiro a setembro de 2014 de 1.167.928 exemplares semanais⁴) e um artigo de opinião publicado no jornal líder nacional de circulação (tiragem média diária no ano de 2014, nas plataformas impressa e digital, de 342,2 mil exemplares, segundo o Instituto

⁴ Último dado relacionado à tiragem média semanal da revista *Veja* até a data de elaboração dessa tese, divulgado pela Associação Nacional de Editores de Revistas – ANER. <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>

Verificador de Circulação (IVC))⁵.

3.2 Procedimentos de Análise

Para responder às perguntas de pesquisa: (a) Como se caracteriza a estrutura dos textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião selecionados? (b) Como é tecida a argumentação nesses textos? (c) Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo? Os textos serão examinados, levando-se em consideração as categorias do Quadro 13, procedendo-se da seguinte forma:

- (a) Na primeira fase da análise, apresento o texto na íntegra e caracterizo o contexto de Registro por meio do exame de suas variáveis: Campo, Relações e Modo.
- (b) Na segunda fase da análise, examino: (a) os estágios e as finalidades de Gênero, apoiada na definição de gênero, de Martin, e para as finalidades, apoio-me em Porta e Toulmin; finalmente, os Modos Textuais serão identificados em cada estágio de gênero.
- (c) Feito isso, na terceira fase da análise, examino a metafunção Ideacional, por meio do sistema de Transitividade [T] (sublinhando os termos analisados e indicando, entre colchetes, os Participantes que estão elípticos no texto), seguida da metafunção Interpessoal [I], por meio da Modalidade e da Avaliatividade (indicados em negrito), conforme exemplo a seguir:

⁵ Último dado relacionado à tiragem média diária do jornal Folha de São Paulo até a data de elaboração dessa tese, divulgado pelo Índice Verificador de Circulação – IVC.
<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/06/1478097-folha-mantem-lideranca-de-circulacao-no-pais-mostra-ivc.shtml>

	A comitiva do primeiro Cabral observou, curiosa , como os índios			
(T)	Experienciador	MENTAL	Fenômeno	Ator
(I)	Julgamento(-) <i>token</i>			
	andavam muitos deles dançando e folgando , uns diante dos outros.			
(T)	MATERIAL	Ator	MATERIAL MATERIAL	Ator Meta
(I)	Julgamento(-) <i>token</i>			

Nesse exemplo, os termos avaliados como *tokens*, referem-se à Avaliatividade que são percebidas como negativas devido ao contexto em que se encontram, ou seja, de crítica a um determinado comportamento.

(d) A análise das escolhas léxico-gramaticais é feita com o objetivo de entender como é feita a persuasão – na macroestrutura do discurso – nos textos examinados, de acordo com Fowler (1991), para quem qualquer elemento da estrutura linguística carrega um viés ideológico.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já mencionado, cada texto será analisado em três fases. Na primeira fase, apresento o texto na íntegra e caracterizo o contexto de Registro por meio do exame de suas variáveis: Campo, Relações e Modo. Na segunda fase da análise, examino os estágios e as finalidades do Gênero e os Modos Textuais identificados em cada estágio de gênero. Na terceira fase da análise, examino a metafunção Ideacional, por meio do sistema de Transitividade, seguida da metafunção Interpessoal, por meio da Modalidade e da Avaliatividade.

4.1 Análise do Ensaio “*Há Cabrais e Cavendishes*”

4.1.1 Análise de Registro de “*Há Cabrais e Cavendishes*”

Início as análises dos ensaios, precedidas: (a) pela apresentação de seu conteúdo na íntegra e (b) da contextualização situacional por meio do Registro, caracterizando o Campo, as Relações e o Modo a fim de diminuir a subjetividade da análise (GOATLY, 1994).

(a) Texto na íntegra

<i>Há Cabrais e Cavendishes</i> Roberto Pompeu de Toledo VEJA de 15/05/12
(1) Entre o primeiro Cabral (o Pedro Álvares, descobridor do Brasil) e o segundo (o Sérgio, governador do Rio de Janeiro) medeiam cinco séculos, mas algo os une: ambos se tornaram célebres pelas viagens. A bem da verdade, a viagem do primeiro Cabral tomou-o célebre já faz tempo, enquanto as do segundo só recentemente se impuseram com a evidência merecida. Isso não impede que o segundo, assim como o primeiro, entre para a história por força delas.

(2) O primeiro Cabral deslumbrou-se com o mundo com que deparou. Araras, índios nus enfeitados com penas e índias que vão mostrar as vergonhas “têm tanta inocência como em mostrar os rostos”, conforme registro do escrivão Pero Vaz de Caminha, fizeram o espanto e a alegria da comitiva. O segundo igualmente se deslumbrou. Miçangas como finos restaurantes e sapatos para senhoras, segundo imagens captadas nos locais visitados, proporcionaram à sua comitiva alegria que não ficou a dever à distante antecessora. A comitiva do primeiro Cabral observou, curiosa, como os índios “andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros”. A comitiva do segundo Cabral tratou ela própria de exibir seu exotismo, os homens dançando e folgando com guardanapos na cabeça.

(3) Sérgio Cabral passou 128 dias no exterior desde que assumiu o governo do estado, em 2007, segundo contabilizou o jornal O Estado de S. Paulo, com base em informações do Palácio Guanabara. O total o estabelece como um viajante de respeito. Ainda mais que nele não se incluem as viagens particulares; só as ditas “oficiais”. Pedro Álvares Cabral gastou 44 dias em sua penosa viagem de Lisboa até o local hoje conhecido como Brasil — um terço do que gastou em suas perambulações o homônimo de cinco séculos depois. O destino preferencial de Sérgio Cabral foi Paris, onde esteve cinco vezes; quatro vezes esteve em Londres, e outras quatro em Nova York. A Pedro Álvares, na viagem à Índia que encetou em sequência à breve passagem pelo Brasil, couberam destinos como Melinde e Calicute. Não parece, mas na época eram lugares igualmente glamourosos. Pena que até chegar a eles mais da metade dos navios foi destroçada nas tempestades e a tripulação foi dizimada.

(4) Entre o primeiro Cavendish (Thomas, navegador inglês) e o segundo (Fernando, até outro dia dono da construtora Delta) há igualmente cinco séculos de distância, mas também pontos em comum: a busca da riqueza, para começar; os vaivéns da sorte, em seguida. O primeiro Cavendish poderia ter entrado na história pela glória de, entre os anos de 1585 e 1588, ter repetido a proeza de Fernão de Magalhães ao circunavegar o globo. Na história do Brasil, entrou na qualidade de pirata. O segundo Cavendish poderia ter se destacado como empresário que em poucos anos conduz a pequena empreiteira herdada do pai ao posto de uma das maiores do país. Acabou enredado na teia das operações do bicheiro Carlos Cachoeira.

(5) Fernando Cavendish começou pequeno, virou grande e ameaça acabar em nada. Thomas Cavendish conheceu também os altos e baixos. Na viagem de circunavegação,

amealhou fortuna saqueando navios e portos das colônias espanholas da América, numa época em que a Espanha estava em guerra com a Inglaterra. Tal foi seu sucesso que recebeu da rainha Elizabeth I o título de “sir”. Esbanjou a fortuna, no entanto, e na tentativa de refazê-la fez-se de novo ao mar, desta vez tendo por alvo os portos brasileiros. No dia de Natal de 1591, chega a Santos. Para sua sorte, praticamente toda a população da cidade se encontrava na igreja, celebrando a data. Foi fácil mantê-la ali dentro, presa, enquanto a vila era saqueada.

(6) Fernando Cavendish, amigo íntimo de Sérgio Cabral, seu vizinho nas casas de veraneio de Mangaratiba e companheiro de estripulias em Paris, é um dos integrantes da agora famosa roda do guardanapo. Seu distante homônimo também gostava de festividades. Apesar de não passar de um “franco ladrão dos mares”, nas palavras de um historiador, “sabia dar às suas façanhas e depredações uma cor de elegância cavalheiresca, tomando-se popular, e sendo aplaudido, em vez de renegado, pela própria aristocracia europeia” (Rocha Pombo). Terminou mal, no entanto. Ao voltar a Santos, para um segundo assalto, foi repellido, assim como o seria em seguida no Espírito Santo, perdendo na aventura a frota e o grosso de seus homens. Morreu no mar, sem conseguir voltar à Inglaterra, “provavelmente ralado pelo remorso”, segundo outro historiador (Varnhagen).

(b) O contexto situacional: Registro

Campo: O ensaio “Há Cabrais e Cavendishes” apresenta uma comparação entre os personagens históricos Pedro Álvares Cabral e Thomas Cavendish com o então governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, e o dono da construtora Delta, Fernando Cavendish. Sérgio Cabral governou o estado do Rio de Janeiro de 01 de janeiro de 2007 a 03 de abril de 2014. No mês anterior à publicação do ensaio, foram amplamente divulgadas na mídia, pelo então deputado Anthony Garotinho – opositor do governador – , fotos e um vídeo em que Fernando Cavendish e Sérgio Cabral, acompanhados de comitiva oficial, dançavam com guardanapos na cabeça, em uma festa provavelmente em Paris ou em Mônaco. Soma-se a isso o fato de, naquele momento, Fernando Cavendish estar sendo investigado em uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) por suposto beneficiamento em licitações públicas no estado do Rio de Janeiro. Outro fato é o de a viagem realizada por Sérgio Cabral e comitiva ser oficial, portanto financiada com dinheiro público. A partir

dessa situação, Roberto Pompeu de Toledo relaciona as viagens de Sérgio Cabral com as de Pedro Álvares Cabral e o percurso de Thomas Cavendish com o de Fernando Cavendish.

Relações: O ensaio dirige-se a leitores da revista *Veja*, expondo continuamente a eles conteúdos de diversas áreas, como economia, política, entretenimento, entre outros. Publicado na página final da revista, o ensaio tem lugar de destaque, como se fosse um fechamento, um texto de conclusão da respectiva edição.

Modo: O ensaio em foco é constituído predominantemente dos modos descritivo e narrativo fundido com a argumentação. A razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento com evidências, que são dadas pela descrição e narração, já que elas possibilitam a verificação do conteúdo expresso. Nessa argumentação, o ensaio descreve uma questão política, narra fatos do conhecimento de leitores expostos às opiniões da revista, apoiando-se em elementos de retórica persuasiva

4.1.2 Análise do Gênero e dos Modos Textuais do Ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”

A análise de gênero apoia-se na definição de Martin (1984, p.25): gênero é uma atividade organizada em *estágios*, orientada para uma *finalidade* na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura, em Toulmin (1958) e em Reynolds (2000), por meio da aplicação do modelo retórico e da análise dos modos textuais.

Adoto a seguinte codificação para indicar os modos textuais:

<u>Grifado</u>	Narração
<i>Itálico</i>	Descrição
Negrito	Argumento
<u>Grifado</u> + Negrito	Narração + Argumento
<i>Itálico</i> + Negrito	Descrição + Argumento

Há Cabrais e Cavendishes Roberto Pompeu de Toledo	Estágios e finalidades de gênero
Discussão: O título não antecipa o tema do ensaio e deixa em aberto o posicionamento do autor.	Título /Autoria
<u>Entre o primeiro Cabral (o Pedro Álvares, descobridor do Brasil) e o segundo (o Sérgio, governador do Rio de Janeiro) medeiam cinco séculos, mas algo os une: ambos se tornaram célebres pelas viagens. A bem da verdade, a viagem do primeiro Cabral tomou-o célebre já faz tempo, enquanto as do segundo só recentemente se impuseram com a evidência merecida. Isso não impede que o segundo, assim como o primeiro, entre para a história por força delas.</u>	Situação + Problema: a diferença
Discussão: Viagens unem Cabral, o descobridor do Brasil, e Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro, é a situação caracterizada por Toledo. Mas já nesse fato o autor aponta uma diferença: as do primeiro são antigas, mas as do governador são recentes. Aqui a narração entra em fusão escalada com o argumento "<u>impuseram com a evidência merecida</u>" (REYNOLDS, 2000), que pode ser interpretado como um recurso de “contrabando de informação”, o que desencadeia no leitor as criticadas viagens do governador, muito distantes em seu teor das viagens do primeiro Cabral. Inicia-se assim o Problema, estágio inicial da argumentação (PORTA, 2002), que incide na diferença entre os Cabrais.	
<u>O primeiro Cabral deslumbrou-se com o mundo com que deparou. Araras, índios nus enfeitados com penas e índias que vão mostrar as vergonhas “têm tanta inocência como em mostrar os rostos”,</u>	

conforme registro do escrivão Pero Vaz de Caminha, fizeram o espanto e a alegria da comitiva. O segundo igualmente se deslumbrou. <i>Miçangas como finos restaurantes e sapatos para senhoras, segundo imagens captadas nos locais visitados, proporcionaram à sua comitiva alegria que não ficou a dever à distante antecessora.</i> A comitiva do primeiro Cabral observou, curiosa, como os índios “andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros”. A comitiva do segundo Cabral tratou <i>ela própria de exibir seu exotismo, os homens dançando e folgando com guardanapos na cabeça.</i>	Argumentação em favor da tese da diferença
Discussão: A narração sobre fatos conhecidos do leitor, que inicia o estágio (de gênero), prepara o terreno para a denúncia do problema, este decorrente de inferências que o leitor faz a partir das comparações feitas por Toledo, inocentes para o primeiro Cabral, mas plena de ironia para o governador. A ironia é a forma mais indicada para a crítica implícita (EL REFAIE, 2005). Chama a atenção o fato de Toledo, ao descrever a cena e as impressões do primeiro Cabral e comitiva, fazer uso de citações diretas, marcadas por aspas, indicando a utilização de fontes históricas, nesse caso, a carta de Pero Vaz de Caminha. Nesse ponto, de acordo com Goffman (1974), Toledo assume o papel animador, a pessoa que articula um enunciado, legitimando as afirmações pela voz do outro.	
<i>Sérgio Cabral passou 128 dias no exterior desde que assumiu o governo do estado, em 2007, segundo contabilizou o jornal O Estado de S. Paulo, com base em informações do Palácio Guanabara. O total o estabelece como um viajante de respeito. Ainda mais que nele não se incluem as viagens particulares; só as ditas “oficiais”.</i> Pedro Álvares Cabral gastou 44 dias em	Argumentação Novos dados da diferença

sua penosa viagem de Lisboa até o local hoje conhecido como Brasil — um terço do que gastou em suas perambulações o homônimo de cinco séculos depois. O destino preferencial de Sérgio Cabral foi Paris, onde esteve cinco vezes; quatro vezes esteve em Londres, e outras quatro em Nova York. A Pedro Álvares, na viagem à Índia que encetou em sequência à breve passagem pelo Brasil, couberam destinos como Melinde e Calicute. Não parece, mas na época eram lugares igualmente glamourosos. Pena que até chegar a eles mais da metade dos navios foi destroçada nas tempestades e a tripulação foi dizimada.	
Discussão: A comparação para demonstrar a diferença que cerca os dois Cabrais é iniciada com uma descrição, seguida de argumento, em um processo de fusão linear, sendo o argumento ancorado em um dado (a quantidade de dias que Sérgio Cabral esteve no exterior). Em seguida, a descrição continua, no entanto, em fusão escalada com argumento, tendo em vista que o segundo dado apresentado (a não contabilização das viagens particulares de Sérgio Cabral nos 128 dias em que o governante esteve no exterior) sugere que o governador esteve ausente do Brasil por mais dias do que o especificado. Em seguida, há uma narração em fusão escalada com argumento, na qual é apresentada a quantidade de dias utilizada por Pedro Álvares Cabral para fazer o trajeto da Europa até o Brasil (44), cinco séculos antes das viagens do governador. A descrição e narração asseguram a veracidade dos fatos trazidos para o texto, sendo que o contexto que cerca os Cabrais mostra as viagens do segundo como impróprias para um governador em exercício. Aqui nota-se o uso do recurso apito do cão (COFFIN e O'HALLORAN, 2006), no qual significados aparentemente neutros devem ser entendidos como uma mensagem negativa pelo público-alvo. Nesse parágrafo, é evidenciado que entre os Cabrais, há mais diferenças do que semelhanças, sendo a história	

do primeiro Cabral repleta de glória e bravura (<i>44 dias de penosa viagem</i>, marcada por <i>tempestades</i> e mortes) de Lisboa até a costa brasileira e a trajetória do segundo Cabral caracterizada, conforme o autor dá a entender, pela futilidade e pelo uso impróprio de dinheiro público em viagens supostamente desnecessárias.	
<i>Entre o primeiro Cavendish (Thomas, navegador inglês) e o segundo (Fernando, até outro dia dono da construtora Delta) há igualmente cinco séculos de distância, mas também pontos em comum: a busca da riqueza, para começar; os vaivéns da sorte, em seguida. O primeiro Cavendish poderia ter entrado na história pela glória de, entre os anos de 1585 e 1588, ter repetido a proeza de Fernão de Magalhães ao circunavegar o globo. Na história do Brasil, entrou na qualidade de pirata. O segundo Cavendish poderia ter se destacado como empresário que em poucos anos conduz a pequena empreiteira herdada do pai ao posto de uma das maiores do país. Acabou enredado na teia das operações do bicheiro Carlos Cachoeira.</i>	Situação Comparação, apresentação de dados de diferenças e semelhanças e argumentação
Discussão: A comparação estabelecida é entre o navegador inglês Thomas Cavendish e o empresário Fernando Cavendish. O autor inicia o parágrafo com uma descrição e, na sequência, introduz a narrativa e o argumento, por meio de fusão escalada. Para fundamentar o argumento, utiliza dados objetivos, de forma a garantir a reivindicação (TOULMIN, 1958). O dado apresentado relativo ao navegador Thomaz Cavendish é: entre 1585 e 1588 circunavegou o globo, tendo entrado para a história não como um importante navegador, mas como um pirata. O dado apresentado sobre o empresário Fernando Cavendish é: conduz a pequena empreiteira herdada do pai, tornando-a uma	

das maiores do país e entra para a história não como um importante empresário, mas como alguém envolvido em contravenção. Esses dados garantem a reivindicação feita por Toledo de ambos buscarem riqueza e sofrerem reveses ao longo de suas trajetórias. Assim, os Cavendishes, separados pelo tempo, guardam mais semelhanças entre suas trajetórias (contravenção e derrocada) do que diferenças.	
Fernando Cavendish começou pequeno, virou grande e ameaça acabar em nada. Thomas Cavendish conheceu também os altos e baixos. <u>Na viagem de circunavegação, amealhou fortuna saqueando navios e portos das colônias espanholas da América, numa época em que a Espanha estava em guerra com a Inglaterra. Tal foi seu sucesso que recebeu da rainha Elizabeth I o título de “sir”. Esbanjou a fortuna, no entanto, e na tentativa de refazê-la fez-se de novo ao mar, desta vez tendo por alvo os portos brasileiros. No dia de Natal de 1591, chega a Santos. Para sua sorte, praticamente toda a população da cidade se encontrava na igreja, celebrando a data. Foi fácil mantê-la ali dentro, presa, enquanto a vila era saqueada.</u>	Argumentação Novos dados de semelhança
Discussão: A comparação entre a história de vida de Thomas e Fernando Cavendish é mantida nesse parágrafo. O autor inicia o parágrafo com uma argumentação, seguida de uma narração. Os fatos narrados – Thomas Cavendish conquistou fortuna, recebeu honraria, esbanjou fortuna, voltou ao mar para novas conquistas – confirmam a reivindicação apresentada (TOULMIN, 1958) e reforçam o argumento apresentado no parágrafo anterior: ambos Cavendishes conheceram o sucesso e a derrocada, tendo histórias de vida semelhantes. A construção do estereótipo de “ladrão” é partilhado por ambos (Thomas e Fernando), por contiguidade.	

Fernando Cavendish, amigo íntimo de Sérgio Cabral, seu vizinho nas casas de veraneio de Mangaratiba e companheiro de estripulias em Paris, é um dos integrantes da agora famosa roda do guardanapo. Seu distante homônimo também gostava de festividades. Apesar de não passar de um “franco ladrão dos mares”, nas palavras de um historiador, “sabia dar às suas façanhas e depredações uma cor de elegância cavalheiresca, tomando-se popular, e sendo aplaudido, em vez de renegado, pela própria aristocracia europeia” (Rocha Pombo). Terminou mal, no entanto. Ao voltar a Santos, para um segundo assalto, foi repellido, assim como o seria em seguida no Espírito Santo, perdendo na aventura a frota e o grosso de seus homens. Morreu no mar, sem conseguir voltar à Inglaterra, “provavelmente ralado pelo remorso”, segundo outro historiador (Varnhagen).	Conclusão
Discussão: A apresentação da relação entre Sérgio Cabral e Fernando Cavendish é feita por meio de fusão escalada entre narração e argumento. No papel de animador (GOFFMAN, 1974), Toledo traz as palavras de historiadores que comprovam as características e o destino de Thomas Cavendish, expressando sua opinião apoiado na voz de outros. As semelhanças entre as histórias de vida dos dois Cavendishes podem levar o leitor a supor um destino final também comum a ambos: se o primeiro morreu no mar, com remorso, é possível que tal desfecho também seja o do segundo Cavendish. A afirmação da proximidade entre Sérgio Cabral e Fernando Cavendish(<i>amigos íntimos, vizinhos nas casas de veraneio de Mangaratiba e companheiro nas estripulias de Paris</i>) também sugere a aproximação do governador à trajetória de Thomas Cavendish, marcada pela contravenção e pelo revés. É interessante observar que, ao longo do texto, ao fazer referências a Pedro Álvares Cabral, sua comitiva e a Thomas Cavendish, Toledo faz uso de citações diretas, de forma a oferecer dados legitimados por	

documentos históricos a fim de garantir a sua reivindicação (TOULMIN, 1958). No entanto, ao tratar de Sérgio Cabral e de Fernando Cavendish, o autor não faz uso de citações, sendo os dados apresentados de forma mais espontânea, sem a legitimação de outras vozes explicitamente apresentadas. Essa observação pode nos fazer supor que ao tratar do passado mais distante, Toledo apresenta-se mais cuidadoso e atento às afirmações. Já ao tratar dos fatos mais recentes, relacionados ao então governador e a um empreiteiro sob investigação, o ensaísta assume uma postura mais livre, embora também marcada pelo rigor na argumentação e demonstração (KAZUE, 2011).	
---	--

4.1.3 *Análise da Transitividade e da Modalidade Avaliativa do Ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”*

Nessa etapa da análise, os Participantes elípticos serão indicados entre parênteses, em fonte menor em comparação aos termos explícitos, conforme indicado no item Procedimentos de Análise.

4.1.3.1 Análise do Primeiro Parágrafo

<u>Entre o primeiro Cabral (o Pedro Álvares, descobridor do Brasil) e o segundo (o</u>				
(T)	Circunstância			
(I)	Julgamento (+)			
<u>Sérgio, governador do Rio de Janeiro) medeiam <u>cinco séculos</u>, mas <u>algo</u></u>				
(T)	Circunstância	EXISTENCIAL	Existente	Fenômeno
(I)	Julgamento (+)			
<u>os</u>	<u>une:</u>	<u>ambos</u>	<u>se</u>	<u>tornaram</u> <u>célebres</u> <u>pelas viagens.</u>
(T)	Experienciador	MENTAL	Portador	RELACIONAL Atributo Circunstância
(I)	Julgamento (+)			

A bem da verdade, a viagem do Primeiro Cabral tomou-o célebre já faz tempo,					
(T)	Existente		EXISTENCIAL		Circunstância
(I)	Compromisso monoglóssico		Julgamento (+)		
enquanto as do segundo só recentemente se impuseram com a evidência					
(T)	Portador	Circunstância	RELACIONAL		Atributo
(I)	Força ↑		Apreciação (-) token		
merecida. Isso não impede que [eles] o segundo, assim como o primeiro,					
(T)	Fenômeno	MENTAL	Experienciador	Portador	Portador
(I)					
entre para a história por força delas.					
(T)	RELACIONAL	Atributo	Circunstância		
(I)					

Discussão: As realizações de Pedro Álvares Cabral e de Sérgio Cabral são apresentadas de forma a evidenciar características positivas, verificadas por meio da indicação dos subsistemas da Avaliatividade (MARTIN, 2000), em que o Julgamento (avaliação ética) e a Apreciação (avaliação estética) são explicitados como positivas. Há uma ocorrência de Apreciação negativa, por meio de *token*, revelando o uso de ironia (EL REFAIE, 2005). A meta do enquadre irônico é, em geral, a entrega de uma avaliação implícita em um convite ao leitor para compartilhar da perspectiva do ironizador. O compromisso monoglóssico (WHITE, 2003), em que o escritor se posiciona, construindo a audiência como partilhando a mesma visão de mundo, auxilia na construção de uma proximidade entre Toledo e o leitor, sendo também uma estratégia para o convencimento. Nesse estágio, ocorrem processos Mentais (2 ocorrências), Existenciais (2 ocorrências) e Relacionais (3 ocorrências). Os Atores desses Processos, exceto no primeiro deles, são ou Sérgio Cabral, Pedro Álvares Cabral ou ambos. A apresentação desses Atores sugere que na parte inicial do ensaio é priorizada a contextualização dos dois Cabrais, listando uma série de dados relacionados ao navegador e ao então governante. Esses

Processos, relacionados ao Julgamento positivo, concorrem para a criação do “mundo textual”, pleno de situações promissoras.

4.1.3.2. Análise do Segundo Parágrafo

O primeiro Cabral deslumbrou-se com o mundo com que [ele] <u>deparou</u> . Araras,				
(T)	Experienciador	MENTAL	Experienciador MENTAL	
(I)	Julgamento (+)			
índios nus enfeitados com penas e <u>índias</u> que vão <u>mostrar</u> as <u>vergonhas</u>				
(T)	Ator		MATERIAL	Meta
(I)	Julgamento (+)			
[elas]	“ <u>têm</u> tanta <u>inocência</u> como em <u>mostrar os rostos</u> ”, <u>conforme registro</u>			
(T)	Portador	RELACIONAL	Atributo	MATERIAL Meta
(I)	Força ↑ Julgamento (+)			
<u>do escrivão Pero Vaz de Caminha</u> , [as <u>índias</u>] <u>fizeram</u> o espanto e a alegria da				
(T)	Circunstância	Ator	MATERIAL	Meta
(I)	Afeto (+)			
<u>comitiva</u> . <u>O segundo</u> igualmente se deslumbrou . <u>Miçangas</u> como finos				
(T)	Beneficiário	Experienciador	MENTAL	Ator
(I)	Julgamento (-) token		Apreciação (-) Token	
<u>restaurantes e sapatos para senhoras</u> , <u>segundo imagens captadas nos locais</u>				
(T)	Circunstância			
(I)				
<u>visitados proporcionaram à sua comitiva</u> alegria que não <u>ficou a dever à distante</u>				
(T)	MATERIAL	Beneficiário	Meta	MENTAL
(I)	Afeto ↑			Foco ↓

antecessora. A comitiva do primeiro Cabral observou, curiosa , como os índios				
(T)	Experienciador	Experienciador	MENTAL	Fenômeno Ator
(I)	Julgamento (+)			
“andavam muitos deles dançando e folgando , uns diante dos outros”.				
(T)	MATERIAL	MATERIAL	MATERIAL	Circunstância
(I)	Força ↑	Julgamento (+)		
A comitiva do segundo Cabral tratou ela própria de <u>exibir</u> seu exotismo ,				
(T)	Ator	MATERIAL		Meta
(I)	Força ↑			
os homens dançando e folgando com guardanapos na cabeça.				
(T)	Ator	MATERIAL	MATERIAL	Circunstância
(I)	Julgamento (-) <i>Token</i>			
Discussão: As impressões e sentimentos de Pedro Álvares Cabral e de sua comitiva ao chegarem no Brasil, de acordo com os subsistemas da Avaliatividade (MARTIN, 2000) são caracterizados por termos que revelam aspectos positivos. No entanto, ao tratar do comportamento da comitiva do então governador do Rio de Janeiro, o termo “deslumbrou”, analisado como Julgamento (-) <i>token</i>, assume a função de dar prosseguimento ao processo de ironia iniciado no primeiro parágrafo, sendo portanto um <i>token</i>, no qual um termo aparentemente positivo (<i>deslumbrou-se como maravilhar-se, encantar-se</i>), considerando a prosódia do texto, revela-se negativo pelo significado que vai sendo construído ao longo do processo argumentativo. Ao inserir dados relacionados à viagem de Sérgio Cabral, é possível notar o Contrabando de Informações (LUNCHJENBROERS e ALDRIDGE, 2007), termo usado quando uma informação é sub-repticiamente inserida no texto, na qual cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações relacionadas ao uso do termo escolhido. O acesso do interlocutor a essas associações depende de sua experiência e de sua compreensão das normas sociais que determinam essas escolhas. Nesse estágio, estão presentes processos Materiais (11 ocorrências) e Mentais (4 ocorrências), além de um processo Relacional. As seis ocorrências de Processos				

Materiais relacionados a Pedro Álvares Cabral têm como Ator os índios, índias ou anáforas que remetem a esses termos. Nas quatro ocorrências de Processo Material relacionadas a Sérgio Cabral, os atores são o governador e a comitiva. Em uma das ocorrências, o Ator é personificado em “Miçangas como finos restaurantes e sapatos para senhoras”, fazendo referência às vestimentas e a uma conhecida grife de sapatos com sola vermelha exibidas pela esposa do governador e demais mulheres que aparecem nas fotos. Enquanto a entrada do Processo Material indica as ações realizadas por índios/índias em relação a Pedro Álvares Cabral e comitiva, os Processos Materiais relacionados ao governador tem como Ator ele mesmo e/ou as pessoas que o acompanhavam. Observa-se, também, que as referências ao primeiro Cabral, em geral, são seguidas de Avaliatividade positiva, enquanto às referências ao segundo Cabral são seguidos por Avaliatividade negativa, iniciando assim a construção das diferenças entre o personagem histórico e o então governador do Rio de Janeiro.

4.1.3.3. Análise do Terceiro Parágrafo

<u>Sérgio Cabral</u> <u>passou</u> 128 dias no exterior desde que <u>assumiu o governo do</u>				
(T)	Identificado	RELACIONAL	Identificador	MATERIAL Meta
(I)	Apreciação(-) <i>token</i>			
<u>estado, em 2007, segundo</u> [dados] contabilizou o jornal O Estado de S. Paulo,				
(T)	Circunstância	Meta	MATERIAL	Ator
(I)	Compromisso heteroglóssico			
<u>com base em informações do Palácio Guanabara.</u> O total o <u>estabelece</u> como				
(T)	Circunstância		Experienciador	MENTAL
(I)	Compromisso heteroglóssico			
um viajante de respeito. Ainda mais que <u>nele</u> não se <u>incluem</u> <u>as viagens</u>				
(T)	Fenômeno		Identificador	RELACIONAL
(I)	Julgamento (-) <i>token</i>	Força ↑		

<u>particulares só as ditas “oficiais”</u> . <u>Pedro Álvares Cabral</u> gastou 44 dias em sua				
(T)	Identificado	Ator	MATERIAL	
(I)	Foco ↑	Julgamento (+)		
penosa viagem de Lisboa até o local hoje conhecido como Brasil – um				
(T)	Meta			
(I)	Apreciação (+) token			
terço do que gastou em suas perambulações o homônimo de cinco séculos				
(T)	MATERIAL	Circunstância	Ator	
(I)	Julgamento (-) token	Julgamento(-)		
<u>depois</u> . <u>O destino preferencial de Sérgio Cabral</u> <u>foi</u> Paris ,				
(T)	Identificado	RELACIONAL	Identificador	
(I)	Apreciação (-) token			
<u>onde [ele]</u> <u>esteve</u> <u>cinco vezes; quatro vezes [ele]</u> <u>esteve</u> em Londres , e				
(T)	Identificado	RELACIONAL	Circunstância	Identificado RELACIONAL Identificador
(I)	Apreciação (-) token			
<u>outras quatro</u> em Nova York . A <u>Pedro Álvares</u> , <u>na viagem à Índia</u> que <u>encetou</u>				
(T)	Circunstância	Identificador	Ator	Meta MATERIAL
(I)	Apreciação (-) token		Apreciação(+)	
<u>em sequência à breve</u> passagem pelo Brasil , couberam destinos como Melinde e				
(T)	Circunstância	EXISTENCIAL		Existente
(I)	Foco↓	Apreciação (-) token		Apreciação (+)
Calicute . Não parece , <u>mas na época [esses destinos]</u> <u>eram</u> <u>lugares igualmente</u>				
(T)	Circunstância	Portador	RELACIONAL	Atributo
(I)	Força↓			
glamourosos . Pena que até <u>[Pedro Álvares]</u> <u>chegar</u> <u>a eles</u> mais da metade dos				
(T)	Avaliação Social	Ator	MATERIAL	Meta Meta
(I)	Apreciação (+)		Foco ↑	
<u>navios</u> <u>foi destroçada</u> nas tempestades e <u>a tripulação</u> <u>foi dizimada</u>				
(T)	MATERIAL	Circunstância	Meta	MATERIAL

(I)	Apreciação (-)	Julgamento (-)
	[pelos problemas durante a viagem]	
(T)	Ator	
(I)		
Discussão: Dando continuidade à construção de ironia iniciada nos parágrafos anteriores, o articulista, ao se referir à quantidade de dias (128) que o governador Sérgio Cabral esteve viajando, faz uso de termo que indica valor positivo (viajante <i>de respeito</i>). No entanto, ao longo do parágrafo, vai se construindo a ideia de que as viagens realizadas estão em desacordo com a postura esperada de um governador: a de estar presente em seu estado, de forma a conhecer os problemas enfrentados, propor soluções e administrá-lo com assertividade. Assim, evidencia-se o teor irônico do termo <i>de respeito</i>, sendo analisado como julgamento (-) token. Essa estratégia de Toledo revela que o argumento vem garantido em dados (GOFFMAN, 1974), sendo um exemplo de valor interpessoal contido em conteúdo informacional. Ao fazer referência às cidades onde o governador esteve presente – capitais de países com alto potencial turístico e econômico – Toledo reforça a ironia construída por meio da locução adverbial <i>de respeito</i>. Ao apresentar a comparação entre a quantidade de dias utilizada em viagens por Sérgio Cabral e a quantidade utilizada por Pedro Álvares Cabral na viagem entre Lisboa e a costa brasileira, o autor evidencia o contraste entre os dois viajantes. Além disso, ao utilizar <i>perambulações</i> para se referir às viagens de Sérgio Cabral, termo que expressa Julgamento negativo, é evidenciada, pela seleção lexical, a crítica ao comportamento do então governador. Ao citar os locais onde Sérgio Cabral esteve (locais considerados <i>glamourosos</i>), é evidenciado o uso do recurso Contrabando de Informações (LUNCHJENBROERS e ALDRIDGE, 2007), quando uma informação é inserida no texto, na qual cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações relacionadas ao uso do termo escolhido. Ao indicar que Pedro Álvares Cabral e Sérgio Cabral preteriam o Brasil em função de haver destinos mais interessantes, há uma Avaliatividade negativa evocada para o termo <i>Brasil</i>, revelando a forma como o país é tratado ao longo de seu processo histórico: com suposto descaso. Nesse estágio, predominam os verbos que revelam		

processos Materiais (8 ocorrências) e Relacionais (6 ocorrências). Em relação aos processos Materiais, em dois deles Sérgio Cabral é o Ator, em três deles Pedro Álvares Cabral o é, em um deles o Ator é o jornal O Estado de São Paulo (*entendendo aqui que o jornal contabilizou os dados relativos às viagens de Sérgio Cabral*) e nos dois últimos Processos Materiais o Ator está elíptico, podendo ser recuperado pelo contexto como algo relacionado às intempéries ocorridas na viagem do navegador português. Assim, o enfoque, nesse parágrafo, são as viagens empreendidas pelos Cabrais. Das seis ocorrências de processos Relacionais, em cinco delas o Identificado é Sérgio Cabral ou as viagens a ele relacionadas, demonstrando a ênfase de Toledo em apresentar as preferências ou circunstâncias relacionadas ao governador. Há uma diminuição de processos Mentais, com apenas uma ocorrência.

4.1.3.4. Análise do Quarto Parágrafo

Entre o primeiro Cavendish (Thomas, navegador inglês) e o segundo (Fernando,				
(T)	Circunstância			
(I)				
até outro dia dono da construtora Delta) há igualmente cinco séculos de				
(T)	EXISTENCIAL		Existente	
(I)				
distância, mas também pontos em comum: a busca da riqueza, para começar;				
(T)				
(I)				
os vaivéns da sorte, em seguida. O primeiro Cavendish poderia ter entrado na				
(T)	Existente		EXISTENCIAL	
(I)	Probabilidade			
história pela glória de, entre os anos de 1585 e 1588, [ele] ter repetido a proeza				
(T)	Circunstância		Ator	MATERIAL Meta
(I)	Apreciação(+)		Apreciação (+)	

de <u>Fernão de Magalhães</u> ao <u>circunavegar</u> o <u>globo</u> . Na história do Brasil, [ele]					
(T)	Ator	MATERIAL	Meta	Circunstância	Existente
(I)					
<u>entrou</u> na qualidade de pirata . O segundo Cavendish poderia ter se destacado					
(T)	EXISTENCIAL	Circunstância	Portador	RELACIONAL	
(I)	Julgamento (-)		Probabilidade		
<u>como empresário</u> que em poucos anos [ele] <u>conduz</u> a pequena empreiteira					
(T)	Atributo	Circunstância	Ator	MATERIAL	Meta
(I)	Julgamento (+)	Força↓	Foco↓	Apreciação (-) token	
<u>herdada</u> do pai ao posto de uma das maiores do país. [ele] Acabou enredado					
(T)				Ator	MATERIAL
(I)	Julgamento(-) Token		Foco↑	Julgamento (-)	
<u>na teia</u> das operações do bicheiro Carlos Cachoeira.					
(T)	Circunstância				
(I)	Apreciação (-) token		Julgamento (-)		
Discussão: Ao iniciar o parágrafo com a apresentação de uma circunstância (<i>cinco séculos de distância</i> entre os dois Cavendishes), o articulista prepara o leitor para as situações hipotéticas que serão apresentadas. Para tanto, é utilizado verbos no tempo futuro do pretérito (<i>poderia</i>), recorrendo a um passado hipotético, construindo uma modalização por meio da indicação de uma probabilidade (HALLIDAY, 1994) e criando um mundo textual que pode ser aceito pelo leitor. Ao tratar da trajetória de Thomas Cavendish, os termos que fazem referência às suas possibilidades de vida são associados a valores positivos (<i>glória e proeza</i>). No entanto, o que se realiza (entrar para história como <i>pirata</i>), mostra a derrocada do navegador. Para falar sobre Fernando Cavendish, Toledo faz uso do mesmo recurso persuasivo: apresenta as expectativas positivas para a vida do jovem (<i>empresário</i> que em <i>poucos anos</i> transforma a pequena empreiteira <i>herdada</i> em um grande negócio, portanto poderia se manter assim: um homem de sucesso), mas é envolvido em situações de corrupção (<i>enredado, teia, bicheiro</i>). O uso desses termos, repletos de Julgamento					

ou Apreciação negativas, adensam e explicitam, de certa forma, a crítica tecida por Toledo ao longo do texto. Ao apresentar hipóteses de futuro glorioso e indicando que essas hipóteses não se realizam, o autor desqualifica os dois personagens, sugerindo as semelhanças entre as trajetórias de vida, fazendo ora uso de argumentos explícitos, ora de uma avaliatividade presente nas escolhas lexicais e promovendo, pela prosódia, a construção de associações negativas sobre os dois Cavendishes: aqueles que tiveram oportunidades, mas não fizeram bom uso delas. Os verbos que indicam processos Existenciais (3 ocorrências), tendo como Participantes ora os dois Cavendishes, ora apenas o navegador, revelam as possibilidades de vida de Fernando e Thomas e o que efetivamente ocorreu. Os processos Materiais (4 ocorrências) indicam as ações dos dois sujeitos, além de uma referência à ação do navegador Fernão de Magalhães. A ocorrência desses processos estabelece uma comparação entre os dois Cavendishes, de modo que se possa subentender a proximidade entre suas ações. O Contrabando de Informações (LUNCHJENBROERS e ALDRIDGE, 2007) se faz presente nesse estágio, quando Toledo faz referência às operações de Carlos Cachoeira, indicando tratar de um bicheiro, desencadeando no leitor uma rede ampla de associações relacionadas ao uso do termo escolhido.

4.1.3.5. Análise do Quinto Parágrafo

<u>Fernando Cavendish</u> <u>começou</u> pequeno , <u>[ele]</u> <u>vírou</u> grande e <u>[ele]</u>							
(T)	Portador	RELACIONAL	Atributo	Portador	RELACIONAL	Atributo	Portador
(I)	Força ↓			Força ↑			
ameaça <u>acabar</u> em nada . <u>Thomas Cavendish</u> <u>conheceu</u> também <u>os altos</u>							
(T)	RELACIONAL	Atributo	Portador	RELACIONAL	Atributo		
(I)	Probabilidade	Força ↓			Força ↑		
e baixos . <u>Na viagem de circunavegação</u> , <u>[ele]</u> <u>amealhou</u> fortuna saqueando							
(T)	Circunstância			Ator	MATERIAL	Meta	MATERIAL
(I)	Força ↓			Julgamento(+)		Julgamento (-)	

navios e portos das colônias espanholas da América, numa época em que a								
(T)	Meta			Circunstância				
(I)								
Espanha estava em guerra com a Inglaterra. Tal foi seu sucesso								
(T)	Identificado	RELACIONAL	Identificador	RELACIONAL	Portador	Atributo		
(I)	Julgamento (+)							
que [ele] recebeu da rainha Elizabeth I o título de “sir”. [ele] Esbanjou a fortuna,								
(T)	Ator	MATERIAL	Circunstância	Meta	Ator	MATERIAL	Meta	
(I)				Julgamento (+)		Julgamento (+)		
no entanto, e na tentativa de [ele] refazê-la fez - se de novo ao mar,								
(T)			Ator	MATERIAL	Meta	MATERIAL	Ator	Circunstância
(I)								
desta vez [ele] tendo por alvo os portos brasileiros. No dia de Natal de 1591,								
(T)	Circunstância	Ator	MATERIAL	Meta		Circunstância		
(I)	Apreciação (-) token							
[ele] chega a Santos. Para sua sorte, praticamente toda a população da								
(T)	Ator	MATERIAL	Meta			Identificado		
(I)				Julgamento (+)		Força ↑		
cidade se encontrava na igreja, celebrando a data. Foi fácil								
(T)	RELACIONAL		Identificador	COMPORTAMENTAL	Circunstância	RELACIONAL	Atributo	
(I)	Julgamento (-) token					Apreciação (-) token		
[ele] mantê-la ali dentro, presa, enquanto a vila era saqueada								
(T)	Ator	MATERIAL	Meta	Circunstância	Meta	Circunstância	Meta	MATERIAL
(I)	Julgamento (-)							
[por ele]								
(T)	Ator							
(I)								
Discussão: A fim de reforçar a persuasão sobre os malfeitos dos Cavendishes, o								

articulista inicia o parágrafo retomando a trajetória oscilante dos dois personagens, por meio da gradação de força (*pequeno/grande/nada*) e da contraposição (*altos/baixos*). O resultado da ação de Thomas Cavendish é apresentada com Julgamento positivo (*fortuna*; recebimento de título de “*Sir*”), no entanto a ação que o levou a tal resultado é marcada por Julgamento negativo (*saqueando*). Assim, por meio da narração, o articulista explicita a ironia da situação: por via criminosa se obtém fortuna e reconhecimento social, legitimados pela realeza britânica. Em seguida, ao tratar da tentativa de Thomas rever a fortuna e a facilidade com que realizou o ato, verifica-se que o articulista faz uso de um *token*, avaliando a ação do pirata como, além de criminosa, de *fácil* realização, sendo essa facilidade relacionada à credulidade e à devoção religiosa da população da cidade saqueada, que no momento do assalto estava na igreja. A apresentação de tal situação revela, mais uma vez, a ironia dos fatos. O Apito do Cão (COFFIN e O'HALLORAN, 2006), forma de avaliação implícita em que a comunicação usa significados aparentemente neutros, mas que devem ser entendidos como uma mensagem negativa pela comunidade-alvo é o recurso utilizado para revelar a ironia dos fatos: credulidade religiosa da população X “esperteza” do saqueador. Os processos Materiais (9 ocorrências) são os mais evidenciados nesse estágio, seguidos dos processos Relacionais (8 ocorrências) e Comportamental (1 ocorrência). Nas nove ocorrências de Processo Material, o Ator é Thomas Cavendish, evidenciando que a apresentação das ações do navegador é priorizada nesse estágio. Os Processos Relacionais têm como participantes ora Thomas, ora Fernando, revelando que ambos são caracterizados e comparados nesse estágio do gênero.

4.1.3.6. Análise do Sexto Parágrafo

Fernando Cavendish, amigo íntimo de Sérgio Cabral, seu vizinho nas casas	
(T)	Portador
(I)	Julgamento (-) <i>token</i> Foco ↑

de veraneio de Mangaratiba e companheiro de estripulias em Paris, <u>é</u> <u>um dos</u>						
(T)	RELACIONAL					
(I)	Julgamento (-)					
integrantes da agora famosa roda do guardanapo . Seu distante homônimo						
(T)	Atributo		Experienciador			
(I)	Apreciação (-)		Foco↓			
também gostava de festividades . Apesar de [ele] não passar de um “ franco						
(T)	MENTAL	Fenômeno	Circunstância	Portador	RELACIONAL	Atributo
(I)	Apreciação(-) token			Julgamento(-)		
ladrão dos mares”, nas palavras de um historiador, [ele] “sabia dar às suas						
(T)			Ator	MATERIAL		
(I)	Compromisso heteroglóssico					
façanhas e depredações uma cor de elegância cavalheiresca, tomando se						
(T)	Meta	Circunstância		RELACIONAL Portador		
(I)	Julgamento(-)	Julgamento(-)	Julgamento (-) token			
popular, e [ele] sendo aplaudido em vez de [ele] [ser] renegado, pela própria						
(T)	Atributo	Meta	MATERIAL	Circunstância	Meta	MATERIAL Ator
(I)	Julgamento(+)	Julgamento (+)		Julgamento (-)		
aristocracia europeia” (Rocha Pombo). [Ele] Terminou mal, no entanto. [Ele] ao						
(T)			Portador	RELACIONAL	Atributo	Ator
(I)	Compromisso heteroglóssico					
voltar a Santos para um segundo assalto , [ele] foi repelido [pelas autoridades/população],						
(T)	MATERIAL	Meta	Meta	MATERIAL	Ator	
(I)			Julgamento (-)	Julgamento (-)		
assim como o seria [repelido] em seguida no Espírito Santo, [ele] perdendo						
(T)	Meta	MATERIAL	Circunstância	Ator	MATERIAL	
(I)						
na aventura a frota e o grosso de seus Homens. [Ele] Morreu no mar,						
(T)	Circunstância	Meta	Ator	MATERIAL	Circunstância	

(I)					
	sem [ele] conseguir voltar à Inglaterra, “provavelmente [ele] ralado				
(T)	Ator	MATERIAL	Meta	Experienciador	MENTAL
(I)				Modalização (Probabilidade)	Julgamento(-)
	pelo remorso” segundo outro historiador (Varnhagen).				
(T)	Fenômeno				
(I)	Compromisso heteroglóssico				
Discussão: Ao concluir o processo argumentativo, o articulista faz uso, prioritariamente, de termos que revelam Avaliatividade negativa. Retomando ao início do texto, percebe-se que esse é introduzido com termos que indicam Avaliatividade positiva. Ao longo do texto, por meio da seleção lexical e do uso de <i>tokens</i>, tem-se uma somatória de avaliações (prosódia) que possibilitam ao articulista finalizar o ensaio com uma crítica mais contundente, com pouco espaço para questionamento, devido a toda persuasão desenvolvida. Ao longo do estágio, são utilizados os elementos textuais “apesar de” e “em vez de” indicando duas possibilidades com valor avaliativo (<i>Apesar de não passar de um ladrão dos mares, Thomas sabia dar às suas façanhas e depredações uma elegância / Thomas é aplaudido pela aristocracia europeia em vez de renegado</i>). Essa oposição, revelando o contraste dos fatos, também contribui para a construção de um mundo textual no qual os acontecimentos são, muitas vezes, marcados pela ambiguidade, reforçando a ironia que percorre o texto. Ao tratar de Thomas Cavendish, assim como faz ao apresentar situações envolvendo Pedro Álvares Cabral e comitiva, Toledo faz uso de outras vozes (Rocha Pombo e Varnhagen), recorrendo a fontes para criticar o personagem do passado. Nesse estágio, há quatro ocorrências de processos Relacionais, sendo em um deles o Portador Fernando Cavendish. Nos demais casos, o Portador é Thomas Cavendish. Os dois processos Mentais presentes nesse estágio têm como Experienciador Thomas. Os nove processos Materiais presentes nesse estágio, todos eles relacionados a Thomas, ora o apresentam como Ator, ora como Meta. Nesses processos do fazer, quando Ator, as ações (<i>perder/morrer</i>) indicam a decadência do personagem. Já quando Thomas aparece como Meta, a ação que o afeta (<i>repelir</i>) confirma a derrocada do aventureiro. Os processos presentes nesse					

estágio indicam que o articulista conclui o texto enfocando o personagem Thomas Cavendish, sinalizando a existência de relações e reforçando as qualificações negativas do navegador (*franco ladrão dos mares / mal*). Esse contexto relacionado a Thomas Cavendish contribui para a construção de um mundo textual no qual os atributos e ações de Thomas podem ser estendidos a Fernando Cavendish e Sérgio Cabral, todos marcados pela Avaliatividade negativa.

4.1.4 Discussão Geral do Ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”

Observando os estágios do gênero, as comparações ao longo do texto (entre os dois Cabrais e os dois Cavendishes, assim como a relação dos quatro personagens com viagens), deixa implícita uma possibilidade de destino comum às quatro personalidades citadas: muitos danos e perdas ao longo da vida. No entanto, é possível observar uma diferença por meio dos estágios desenvolvidos ao longo do texto: as semelhanças entre o primeiro Cabral e o pirata Cavendish se resumem a uma trajetória de vida marcada por viagens e perigos enfrentados, porém em contextos diferentes: Cabral não é julgado um contraventor, mas sim um viajante experiente; já Cavendish, embora um hábil navegador, teve a história corrompida pela contravenção. Já os dois Cavendishes e o segundo Cabral têm as histórias, trajetórias e princípios aproximados: todos são aventureiros, suspeitos ou acusados de atos contraventores.

Pela logogênese, construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999) percebe-se que o problema implícito tratado em *Há Cabrais e Cavendishes* é o esbanjamento, associado a um deslumbramento por parte de políticos e pessoas a eles associadas.

A análise mostrou que o texto do gênero ensaio, na tentativa de persuadir os leitores sobre o esbanjamento e a irresponsabilidade com o uso do dinheiro público, por parte do então governador e de um de seus aliados, apoiou-se na comparação com personagens históricos. Assim, a partir de uma situação comparativa e hipotética, vai sendo construindo o processo argumentativo, utilizando para tanto,

conforme é possível verificar na primeira etapa da análise, prioritariamente os modos textuais narrativo e descritivo.

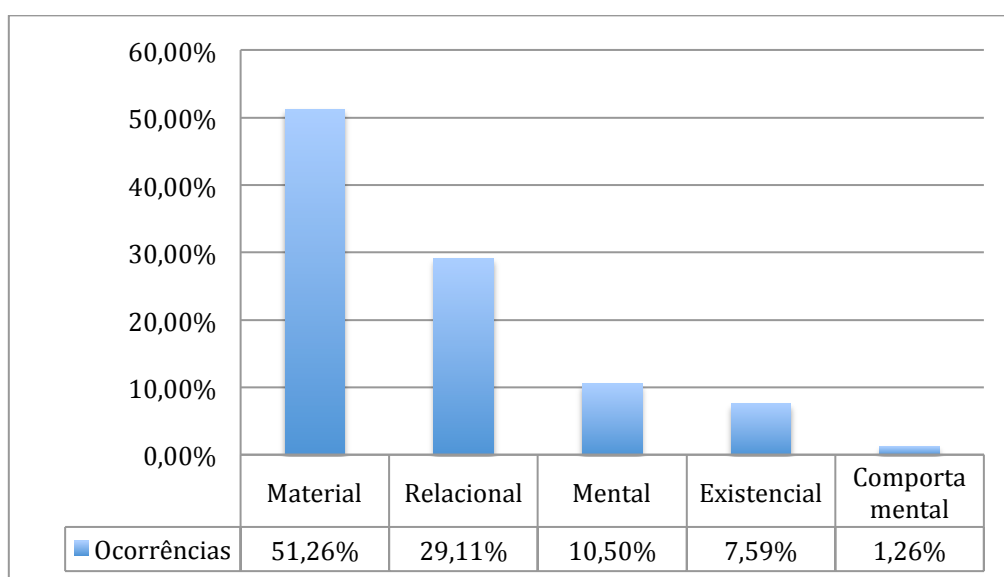
Ao final, embora o texto seja repleto de narração e descrição, temos o modo textual predominante nesse ensaio, e no gênero ensaio em geral: o argumento. Há exemplos de modos textuais narrativos e descritivos que garantem as reivindicações do autor. Conforme Reynolds (2000), a razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento com evidência: a narrativa e a descrição tratam de afirmações verificáveis, enquanto o argumento trata afirmações não verificáveis.

O estudo da persuasão, por meio da análise dos estágios e finalidades do gênero e dos modos textuais, pode ser ampliado pela análise da microestrutura do ensaio, apoio possibilitado pela Gramática Sistêmico-Funcional.

Ao analisar os significados Ideacionais, verificados por meio dos Processos e dos papéis projetados pelos Participantes, e dos significados interpessoais, verificados por meio da Avaliatividade, foi possível constatar como o conhecimento desses elementos da gramática – enriquecidos pelas dimensões semântica e pragmática – é essencial para a compreensão de um texto e para o posicionamento crítico do leitor e do produtor do texto.

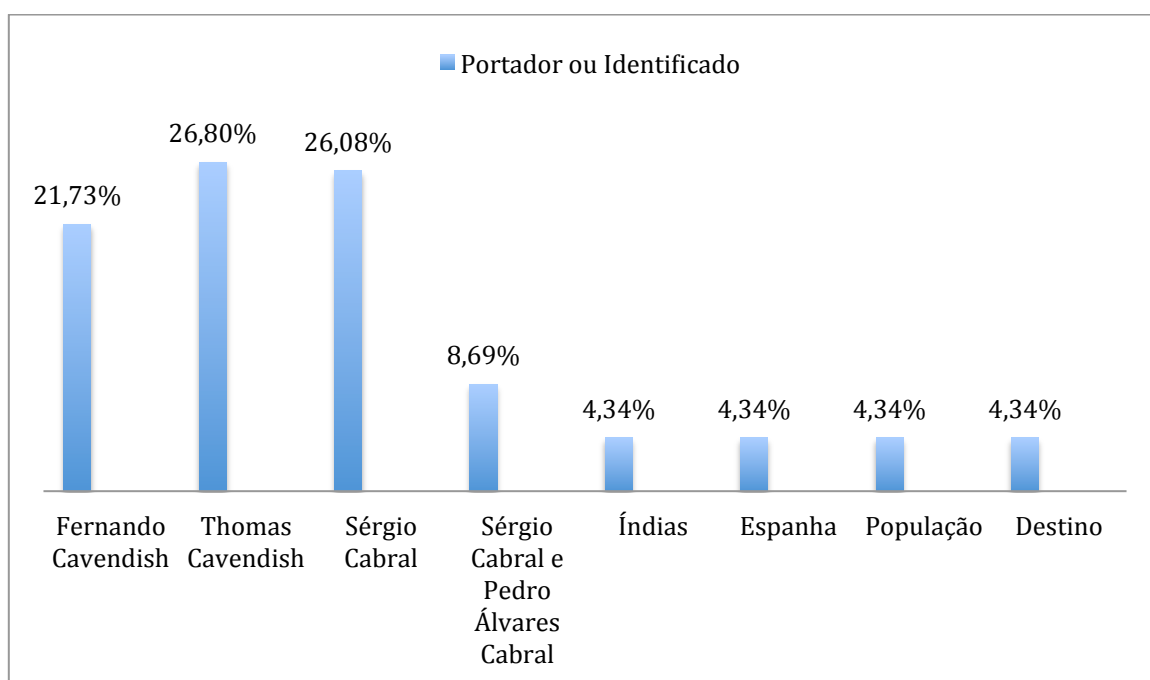
Para tanto, apresento a seguir os Processos identificados no texto, assim como os papéis projetados pelos Participantes.

Gráfico 1 - Tipos de Processos presentes no texto “*Há Cabrais e Cavendishes*”



Ao longo do ensaio, estão presentes 80 Processos. Para efeito de análise, apresento, a seguir, os Participantes de cada um deles.

Gráfico 2 – Participantes do Processo Relacional no texto “*Há Cabrais e Cavendishes*”



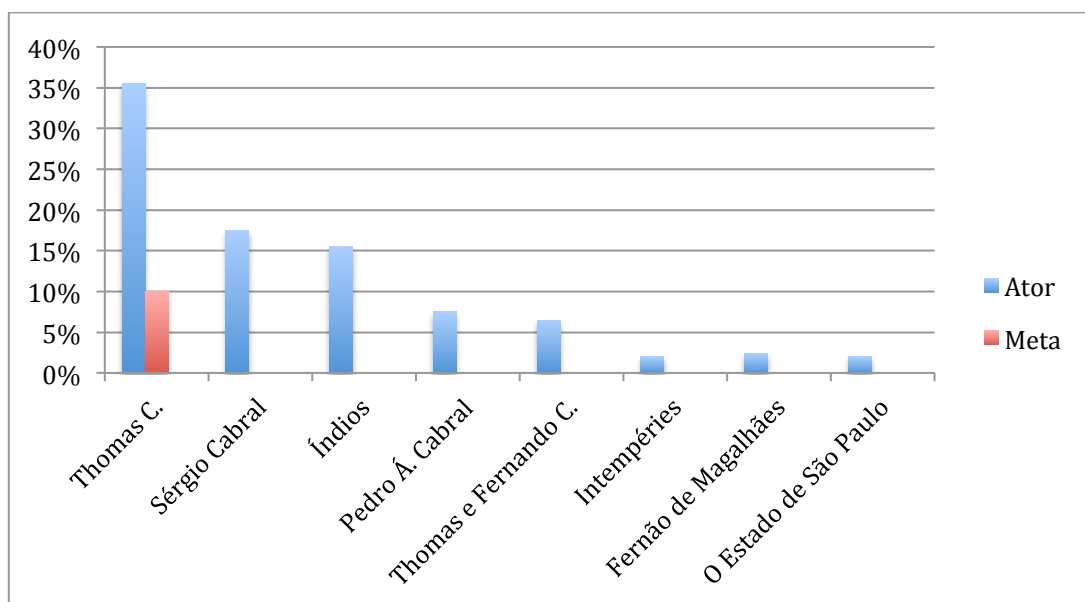
Ao longo do ensaio estão presentes 23 Processos Relacionais. Toledo, por meio desses Processos, inicia o texto estabelecendo relações entre Sérgio Cabral e Pedro Álvares Cabral. Ao longo do texto, pode-se verificar uma incidência maior de Sérgio Cabral como Portador ou Identificado, revelando o foco em atribuir ao então governador determinadas qualificações. O mesmo ocorre com Thomas e Fernando Cavendish, sendo que para Pedro Álvares Cabral, exceto nas situações em que aparece caracterizado juntamente com o governador, no início do texto e em um contexto de Avaliatividade positiva, não há outras atribuições.

A incidência de processos Relacionais no primeiro parágrafo, e a manutenção desses Processos e de seus Participantes ao longo do ensaio, auxiliam na descrição e concorrem para a construção de um mundo textual em conformidade com a finalidade discursiva de Toledo. Os Processos Relacionais, do ponto de vista da recorrência – é o segundo processo mais utilizado no ensaio – carrega o texto de

significados aparentemente descritivos, mas que contribuem de forma decisiva na construção da persuasão.

Em geral, ao longo do ensaio, os Processos Relacionais atributivos desqualificam Fernando e Thomas Cavendish e os Processos Relacionais identificadores associam Sérgio Cabral a significados negativos. Além disso, a baixa incidência de Pedro Álvares Cabral como Participante desses Processos sugere que, de fato, a crítica presente no ensaio aproxima, enquanto alvo da crítica de Toledo, os três personagens: Sérgio Cabral, Fernando e Thomas Cavendish.

Gráfico 3 – Participantes do Processo Material no texto “*Há Cabrais e Cavendishes*”



Dos 80 Processos presentes no ensaio, 41 são Materiais. Toledo, ao introduzir esses Processos, a partir do segundo parágrafo do ensaio, evidencia como Atores os indígenas e a comitiva de Sérgio Cabral. Pedro Álvares Cabral, embora seja o elemento de comparação sugerido pelo autor, aparece como Ator somente no terceiro parágrafo.

Ao longo do ensaio, Fernando Cavendish não aparece como Ator “individual”, sendo que Toledo o coloca como Ator somente nas situações em que esse papel pode ser compartilhado com Thomas, a partir do quarto parágrafo. O mesmo não

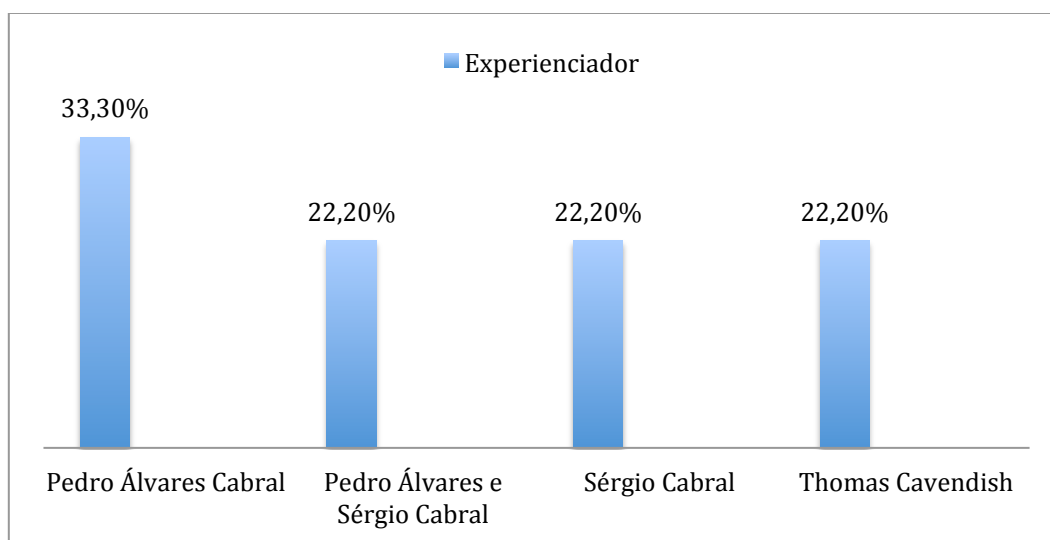
ocorre com Thomas Cavendish, aparecendo como Ator “único” em 14 Processos Materiais.

Nos dois últimos parágrafos, os Processos Materiais estão relacionados unicamente a Thomas Cavendish. Nas 14 ocorrências de Processo Material nesses dois parágrafos finais, Thomas é Ator, no entanto, ao final, aparece quatro vezes como Meta, sendo os Atores ora a aristocracia europeia, ora as autoridades e/ou a população. Ao posicionar Thomas Cavendish como Meta, não mais Ator, como ocorrera ao longo de todo o texto, Toledo evidencia a fragilidade do navegador ao final da vida, explicitando a sua derrocada.

Ao priorizar a apresentação de Processos Materiais relacionados a Thomas Cavendish, Toledo se ancora em acontecimentos do passado para elaborar comparações e afirmações sobre o presente. A essa constatação, soma-se o fato de, ao longo do ensaio, o autor recorrer a dados e vozes de historiadores relacionados a acontecimentos do passado, de forma a garantir as suas reivindicações.

Pedro Álvares Cabral pouco aparece como Ator, no entanto, essa baixa incidência reforça a hipótese de distanciamento desse personagem histórico em relação às ações de Sérgio Cabral, Thomas e Fernando Cavendish.

Gráfico 4 – Participantes do Processo Mental no texto “*Há Cabrais e Cavendishes*”



Nos três primeiros parágrafos do ensaio, concentram-se os Processos Mentais, tendo como Experienciador ora Sérgio Cabral e Pedro Álvares Cabral, em um mesmo Processo, ora somente Sérgio Cabral.

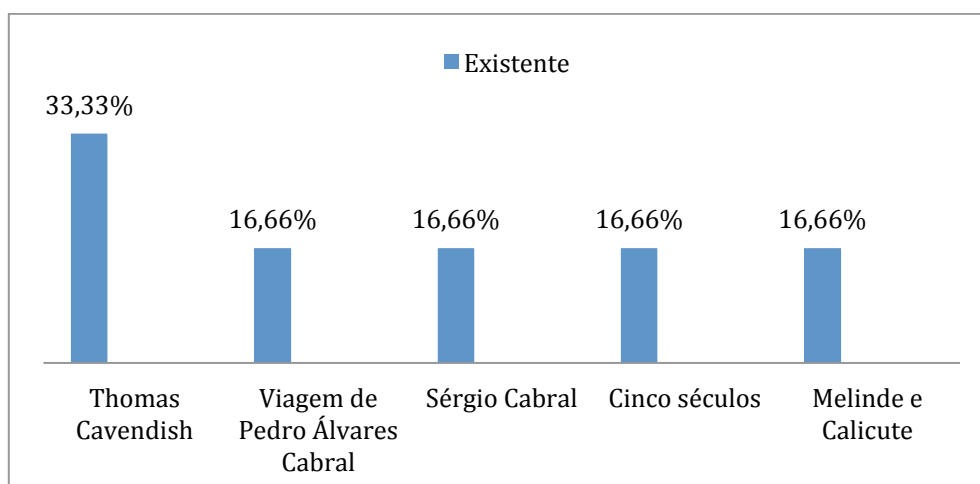
Nos dois parágrafos intermediários, não há ocorrência Processos Mentais. No último parágrafo, ocorrem dois desses Processos, sendo o Experienciador Thomas Cavendish.

A incidência maior de Processos Mentais na parte inicial do texto sugere que eles contribuem para a caracterização dos personagens, sobretudo em relação a Sérgio Cabral e Pedro Álvares Cabral e comitiva, reforçando assim o modo textual descritivo, em especial nos primeiros parágrafos.

O uso desse Processo no parágrafo final do ensaio, tendo como Experienciador Thomas Cavendish, revela o contraste na vida do navegador (*gostava de festividades / Morreu provavelmente ralado pelo remorso*), reforçando a percepção do leitor sobre a possibilidade de o final trágico de Thomas poder ser estendido a Sérgio Cabral e Fernando Cavendish, que também gostam de festividades e supostamente, assim como Thomas Cavendish, podem ser, no presente ou mesmo em um futuro próximo, *ralados* pelo remorso.

Ao nominalizar o verbo, nesse caso o *ralar*, perdem-se informações como as indicações de modo e de tempo, ou ainda do sujeito do verbo, com a consequente despersonalização da oração. Essa escamoteação do sujeito, segundo Fowler (1991), pode contribuir no processo persuasivo.

Gráfico 5 – Participantes do Processo Existencial no texto “*Há Cabrais e Cavendishes*”



Observando os Participantes dos Processos Existenciais, novamente temos uma maior incidência em Thomas Cavendish, o que auxilia na comprovação de que a trajetória do navegador pauta as comparações entre passado e presente, servindo também como parâmetro para que se possa deduzir o que possivelmente ocorrerá na vida de Fernando Cavendish e Sérgio Cabral, de acordo com Toledo.

Não há uso de Processo Verbal ao longo do ensaio, no entanto Toledo recorre a documentos históricos em dois momentos. Um desses momentos é quando cita trechos da carta de Pero Vaz de Caminha, no segundo parágrafo, a fim de apresentar as impressões da comitiva de Cabral. Por um processo de nominalização do verbo “registrar” (“tem tanta inocência como em mostrar os rostos”, **conforme** o registro do escrivão Pero Vaz de Caminha”), Toledo distancia-se do leitor, permitindo posicionar-se como especialista no assunto e, desse modo, fortalecer a argumentação.

A segunda situação ocorre no final do texto, quando Toledo faz uso da voz de historiadores para tratar de Thomas Cavendish. A quantidade de citações relacionadas a Cavendish e à comitiva de Pedro Álvares Cabral reforça a hipótese de que Toledo, para falar do passado, se apoia em outras vozes, a fim de oferecer dados para garantir as suas reivindicações. Ao tratar do presente, no entanto, o ensaísta não vê a necessidade dessas garantias, talvez por entender que os próprios fatos já garantem as suas reivindicações.

Essa liberdade na apresentação dos fatos recentes, sem a necessidade desse apoio em outras vozes, pode estar relacionada ao fato de, segundo Paviani (2009), em textos do gênero ensaio a opinião do autor ser apresentada por diferentes ideias, sendo que os argumentos que a sustentam não necessariamente requererem a presença de outras “vozes”, como as de “autoridades” no assunto ou mesmo de pesquisas que reafirmem o ponto de vista do autor. Assim, busca-se uma reflexão para fundamentar uma visão pessoal, vista como possível para o assunto em destaque, ou seja, o autor reflete sobre seu próprio ponto de vista, convidando os leitores a “pensar com ele”.

No quinto parágrafo do ensaio, há ocorrência de um Processo Comportamental, indicado pelo verbo “celebrar”, cujo Comportante é “população da cidade”. Esse Processo, no contexto do ensaio, é marcado pela ironia, tendo em vista que enquanto o Comportante “celebra” o Natal na igreja, a vila é saqueada.

Como explicado na Fundamentação Teórica, a construção de significados Ideacionais ocorre concomitantemente com a construção de significados Interpessoais. Assim, a seguir passo a tratar dos recursos avaliativos presentes no texto.

A Avaliatividade implícita percorre todo o texto. Ao apresentar, inicialmente, Sérgio e Pedro Álvares Cabral, predominam elementos que revelam Avaliatividade Positiva, o que concorre para a criação de um mundo textual pleno de situações promissoras. No entanto, logo no parágrafo inicial, o recurso da ironia é iniciado, via a inserção de *token* negativo ao longo da descrição.

Ao caracterizar o contexto histórico relacionado a Cabral, Toledo faz uso de termos com Julgamento e Afeto positivos, favorecendo a construção de uma prosódia que afirma positivamente os indígenas e a própria comitiva de Cabral. Em contraposição a esses aspectos, ao tratar de Sérgio Cabral e de sua comitiva, são utilizados *tokens* de Julgamento e apreciação negativos, o que reforça o processo irônico iniciado no primeiro parágrafo do texto.

Nos parágrafos seguintes, essa tendência se confirma, com a construção da ironia estruturada em *tokens* de Avaliatividade negativa relacionados a Julgamentos e Apreciação de Sérgio Cabral ou de pessoas a ele relacionadas.

Ao tratar de Fernando e Thomas Cavendish, Toledo inicia a descrição e narração utilizando termos que revelam Julgamento e Apreciação positivos, para então inserir, via seleção lexical, termos que ora se revelam como *tokens* negativos, ora são explícitos na avaliação negativa dos personagens.

Ao longo do texto, são utilizados recursos como Contrabando de Informações e Apito do Cão, intensificando a prosódia que vai sendo construída por meio da somatória de Avaliatividade presente no ensaio, contribuindo de forma decisiva para a persuasão do leitor.

Encaminhando o ensaio para a conclusão, Toledo continua a tratar das trajetórias de Fernando e Thomas, revelando, pelas escolhas lexicais ora Julgamentos positivos, ora negativos, reforçando o contraste na vida de cada um dos Cavendishes, em muitos momentos marcada pela glória, em outros pela decadência. Ao estabelecer esses contrastes, por meio da Avaliatividade, é evidenciada a ironia tanto na história de vida dos dois homens, como na forma como essa história é abordada pelo ensaísta.

Na conclusão do texto, com o processo argumentativo já desenvolvido, Toledo faz uso, prioritariamente, de Julgamento e Avaliação Negativos, totalizando 14 ocorrências desse tipo ao longo do último parágrafo, em contraposição a duas ocorrências de Julgamento positivo.

Ao longo do texto, por meio da seleção lexical, do uso de *tokens* e de recursos como Contrabando de Informações e Apito do Cão, tem-se uma somatória de avaliações (prosódia) que possibilita ao articulista finalizar o ensaio com uma crítica contundente, havendo pouco espaço para questionamento, devido a toda persuasão desenvolvida.

A seguir, apresento um quadro síntese com os recursos que concorrem para a persuasão no ensaio em estudo.

Quadro 14 – Recursos que concorrem para a persuasão em “Há Cabrais e Cavendishes”

Modos Textuais com maior incidência	Incidência de Processos	Participantes com maior incidência	Recursos argumentativos
Descrição Narração	Material (51%) 41 ocorrências	<u>Ator</u> Thomas Cavendish (35%) Sérgio Cabral (17,5%) <u>Meta</u> Thomas Cavendish (10%)⁶	- Apito do Cão - Contrabando de Informações - <i>Tokens</i> / Julgamento e Avaliação - Ironia - Compromisso heteroglóssico (outras vozes) - Nominalização
	Relacional (29,11%) 23 ocorrências	<u>Portador ou Identificado</u> Thomas Cavendish (26,08%) Sérgio Cabral (26,08%) Fernando Cavendish (26,08%)	
	Mental (10,5%) 9 ocorrências	<u>Experienciador</u> Pedro A. Cabral (33%) Sérgio Cabral (22,3%) Thomas Cavendish (22,3%) Pedro A. Cabral e Sérgio Cabral (22,3%)	

⁶ Thomas Cavendish, como Ator e Meta, totaliza 45% como Participante dos Processos Materiais presentes no ensaio.

	Existencial (7,5%) 6 ocorrências	<u>Existente</u> Thomas Cavendish (33,3%) Sérgio Cabral (16,6%) Viagem de Pedro Álvares (16,6%) Cinco séculos (16,6%) Melinde e Calicute (16,6%)	
	Comportamental (1,26%) 1 ocorrência	<u>Comportante</u> População da cidade	

A partir das informações organizadas no quadro, é possível apresentar a seguinte síntese sobre os recursos textuais que concorrem para a persuasão do ensaio “*Há Cabrais e Cavendishes*”:

- Os modos textuais descritivo e narrativo estruturam o texto, embora o modo textual predominante nesse ensaio seja o argumentativo.
- Os modos textuais narrativo e descritivo garantem as reivindicações do autor, apoiando o argumento em evidência.
- Na microestrutura, os Processos predominantes são os Materiais e os Relacionais, de forma a estruturar as narrações e descrições presentes no ensaio.
- Thomas Cavendish é o Ator como maior incidência no Processo Material, comprovando ser esse o personagem evidenciado enquanto “agente”.
- Thomas Cavendish, Fernando Cavendish e Sérgio Cabral são os Participantes com maior incidência no Processo Relacional, evidenciado serem eles os personagens com mais atribuições e/ou associações.
- Pelos Processos identificados no ensaio, assim como pelos papéis projetados pelos Participantes, é possível afirmar que Thomas Cavendish ocupa um lugar de destaque no texto, sendo um exemplar das consequências de uma vida marcada pela contravenção e pelo esbanjamento.
- Os recursos de Avaliatividade como Contrabando de Informações, Apito do Cão e *tokens* de Julgamento e de Apreciação estão alinhados aos Processos identificados no ensaio.

- A nominalização é utilizada como recurso argumentativo, possibilitando a despersonalização da oração por meio da perda do sujeito, das indicações de modo e de tempo. Há ainda, a possibilidade de o autor distanciar-se do leitor, permitindo-lhe posicionar-se como especialista do assunto.
- Relacionando os Processos presentes ao longo do ensaio e os Recursos de Avaliatividade, é notável a associação estabelecida entre Thomas Cavendish, exemplar das atitudes de esbanjamento e posterior derrocada, Fernando Cavendish e Sérgio Cabral, de modo que o destino do navegante pode ser o prenúncio desses dois personagens da história recente do Brasil.

Assim, conclui-se que as descrições e as narrações, organizadas, na microestrutura, por Processos prioritariamente Materiais e Relacionais, concorrem para a construção de um mundo textual em que, pela prosódia, o leitor é levado a constatar as semelhanças entre as trajetórias de vida e destino de Sérgio Cabral, Fernando e Thomas Cavendish.

4.2 Análise do Artigo de Opinião “*Por que a educação é importante?*”

4.2.1 Análise de Registro de “*Por que a educação é importante?*”

(a) Transcrição na íntegra

Por que a educação é importante?	Hélio Schwartzman, 8/01/2014
(1) Para um indivíduo prosperar, basta que ele consiga um trabalho. Mas, para a sociedade progredir, é preciso que as pessoas façam seu trabalho, ou seja, que efetivamente criem bens e serviços. (2) Essa diferença já era conhecida dos economistas clássicos. Frédéric Bastiat (1801-50), em seus impagáveis "Sofismas Econômicos", imagina uma petição ao rei para que todos os súditos sejam proibidos de usar a mão direita. A razão do pedido é explicada na forma de silogismo: quanto mais uma pessoa trabalha, mais rica ela fica; quanto mais dificuldades precisa superar, mais trabalha; logo, quanto mais dificuldades uma pessoa tem de superar, mais rica ela se torna.	

(3) Quando a coisa é colocada assim de forma escancarada, percebemos o ridículo da situação. O problema é que raciocínios muito parecidos com esse, quando vendidos sob a palavra de ordem da preservação de empregos, ganham sólido apoio popular. Esse é, na opinião de Bryan Caplan, uma espécie de viés econômico que compromete a noção de democracia.

(4) Fazendo coro a Bastiat e outros economistas ortodoxos, Caplan sustenta que, enquanto a população vê o desemprego como "destruição de postos de trabalho", especialistas nele veem a "essência do crescimento econômico, a produção de mais com menos". Um exemplo esclarecedor é o da evolução da mão de obra agrícola nos EUA: "Em 1800, era preciso utilizar quase 95 de 100 americanos para alimentar o país. Em 1900, 40%. Hoje, 3%... Os trabalhadores que deixaram de ser necessários nas fazendas foram usados na produção de casas, móveis, roupas, cinema...".

(5) E onde entra a educação nessa história? Uma força de trabalho intelectualmente preparada não apenas produz com maior eficiência como ainda pode ser mais facilmente readaptada para outras funções, quando seus trabalhos se tornam obsoletos. Cada vez mais, a educação se torna matéria-prima do crescimento.

(b) O contexto situacional

Campo: O artigo de opinião “Por que a educação é importante?” apresenta uma reflexão relacionada a conceitos sobre trabalho e construção de bens e riquezas, em uma perspectiva individual e social, considerando o contexto histórico, em específico as transformações relacionadas ao universo do trabalho entre o século XVIII e início do século XXI. A partir da apresentação de uma situação hipotética, o articulista vai desconstruindo ideias do senso comum relacionadas ao trabalho e encaminha o texto para uma reflexão sobre a importância da educação para a adequação das demandas econômicas e sociais da atualidade. Ao longo do artigo de opinião, são feitas referências a dois economistas: Frédéric Bastiat e Bryan Caplan. Frédéric Bastiat (Baiona, 30 de junho de 1801 – Roma, 24 de dezembro de 1850) ocupa entre os economistas franceses um lugar de destaque. Um princípio de sua obra é “A lei deve proteger o indivíduo, a liberdade e a propriedade privada”. Bryan Caplan é um economista americano, nascido em 1971, professor de economia da *George Mason University*, nos Estados Unidos, tem seu trabalho voltado aos princípios do livre mercado.

Relações: O artigo de opinião dirige-se a leitores do jornal *Folha de São Paulo*. A presença, no jornal, de articulistas de diferentes vertentes, busca disseminar a ideia de pluralidade de posições e confiabilidade do jornal no contexto de seus leitores. Hélio Schwartzman, bacharel em filosofia, escreve de terça a domingo no jornal, em uma seção específica no primeiro caderno do periódico. Esse caderno, intitulado “Opinião”, concentra os editoriais, os artigos de opinião, as cartas dos leitores e uma charge relacionada à política nacional ou internacional.

Modo: O artigo de opinião em foco é constituído predominantemente do modo narrativo fundido com a argumentação. A razão para tal fusão deriva da necessidade de apoiar o argumento com evidências, que são dadas pela descrição e narração, mesmo que hipotética, já que elas possibilitam a verificação do conteúdo exposto. Nessa argumentação, o ensaio apresenta uma questão conceitual, narra fatos hipotéticos, apoiando-se em elementos de retórica persuasiva.

4.2.2 Análise do Gênero e dos Modos Textuais do Artigo de Opinião “Por que a educação é importante?”

Para realizar essa etapa da análise, conforme apresentado na análise do primeiro texto, adoto a seguinte codificação para indicar os modos textuais:

<u>Grifado</u>	Narração
<i>Itálico</i>	Descrição
Negrito	Argumento
<u>Grifado</u> + Negrito	Narração + Argumento
<i>Itálico</i> + Negrito	Descrição + Argumento

Por que a educação é importante? Hélio Schwartzman	Estágios e finalidades de gênero
Discussão: O título antecipa o tema do ensaio e apresenta um posicionamento do autor favorável à valorização da educação.	Título /Autoria
<u>Para um indivíduo prosperar, basta que ele consiga um trabalho. Mas, para a sociedade progredir, é preciso que as pessoas façam seu trabalho, ou seja, que efetivamente criem bens e serviços.</u>	Situação + Problema
Discussão: O trabalho apontado como um fundamento para o progresso pessoal e social é a situação apresentada por Schwartzman. Mas, nesse fato, o autor aponta um problema: somente o trabalho, por si só, não garante a prosperidade. Assim, apresenta a hipótese de solução: para a sociedade progredir é necessário ser consequência do trabalho a criação de bens e serviços. Aqui, narração entra em fusão escalada com o argumento “<u>Mas, para a sociedade progredir, é preciso que as pessoas façam seu trabalho, ou seja, que efetivamente criem bens e serviços.</u>” (REYNOLDS, 2000), que pode ser interpretado como um recurso de “contrabando de informação”, ou seja, essa hipótese de solução está fundamentada em teorias sociais e econômicas não explicitadas. Inicia-se assim o Problema, estágio inicial da argumentação (PORTA, 2002).	
<u>Essa diferença já era conhecida dos economistas clássicos. Frédéric Bastiat (1801-50), em seus impagáveis "Sofismas Econômicos", imagina uma petição ao rei para que todos os súditos sejam proibidos de usar a mão direita. A razão do pedido é explicada na forma de silogismo: quanto mais uma pessoa trabalha, mais rica ela fica; quanto mais dificuldades precisa</u>	Continuação da contextualização e argumentação em favor da tese

<u>superar, mais trabalha; logo, quanto mais dificuldades uma pessoa tem de superar, mais rica ela se torna.</u>	
Discussão: A narração, ancorada em uma tese, que inicia o estágio (de gênero), prepara o terreno para a denúncia do problema, este decorrente de uma pensamento que, a princípio, parece coerente (quanto mais trabalho = mais riqueza). Utilizando da narração, o articulador vai desconstruindo esse conceito, por meio da apresentação de uma situação irônica, revelando o absurdo de tal lógica. A ironia é a forma mais indicada para a crítica implícita (EL REFAIE, 2005). No papel de animador (GOFFMAN, 1974), Schwartzman traz as palavras de um economista clássico que comprova a inadequação de um conceito econômico, o qual o articulista quer refutar. Assim, Schwartzman expressa a sua opinião apoiado na voz de outros, oferecendo, por meio de dados, garantia a sua reivindicação (TOULMIN, 1958), de modo a fortalecer o processo argumentativo.	
Quando a coisa é colocada assim de forma escancarada, percebemos o ridículo da situação. O problema é que raciocínios muito parecidos com esse, quando vendidos sob a palavra de ordem da preservação de empregos, ganham sólido apoio popular. Esse é, na opinião de Bryan Caplan, uma espécie de viés econômico que compromete a noção de democracia.	Argumentação em favor da tese
Discussão: Ancorada na narração apresentada no parágrafo anterior, o articulista entra com o argumento de forma mais incisiva. A narrativa, conforme Reynolds (2000) possibilita	

apoiar o argumento em evidência, já que trata de fatos verificáveis, enquanto o argumento trata afirmações não verificáveis. Novamente, no papel de animador (GOFFMAN, 1974), Schwartzman traz as palavras de um economista contemporâneo, reforçando a comprovação de sua tese relacionada à inadequação de um conceito econômico. Assim, o articulista expressa, mais uma vez, a sua opinião apoiado na voz de outros, oferecendo, por meio de dados, garantias a sua reivindicação (TOULMIN, 1958), de modo a ampliar o fortalecimento do processo argumentativo.	
<u>Fazendo coro a Bastiat e outros economistas ortodoxos, Caplan sustenta que, enquanto a população vê o desemprego como "destruição de postos de trabalho", especialistas nele veem a "essência do crescimento econômico, a produção de mais com menos". Um exemplo esclarecedor é o da evolução da mão de obra agrícola nos EUA: "Em 1800, era preciso utilizar quase 95 de 100 americanos para alimentar o país. Em 1900, 40%. Hoje, 3%... Os trabalhadores que deixaram de ser necessários nas fazendas foram usados na produção de casas, móveis, roupas, cinema..."</u>	Apresentação de dados que confirmam a tese
Discussão: O articulista inicia o parágrafo com uma narração e, na sequência, introduz uma descrição, utilizando dados objetivos, de forma a garantir a reivindicação (TOULMIN, 1958). O dado apresentado faz referência à migração da mão de obra agrícola, a partir do processo de mecanização, para outros setores da economia. Para apresentar esses dados, no papel de animador, novamente o articulista traz as palavras de economistas que comprovam sua tese, expressando sua opinião apoiado na voz de outros. Ao trazer duas vozes de contextos	

históricos distintos (Frédéric Bastiat e Bryan Caplan Schwartsman sugere ao leitor que a sua tese está respaldada em um histórico de situações, sobre as quais economistas de diferentes épocas e contextos já refletiram e teceram conclusões, tratando-se, portanto, de uma tese já confirmada.	
E onde entra a educação nessa história? Uma força de trabalho intelectualmente preparada não apenas produz com maior eficiência como ainda pode ser mais facilmente readaptada para outras funções, quando seus trabalhos se tornam obsoletos. Cada vez mais, a educação se torna matéria-prima do crescimento.	Conclusão
Discussão: Por meio de uma pergunta retórica, presente no título do texto, o articulista redireciona o problema apresentado no parágrafo inicial, encaminhando a conclusão do artigo de opinião. As concepções dos economistas citados ao longo do artigo são ampliadas pela proposta de Schwartsman, na qual é a educação que possibilita a adequação e o desenvolvimento pessoal, de forma que as pessoas criem bens e serviços nos mais diferentes contextos. Pela logogênese do texto percebe-se que o autor, com o apoio de outras vozes, vai desconstruindo a representação de trabalho, por si só, como gerador de riqueza, atribuindo à educação e à capacidade de adaptação a possibilidade de transformação pessoal e social. Ao final, embora no texto haja descrição e narração, em muitos casos fundidos com argumentação, temos o modo textual predominante nesse artigo de opinião o argumentativo.	

4.2.3 Análise da Transitividade e da Modalidade Avaliativa do Artigo de Opinião “Por que a educação é importante”

Para realizar essa etapa da análise, sublinho os termos analisados por meio do sistema da Transitividade (T) e indico, entre colchetes e em fonte menor, os Participantes que estão elípticos no texto. Em negrito, estão os termos relativos à metafunção Interpessoal [I], analisador por meio da Modalidade e da Avaliatividade, conforme indicado no item Procedimentos de Análise.

4.2.3.1. Análise do Primeiro Parágrafo

Para um indivíduo prosperar , basta que <u>ele consiga</u> <u>um trabalho</u> . Mas , para <u>a sociedade</u>					
(T)	Ator	MATERIAL	Ator	MATERIAL	Meta
(I)	Julgamento (+)		Compromisso monoglóssico		Compromisso monoglóssico
progredir , é preciso que <u>as pessoas façam</u> <u>seu trabalho</u> , ou seja, que <u>[elas]</u>					
(T)	MATERIAL		Ator	MATERIAL	Meta
(I)	Avaliação Social (+)		Compromisso monoglóssico		
efetivamente <u>criem</u> bens e serviços .					
(T)		MATERIAL		Meta	
(I)	Foco ↑		(Julgamento +)		
Discussão: Os Processos Materiais “prosperar” e “progredir” são apresentados de forma a evidenciar o que é esperado como realizações positivas, verificadas por meio da indicação de subsistemas da Avaliatividade (MARTIN, 2000), em que a Avaliação Social é explicitada como positiva. O compromisso monoglóssico, em que as duas declarações são postas, sem negociação, revela que as afirmações feitas são reconhecidas como verdades: no entanto, ao introduzir o marcador discursivo “mas”, o articulista indica que a primeira verdade apresentada pode estar incompleta ou representar um pensamento falho. Ao iniciar o ensaio por meio de uma narração em fusão escalada com argumento são utilizados verbos que revelam Processos Materiais, (cinco ocorrências) na tentativa de a ancorar o argumento em algo verificável. Ao traçar					

as duas perspectivas sobre o que se entende por prosperar – em um nível individual e social – a presença dos Atores, no primeiro caso “o indivíduo” e em seguida “a sociedade” explicitam essa dupla abordagem sobre “progresso”. O Participante “Indivíduo” aparece como Ator duas vezes, “Pessoas” é colocado como Ator em três situações e há uma ocorrência de “Sociedade” como Ator. O enfoque de “Indivíduo” e “Pessoas” como Atores, sugere que o articulista privilegia em sua análise o indivíduo, a pessoa em si, como agente das mudanças pessoais e sociais.

4.2.3.2 Análise do Segundo Parágrafo

<u>Essa diferença já era conhecida dos economistas clássicos. Frédéric Bastiat (1801-50),</u>						
(T)	Portador	RELACIONAL	Atributo		Experienciador	
(I)	Força ↑		Julgamento (+)			
<u>em seus impagáveis "Sofismas Econômicos", imagina uma petição ao rei para que</u>						
(T)	Circunstância		MENTAL		Fenômeno	
(I)	Apreciação (+)					
<u>todos os súditos sejam proibidos de [eles] usar a mão direita.</u>						
(T)	Portador	RELACIONAL	Atributo	Ator	MATERIAL	Meta
(I)						
<u>A razão do pedido é explicada na forma de silogismo: quanto mais uma pessoa</u>						
(T)	Circunstância	VERBAL	Dizente		Verbiagem	
(I)	Foco ↑					
<u>trabalha mais rica ela fica; quanto mais dificuldades precisa superar, mais trabalha;</u>						
(T)	Verbiagem					
(I)	Foco ↑		Obrigação		Foco ↑	
<u>logo, quanto mais dificuldades uma pessoa tem de superar, mais rica ela se torna.</u>						
(T)	Verbiagem					
(I)	Foco ↑		Obrigação		Foco ↑	

Discussão: Para introduzir a narração que ilustrará um conceito econômico são utilizados termos que revelam aspectos positivos. Os subsistemas da Avaliatividade – Julgamento e Apreciação (MARTIN, 2000) – são explicitadas denotando aspectos positivos do economista e obra citados. Ao fazer uso do termo *mais* e de modos verbais que expressam tom monoglóssico (*precisa* e *tem*), enfatizando o conceito apresentado ao longo da narração, é possível notar a ironia, pois demarca, incisivamente, um pensamento que logo em seguida será desconstruído. Para introduzir a narração de uma suposição, o parágrafo é iniciado por verbos que indicam processos relacional e mental. Ao utilizar o verbo “imaginar”, o leitor é levado a supor uma determinada realidade. Em seguida, por meio de um Processo Verbal, expresso pela locução verbal “é explicada”, é introduzida a verbiagem. O Dizente, em geral, é um Participante humano ou humanizado, entretanto, outras entidades podem simbolizar esse emissor. Nesse caso, “na forma de silogismo” é o Participante do Processo Verbal, representando quem diz, no caso o autor do próprio silogismo: Frédéric Bastiat. O Processo Verbal explicita a ação de recorrer a outras vozes a fim de garantir as reivindicações do articulista. Assim, é preparado o terreno para a argumentação que virá no parágrafo seguinte.

4.2.3.3 Análise do Terceiro Parágrafo

<u>Quando a coisa é colocada assim de forma escancarada, [nós] percebemos o ridículo</u>				
(T)	Portador	RELACIONAL	Atributo	Experienciador MENTAL Fenômeno
(I)	Apreciação (-)		Apreciação (-)	
<u>da situação. O problema é que raciocínios muito parecidos com esse, quando vendidos</u>				
(T)	Circunstância	Portador	RELACIONAL	Atributo
(I)				
<u>sob a palavra de ordem da preservação de empregos, [eles] ganham sólido apoio</u>				
(T)			Experienciador	MENTAL Fenômeno
(I)	Apreciação (-) <i>token</i>		Força ↑	

	popular.	Esse	é,	na opinião de Bryan Caplan,	uma espécie de viés econômico
(T)	Portador	RELACIONAL			Atributo
(I)				Compromisso heteroglóssico	
	que [ele]	compromete		a noção de democracia.	
(T)	Experienciador	MENTAL		Fenômeno	
(I)					
Discussão: Ao realizar a argumentação de forma explícita, o articulista faz uso de verbos que indicam Processos Mentais e Relacionais. Ao longo do parágrafo há ocorrência de três Processos Relacionais, sendo os Portadores termos abstratos, como “problema” e o pronome “esse”, que funciona, no contexto, como anáfora de “raciocínio”. Nas três ocorrências de Processos Mentais, há Experienciadores elípticos, podendo ser recuperados pelo contexto como “nós”, “raciocínio” e “viés econômico”. A presença desses Processos Mentais e Relacionais, assim como de seus Participantes, em geral entidades abstratas, contribui para a construção de um Mundo Textual (SEMINO, 1997), no qual o leitor reconstrói o mundo projetado no discurso de acordo com seu próprio conhecimento cultural e pessoal a partir de pistas linguísticas. Além disso, esses Processos Relacionais e Mentais estão ancorados em uma narrativa apresentada no parágrafo anterior, possibilitando a entrada, no texto, de situações mais abstratas. Ao utilizar termos que revelam Avaliatividade negativa, o autor explicita a sua opinião sobre a situação, tendo em vista ter preparado, anteriormente, o terreno para que pudesse expressar sua avaliação de forma contundente. Schwartzman, a fim de reforçar a crítica ao pensamento que quer refutar, faz uso de outras vozes (Bryan Caplan), recorrendo a uma outra fonte, agora do presente, para legitimar a sua argumentação. Nesse parágrafo, chama a atenção a nominalização presente no trecho “O problema é que <i>raciocínios muito parecidos com esse, quando vendidos sob a palavra de ordem da preservação de empregos</i> ganham sólido apoio popular”. A nominalização de termos como “raciocínio” possibilita a atribuição de adjunto adnominal, recurso que é, segundo Fowler (1991), o modo persuasivo mais adequado para uma avaliação como vistas à aceitação do leitor. Com as nominalizações “vendidos” e “preservação” perdem-se as indicações de modo e de tempo e do sujeito do verbo, sendo que essa escamoteação pode contribuir no processo argumentativo (FOWLER, 1991).					

4.2.3.4 Análise do Quarto Parágrafo

Fazendo coro a Bastiat e outros economistas ortodoxos, Caplan sustenta que,			
(T)	Circunstância		Dizente VERBAL
(I)	Compromisso heteroglóssico		
enquanto a população vê o desemprego como "destruição de postos de trabalho"			
(T)	Verbiagem		
(I)	Apreciação (-)		
especialistas nele veem a "essência do crescimento econômico, a produção de			
(T)	Verbiagem		
(I)	Apreciação (+)		
mais com menos". Um exemplo esclarecedor é o da evolução da mão de obra			
(T)	Identificado	RELACIONAL	Identificador
(I)	Foco ↑		
agrícola nos EUA: [Caplan diz] “Em 1800, era preciso utilizar quase 95 de 100			
(T)	Dizente VERBAL	Verbiagem	
(I)	Modulação (obrigação)		
americanos para alimentar o país. Em 1900, 40%. Hoje, 3%... Os trabalhadores que			
(T)	Verbiagem		
(I)			
deixaram de ser necessários nas fazendas foram usados na produção de casas, móveis,			
(T)	Verbiagem		
(I)			
roupas, cinema...”			
(T)			
(I)			
Discussão: O articulista, por meio de dois Processos Verbais, insere a voz do			

economista Bryan Caplan, a fim de, mais uma vez, por meio do verbiagem, reafirmar o seu ponto de vista. Em um desses Processos, o Dizente é apresentado de forma explícita (Caplan). Na segunda ocorrência do Processo Verbal, após o uso dos dois pontos, o Dizente está elíptico, podendo ser recuperado pelo contexto apresentado. Ao longo do parágrafo, há ainda um Processo Relacional, cujo Identificado é o termo “um exemplo esclarecedor”, fazendo referência a uma fala de Caplan. Nesse caso, de acordo com Goffman (1974), Schwartzman assume o papel de animador, a pessoa que articula um enunciado, legitimando as afirmações pela voz do outro. Nesse parágrafo, há ocorrência de um processo de nominalização em “um exemplo esclarecedor é o da *evolução da mão de obra agrícola nos EUA*”, no qual perdem-se as indicações de modo, tempo e o sujeito do verbo “evoluir”, podendo ser esse um recurso que contribui para a argumentação (FOWLER, 1991). Em relação à Avaliatividade, Schwartzman apresenta Apreciação negativa em relação à forma como a população avalia o desemprego, visão essa associada ao senso comum, de acordo com o articulista. Contrastando a essa análise, o autor atribui uma Apreciação positiva em relação à forma como “especialistas” entendem o desemprego: como uma oportunidade de reorganização dos processos de trabalho, reafirmando assim o pensamento econômico que sustenta a tese defendida no artigo de opinião.

4.2.3.5 Análise do Quinto Parágrafo

E onde entra		a educação nessa história? Uma força de trabalho intelectualmente			
(T)	EXISTENCIAL	Existente	Circunstância	Ator	
(I)					
<u>preparada</u> não apenas <u>produz com maior eficiência</u> <u>como ainda</u> [ela] pode ser					
(T)	MATERIAL		Meta	Circunstância	Portador RELACIONAL
(I)	Força ↓		Força ↑		Probabilidade
mais <u>facilmente readaptada para outras funções,</u> <u>quando</u> <u>seus trabalhos se</u>					
(T)	Atributo		Circunstância		Portador
(I) Foco ↑					

<u>tornam</u>	<u>obsoletos.</u>	Cada vez mais,	<u>a educação</u>	<u>se torna</u>	<u>matéria-prima</u>
(T) RELACIONAL	Atributo	Circunstância	Portador	RELACIONAL	Atributo
(I)	Foco ↑				
<u>do crescimento</u>					
(T)					
(I)					
Discussão: O articulista, ao concluir o texto, faz uso, prioritariamente, de Processos Relacionais. São três ocorrências desse Processo, tendo como Portador termos abstratos, como “trabalho”, “educação” e “força de trabalho”, que, embora elíptico, pode ser retomado pelo contexto. Há um Processo Material, cujo Ator é “força de trabalho”. O Processo Existencial, presente no parágrafo, tem como Existente “educação”. De acordo com os Processos e os respectivo Participantes, é possível afirmar que Schwartzman conclui o artigo de opinião utilizando abstrações que concorrem para a construção de um Mundo Textual (SEMINO, 1997), no qual o leitor desempenha um papel ativo, sendo necessário um esforço deliberado e conjunto por parte dos interlocutores para criar um “mundo” dentro do qual as proposições apresentadas são coerentes e fazem sentido.					

4.2.4 Discussão Geral do Artigo de Opinião “Por que a Educação é Importante?”

Observando os estágios do gênero, é possível afirmar que Hélio Schwarstman estrutura o artigo de opinião “Por que a Educação é importante?” tendo como fundamento as ideias de dois economistas, ampliadas pelo que o articulista entende ser a sua contribuição em relação aos pensamentos desenvolvidos por Frédéric Bastiat e Bryan Caplan: o indivíduo, com os recursos oferecidos pela educação, é o elemento fundamental para a transformação pessoal e social, em específico no que diz respeito ao trabalho como construção de bens e riqueza.

Essa é a tese defendida por Schwartzman ao longo do artigo de opinião. Para assegurar a sua reivindicação, o articulista recorre a contextos diferentes: às ideias de um economista ortodoxo do século XVIII e às concepções de um economista americano que atua nos dias de hoje, defensor do libertarismo⁷ e do livre mercado. Por meio dessa estratégia, o articulista assegura que as ideias por ele defendidas estão presentes ao longo da história, sendo portando legitimadas pela trajetória do pensamento econômico ocorrida entre o século XVIII e o atual.

O processo argumentativo de Hélió Schwartzman é organizado por meio dos modos textuais narrativo, descritivo, argumentativo e narrativo em fusão escalada com argumento. Ao longo do artigo, nota-se que o terceiro e o quinto parágrafos são totalmente argumentativos, sendo eles seguidos por parágrafos estruturados, sobretudo, em narração (segundo parágrafo) e em narração + descrição (quarto parágrafo). Essa estruturação do texto indica que Schwartzman ancorou os seus argumentos em evidências, já que a narrativa trata de afirmações verificáveis, enquanto o argumento trata de afirmações não verificáveis (REYNOLDS, 2000).

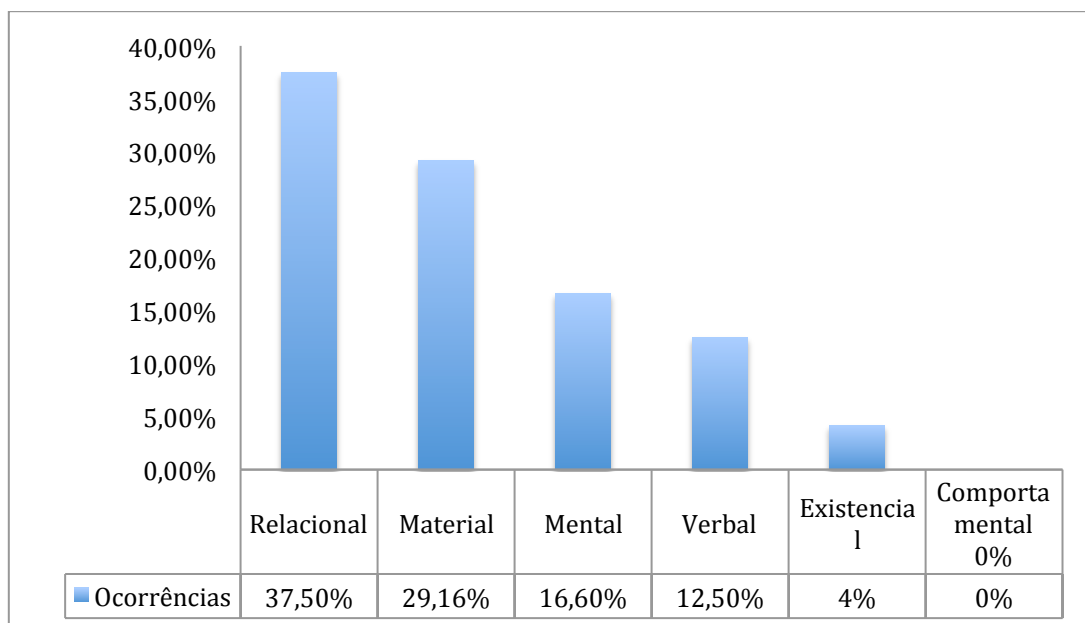
O estudo da persuasão, por meio da análise dos estágios e finalidades do gênero e dos modos textuais, pode ser ampliada pela análise da microestrutura do ensaio, apoio possibilitado pela Gramática Sistêmico-Funcional.

Ao analisar os significados Ideacionais, verificados por meio dos Processos e dos papéis projetados pelos Participantes, e dos significados Interpessoais, verificados por meio da Avaliatividade, foi possível constatar como o conhecimento desses elementos da gramática – enriquecidos pelas dimensões semântica e pragmática – é essencial para a compreensão de um texto e para o posicionamento crítico do leitor e do produtor do texto.

Para tanto, apresento a seguir os Processos identificados no texto, assim como os papéis projetados pelos Participantes.

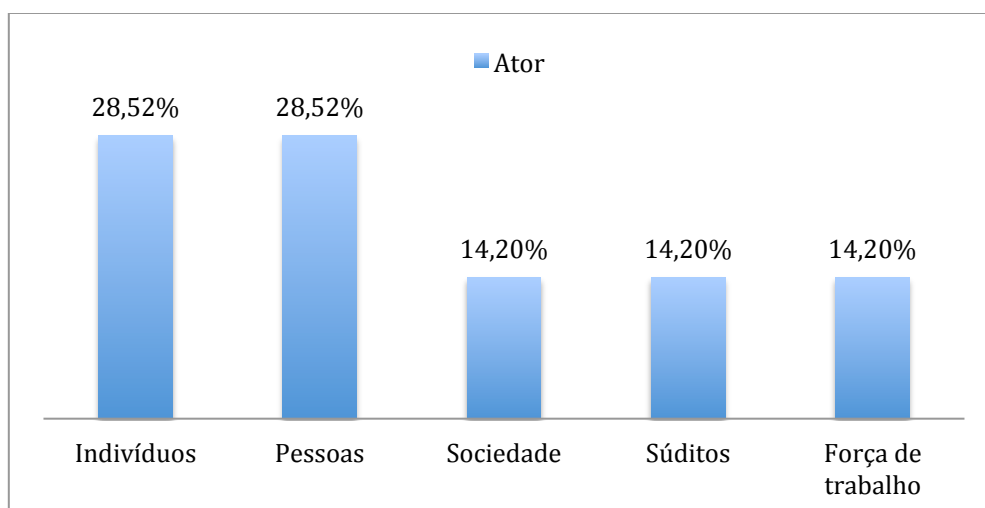
⁷ O conceito de libertarismo relaciona-se à filosofia política que tem como fundamento a defesa da liberdade individual, da não agressão, da propriedade privada e da supremacia do indivíduo. No libertarismo, defende-se a liberdade em todos os aspectos.

Gráfico 6 – Tipos de Processos presentes no texto “Por que a educação é importante?”



Ao longo do artigo de opinião estão presentes 24 Processos. Para efeito de análise apresento, a seguir, os Participantes de cada um deles.

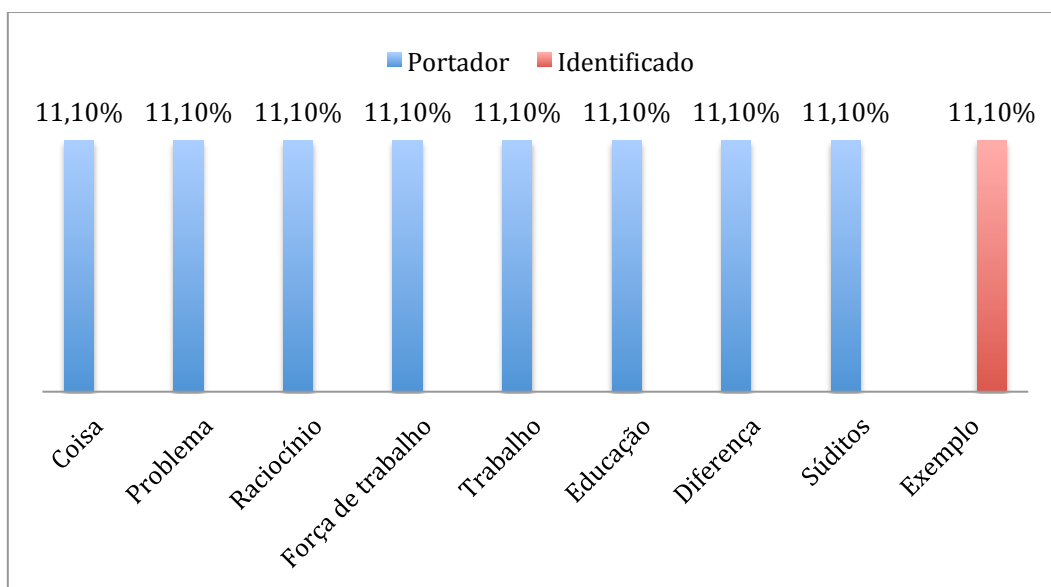
Gráfico 7 – Participantes do Processo Material no texto “Por que a educação é importante?”



Ao longo do artigo de opinião estão presentes sete Processos Materiais, sendo que cinco deles concentram-se no primeiro parágrafo. Ao iniciar o ensaio por meio de uma narração em fusão escalada com argumento são utilizados verbos que

indicam Processos Materiais, na tentativa de ancorar o argumento em algo verificável. Schwartzman, ao introduzir esses Processos, evidencia como Atores ora “indivíduos”, ora “pessoas”, de forma a direcionar o leitor para a sua tese: o indivíduo, com os recursos oferecidos pela educação, é o elemento fundamental de transformação pessoal e social, em específico no que diz respeito ao trabalho como construção de bens e riqueza. Esses Atores (“indivíduos”/“pessoas”) são termos concretos, ampliando a materialidade dos Processos “prosperar”, “conseguir”, “fazer” e “criar”. Essas escolhas lexicogramaticais concorrem para ancorar o argumento que virá nos parágrafos seguintes, sendo fundamentais no processo de persuasão.

Gráfico 8 – Participantes do Processo Relacional no texto “Por que a educação é importante?”



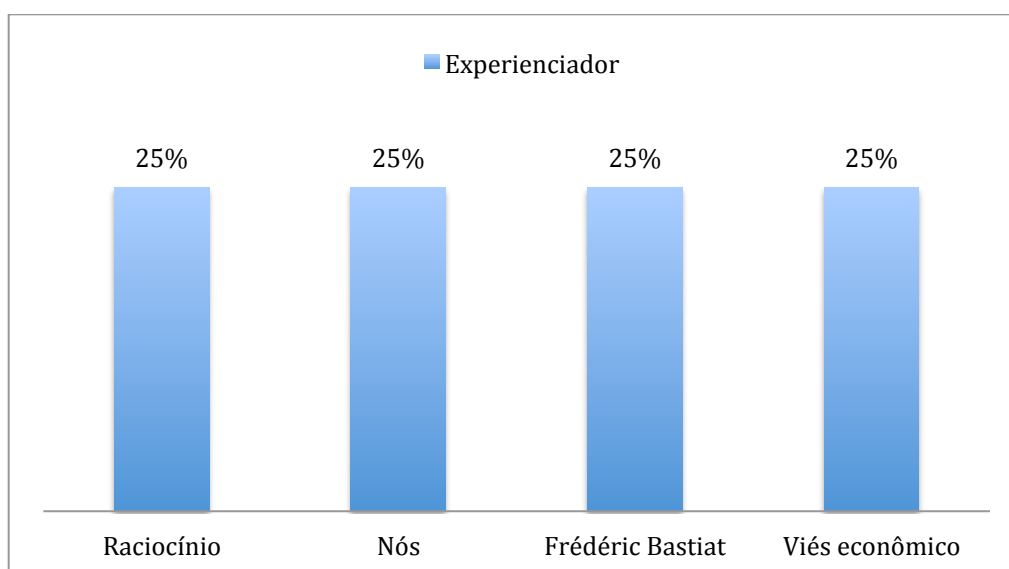
Dos 24 Processos presentes no artigo de opinião, nove são Relacionais. Esses Processos concentram-se no terceiro e quarto parágrafos, cujo modo textual predominante é o argumentativo. Nesse caso, é possível estabelecer uma relação entre o uso dos Processos Relacionais e o modo textual argumentativo.

Os Participantes desse Processo, em geral entidades abstratas (“problema”, “raciocínio”, “trabalho”, “educação”, “exemplo” entre outros), elevam o nível de abstração do artigo de opinião, sendo necessária a recorrência a verbos que indicam Processos Relacionais, a fim de estabelecer uma relação de identidade (“um

exemplo esclarecedor é o da evolução da mão de obra agrícola nos EUA”) ou uma qualificação (“a educação se torna matéria-prima do crescimento), as quais concorram para a construção da persuasão. Além disso, em várias das ocorrências, esses Processos estão ancorados em uma narrativa apresentada anteriormente, possibilitando a entrada, no texto, de situações mais abstratas.

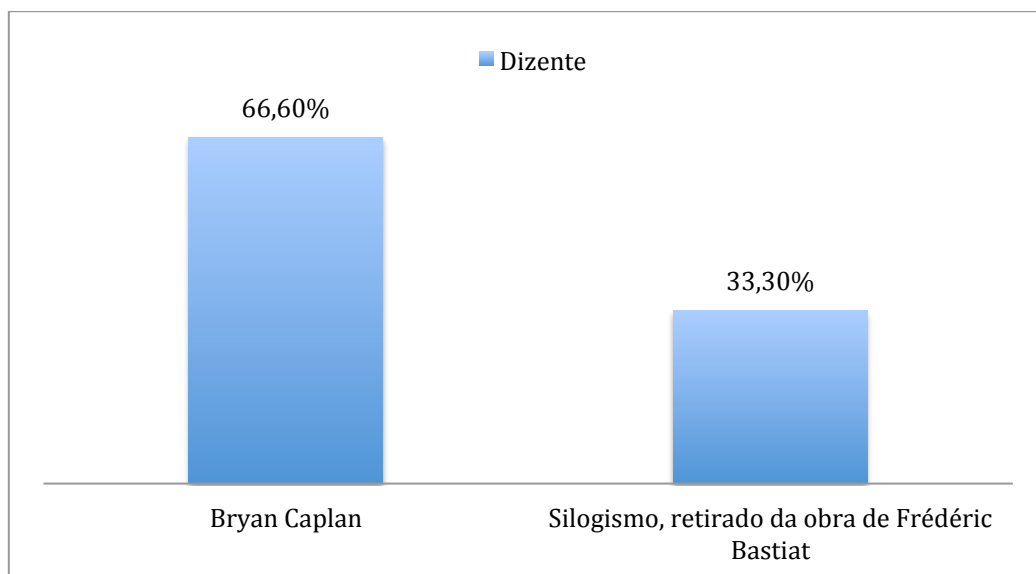
O Processo Relacional é o mais utilizado nesse artigo de opinião, carregando-o de significados aparentemente atributivos, mas que contribuem decisivamente para a construção da persuasão.

Gráfico 9 – Participantes do Processo Mental no texto “Por que a educação é importante?”



No terceiro parágrafo estão concentrados três dos quatro Processos Mentais presentes no artigo de opinião. Esses Processos estão ancorados em uma narrativa apresentada no parágrafo anterior, possibilitando a entrada, no texto, de situações mais abstratas, representados pelos verbos “perceber”, “ganhar” e “comprometer” e tendo como Experienciadores ora participantes humanos (“nós”, “Frédéric Bastiat”), ora entes inanimados, mas que recebem um grau de humanidade (“*Raciocínios* ganham sólido apoio popular”), entendendo o termo “raciocínios” como uma realização somente possível ao ser humano.

Gráfico 10 – Participantes do Processo Verbal no texto “Por que a educação é importante?”



O Processo Verbal ocorre três vezes no artigo de opinião. O articulista insere a voz de Frédéric Bastiat, por meio da citação de um silogismo formulado pelo economista, e de Bryan Caplan, a fim de, pela verbiagem, legitimar o seu ponto de vista. Nesse caso, de acordo com Goffman (1974), Schwartzman assume o papel de animador, a pessoa que articula um enunciado, legitimando as afirmações pela voz do outro, de forma a envolver o leitor na persuasão pretendida.

Há no artigo de opinião a ocorrência de um Processo Existencial, cujo Existente é “educação”. Mais uma vez, o Participante do Processo é uma entidade abstrata, reafirmado a estratégia de Schwartzman de recorrer a abstrações que concorrem para a construção de um Mundo Textual (SEMINO, 1997), no qual o leitor desempenha um papel ativo, sendo necessário um esforço deliberado e conjunto por parte dos interlocutores para criar um “mundo” dentro do qual as proposições apresentadas são coerentes e fazem sentido.

Como explicado na Fundamentação Teórica, a construção de significados Ideacionais ocorre concomitantemente com a construção de significados Interpessoais. Assim, a seguir passo a tratar dos recursos avaliativos presentes no texto.

A Avaliatividade percorre todo o texto. Inicialmente, há Julgamento e Apreciação social positivas relacionadas ao conceito de trabalho e à tese que será defendida ao longo do artigo de opinião.

No segundo parágrafo, há uso de termos que revelam Julgamento positivo, atribuídos, sobretudo à obra e ao economista Frédéric Bastiat. No entanto, nesse mesmo parágrafo, ao apresentar o silogismo formulado por Bastiat, a Modulação de Obrigação é evidenciada, por meio do uso de locuções verbais que expressam tom monoglóssico (“precisa superar” e “tem de superar”). Além disso, o uso do marcador “mais”, enfatiza o conceito apresentado no silogismo, demarcando incisivamente um pensamento que, logo em seguida, será desconstruído.

No parágrafo seguinte, são explicitadas Apreciação e Avaliação negativas em relação às ideias manifestas no silogismo, sendo esse o pensamento que Schwartzman, assim como Bastiat, refuta. Nesse parágrafo, há ocorrência de um *token* expressando Apreciação negativa.

No quarto parágrafo, Schwartzman apresenta Apreciação negativa em relação à forma como a população, de forma geral, avalia o desemprego, visto essa associada ao senso comum. Contrastando a essa análise, o autor atribui Apreciação positiva em relação ao modo como “especialistas” entendem o desemprego: como uma oportunidade de reorganização dos processos de trabalho, reafirmando assim o pensamento econômico que sustenta a tese defendida no artigo de opinião. Nesse caso, é evidenciada a desqualificação do pensamento médio, em contraposição à valorização de pensamentos mais sofisticados e reflexivos, de acordo com o articulista.

Ao concluir o texto, com o processo argumentativo já desenvolvido, Schwartzman faz uso de marcadores textuais que indicam Graduação de Força e de Foco positivos (“**maior** eficiência”, “**mais** facilmente adaptada”, “cada vez **mais**”), intensificando as ideias por ele defendidas, finalizando o artigo de opinião de forma contundente.

Em relação à metáfora gramatical, nesse artigo de opinião é evidente o uso de nominalizações de forma a contribuir no processo persuasivo. Uma dessas ocorrências diz respeito à nominalização presente no seguinte trecho do terceiro parágrafo: “O problema é que *raciocínios muito parecidos com esse, quando vendidos sob a palavra de ordem da preservação de empregos* ganham sólido apoio

popular”. A nominalização de termos como “raciocínio” possibilita a atribuição de adjunto adnominal, recurso persuasivo adequado para uma avaliação com vistas à aceitação do leitor. Com as nominalizações “vendidos” e “preservação” perdem-se as indicações de modo e de tempo e do sujeito do verbo, sendo que essa escamoteação pode, também, contribuir no processo argumentativo (FOWLER, 1991). Outro exemplo de nominalização que concorre para a persuasão está presente no quinto parágrafo: “um exemplo esclarecedor é o da *evolução da mão de obra agrícola nos EUA*”, no qual perdem-se as indicações de modo, tempo e o sujeito do verbo “evoluir”, podendo ser esse um recurso argumentativo.

A seguir, apresento um quadro síntese com os recursos que concorrem para a persuasão no ensaio em estudo.

Quadro 15 – Recursos que concorrem para a persuasão em “Por que a educação é importante?”

Modos Textuais com maior incidência	Incidência de Processos	Participantes com maior incidência	Recursos argumentativos
Narração Argumentação	Relacional (37,5%) 9 ocorrências	<u>Portador ou Identificado</u> Coisa (11,10%) Problema (11,10%) Raciocínio (11,10%) Força de trabalho (11,10%) Trabalho (11,10%) Educação (11,10%) Diferença (11,10%) Súditos (11,10%) Exemplo (11,10%)	- Julgamento, Apreciação e Avaliação Social - <i>Token</i> / Apreciação (-) - Compromisso heteroglóstico (outras vozes) - Modulação / obrigação - Graduação de Força e de Foco positivos - Nominalização
	Material (29,16%) 7 ocorrências	<u>Ator</u> Indivíduos (28,52%) Pessoas (28,52%)	
	Mental (16,6%) 4 ocorrências	<u>Experienciador</u> Raciocínio (25%)	

		Nós (25%) Frédéric Bastiat (25%) Viés econômico (25%)	
	Verbal (16,6%) <i>3 ocorrências</i>	<u>Dizente</u> Bryan Caplan (66%) Silogismo (33,3%)	
	Existencial (4,16%) <i>1 ocorrência</i>	<u>Existente</u> Educação	

A partir das informações organizadas no quadro, é possível apresentar a seguinte síntese sobre os recursos textuais que concorrem para a persuasão no artigo de opinião “*Por que a educação é importante*”:

- Os modos textuais narrativo, narrativo em fusão escalada com argumento e argumentativo estruturam a o texto, embora o modo textual predominante no artigo de opinião seja o argumentativo. O modo descritivo também se faz presente, mas com um única recorrência ao longo do texto.
- Os modos textuais narrativos e descritivos garantem as reivindicações do autor, apoiando os argumentos com evidência.
- Na microestrutura, os Processos predominantes são os Materiais e os Relacionais.
- Os Processos Materiais são utilizados de modo a estruturar, prioritariamente, as narrações presentes no artigo de opinião.
- Nos Processos Materiais, há maior incidência de termos concretos como Atores, ampliando a materialidade do próprio Processo.
- Os Processos Relacionais estão presentes com maior incidência nos parágrafos predominantemente argumentativos, de forma a possibilitar o estabelecimento de relação entre dois conceitos. O principal tipo de Processo Relacional presente no artigo de opinião é o Atributivo, sendo seus dois Participantes o Portador (a entidade que carrega a qualificação) e o Atributo.

- De forma geral, os Processos Relacionais estão ancorados em uma narrativa apresentada anteriormente, possibilitando a inserção, no texto, de contextos mais abstratos.
- O Processo Verbal assume um papel de relevância no artigo de opinião, de modo que a verbiagem, carregada de dados, garante as reivindicações do articulista.
- Os recursos da Avaliatividade como Julgamento, Apreciação e Avaliação Social são utilizados, prioritariamente, de maneira explícita, estando alinhados aos Processos identificados no texto.
- A Graduação de Força e de Foco positivos, presentes no final do artigo de opinião, intensificam as ideias defendidas pelo articulista, concluindo o artigo de opinião de forma contundente.
- A nominalização é utilizada como recurso argumentativo, possibilitando a despersonalização da oração por meio da perda do sujeito e das indicações de modo e tempo verbal.
- Relacionando os Processos presentes ao longo do artigo de opinião e os Recursos de Avaliatividade, é possível verificar o modo como o articulista distancia as visões sobre o desemprego (as visões pautadas pelo senso comum e a visão de determinada vertente do pensamento econômico), alinhando-se à tese daqueles que compreendem o desemprego como uma oportunidade de reorganização dos processos de trabalho, desde que os indivíduos estejam preparados, via educação, para essa mudança.

Assim, conclui-se que as narrações e argumentações, organizadas, na microestrutura, por Processos prioritariamente Relacionais e Materiais, concorrem para a construção de um mundo textual onde, pela prosódia, o articulista busca convencer o leitor da validade de sua tese.

5. RESULTADOS GERAIS

As análises da micro e macroestrutura de cada texto fornecem subsídios para a identificação das estratégias argumentativas utilizadas por seus respectivos autores para tecer uma crítica a um determinado comportamento, como no ensaio “Há Cabrais e Cavendishes”, ou para combater uma determinada ideia e assegurar a legitimidade de outra, como ocorre no artigo de opinião “Por que a educação é importante?” Portanto, somente uma análise comparada atinge resultados gerais, essenciais para responder às perguntas norteadoras desta tese: a) Como se caracteriza a estrutura dos textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião selecionados? (b) Como é tecida a argumentação nesses textos? (c) Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?

Primeiramente, estabelecerei as regularidades que permitem aos textos dialogarem. Em seguida, apresentarei as particularidades das produções.

Partindo do pressuposto de Martin (1985, p. 25) sobre gênero como “uma atividade organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura”, é possível estabelecer estágios e finalidades comuns aos dois textos aqui analisados. No caso do corpus desta pesquisa, o Quadro 16 sugere a seguinte organização genérica:

Quadro 16 – Estágios e Finalidades dos textos analisados

Estágio	Finalidade	Exemplos
Situação + Problema	Contextualização, em geral por meio de narração e /ou descrição.	(1) ⁸ “A bem da verdade, a viagem do primeiro Cabral tomou-o célebre já faz tempo, enquanto as do segundo só recentemente se impuseram com a evidência merecida” (2) “Frédéric Bastiat (1801-50), em seus impagáveis “Sofismas Econômicos”, imagina uma petição ao rei para que todos os súditos sejam proibidos de usar a mão direita”

⁸ Legenda: (1) “Há Cabrais e Cavendishes”; (2) “Por que a educação é importante?”.

Argumentação em favor da tese	Fundamentação do ponto de vista	1) “A comitiva do segundo Cabral tratou ela própria de exibir seu exotismo, os homens dançando e folgando com guardanapos na cabeça”. (2) “Essa diferença já era conhecida dos economistas clássicos”.
Situação e apresentação de novos dados que confirmem a tese	Reforço dos argumentos apresentados e encaminhamento para a conclusão	(1) “O segundo Cavendish poderia ter se destacado como empresário que em poucos anos conduz a pequena empreiteira herdada do pai ao posto de uma das maiores do país. Acabou enredado na teia de operações do bicheiro Carlos Cachoeira” (2) “Um exemplo esclarecedor é o da evolução da mão de obra agrícola nos EUA”.
Conclusão	Solução e/ou avaliação da situação, com reafirmação da tese	(1) “Fernando Cavendish, amigo íntimo de Sérgio Cabral, seu vizinho nas casas de veraneio de Mangaratiba e companheiro de estripulias em Paris, é um dos integrantes da agora famosa roda do guardanapo”. (2) “Uma força de trabalho intelectualmente preparada não apenas produz com maior eficiência como ainda pode ser mais facilmente readaptada para outras funções”.

Embora os textos sejam de gêneros diferentes, é possível observar que a argumentação é construída sobre uma base comum de estágios que permitem associá-los numa mesma categoria ou subgênero. No entanto, é evidente que características como o estilo e o modo como cada um desses estágios é “preenchido” diferem significativamente nos dois textos. Sobre isso, é possível afirmar que:

1. Roberto Pompeu de Toledo destaca-se na apresentação de situações carregadas de crítica implícita.

2. Recorre de forma mais livre a referências e dados, inserindo-os em meio à narrativa e descrição, auxiliando na legitimação dos argumentos
3. Essa liberdade na apresentação de dados pode estar associada ao fato do texto ser um ensaio, gênero no qual, segundo Paviani (2009), a opinião do autor apresenta-se por diferentes ideias, sendo que os argumentos que a sustentam não necessariamente requerem a presença de outras “vozes”, como as de “autoridades” no assunto ou mesmo de pesquisas que reafirmem o ponto de vista do autor.
4. Toledo vai além de convencer intelectualmente seu leitor, elaborando uma reflexão para fundamentar uma visão pessoal, refletindo sobre o seu próprio ponto de vista, convidando o leitor a “pensar com ele”.
5. Hélio Schwartsman apresenta situações, avaliações e críticas de forma mais explícita.
6. Recorre de forma mais direta a outros dizeres, a fim de que sua tese seja sustentada por argumentos embasados e convincentes e que levem o leitor a conhecer e analisar a rede de relações e de leituras que possibilitou a tomada de posição sobre um determinado assunto.

A partir da análise da macroestrutura, foi possível a identificação dos estágios dos textos ensaio e artigo de opinião, de suas regularidades e de algumas diferenças na forma de organização textual, buscando responder à primeira pergunta de pesquisa “Como se caracteriza a estrutura dos textos dos gêneros ensaio e artigo de opinião selecionados?”.

Por meio da análise realizada, conclui-se que, embora os textos sejam de gêneros diferentes e os autores apresentem estilos e formas de preenchimento dos estágios específicas, não há como, pela macroestrutura, definir claramente cada um dos gêneros, uma vez que os estágios são semelhantes, assim como a finalidade.

A análise da microestrutura dos textos – via Transitividade e Avaliatividade – define a forma como os autores empregaram os recursos lexicogramaticais disponíveis para construir os argumentos e persuadir o leitor

A análise da Transitividade apresenta resultados reveladores, de forma a explicitar como os argumentos são construídos em cada um dos textos. Sobre a Transitividade presente nos textos, é possível afirmar que:

1. Roberto Pompeu de Toledo utiliza, prioritariamente, Processos Materiais e Relacionais, de forma a estruturar as narrações e descrições presentes no ensaio.
2. Os Participantes desses Processos são, prioritariamente, Atores (Processos Materiais) e Portadores (Processos Relacionais), sendo, em geral, personagens históricos ou figuras públicas da atualidade, portanto entidades concretas.
3. Os Participantes dos demais Processos presentes no ensaio também são, sobretudo, personalidades históricas ou do atual contexto político.
4. As escolhas lexicogramaticais relacionadas aos Processos e aos Participantes revelam que Toledo ancora os seus argumentos em fatos verificáveis, levando o leitor a elaborar conclusões a partir dos fatos apresentados, sem que necessite explicitar as suas opiniões ou tese.
5. Pelas escolhas lexicogramaticais, o leitor é levado a elaborar a reflexão junto ao ensaísta, tendo um papel ativo no processo de reconhecimento da tese pretendida pelo autor.
6. Hélio Schwartsman utiliza em seu artigo de opinião, prioritariamente, Processos Relacionais e Materiais.
7. Os Processos Materiais são utilizados de modo a estruturar, prioritariamente, as narrações presentes no artigo de opinião, sendo que nesses Processos, há maior incidência de termos concretos como Participantes/Atores.
8. Os Processos Relacionais estão presentes com maior incidência nos parágrafos predominantemente argumentativos, de forma a possibilitar o estabelecimento de relação entre dois conceitos.
9. Os Participantes dos Processos, exceto do Processo Material, são, em geral, entidades abstratas, de modo a intensificar o processo de abstração presente no artigo de opinião.
10. Embora Schwartsman também ancore os seus argumentos em narrativa, portanto em fato verificável, as escolhas lexicogramaticais relacionadas aos Processos e aos Participantes revelam que no texto são priorizadas as abstrações, nas quais o articulista explicita o seu ponto de vista.
11. O Processo Verbal assume um papel de relevância no artigo de opinião, de modo que a verbiagem, carregada de dados, garanta as reivindicações do articulista.

A partir da análise dos Processos de Transitividade presentes na microestrutura, foi possível a identificação de algumas regularidades e de expressivas diferenças na forma de estruturar o texto, buscando responder à segunda pergunta de pesquisa “Como é tecida a argumentação nesses textos?”.

Por meio da análise realizada, conclui-se que, em ambos os textos, os processos prioritários são os Materiais e Relacionais; porém, com intensidade e, em alguns casos, propósitos diferentes. Toledo, por meio dos Processos Materiais e Relacionais, apresenta situações a partir das quais o próprio leitor é levado a realizar inferências e deduzir a tese. Já Schwartzman faz uso dos Processos Relacionais a fim de estabelecer relações, tendo, em geral, como Identificado termos abstratos. Assim, apresenta o seu ponto de vista, ou ideias alinhadas a ele, de forma explícita, de modo que o leitor possa assimilar claramente a tese presente no texto.

Essa forma de conduzir o processo argumentativo pode estar relacionada à caracterização dos gêneros a que cada texto se relaciona. Conforme Paviani (2009) afirma, no ensaio busca-se uma reflexão para fundamentar uma visão pessoal, vista como possível para o assunto tratado, sem no entanto diminuir o rigor da exposição. Já o no artigo de opinião, o autor alia-se a uma questão polêmica, utilizando argumentos embasados e convincentes e que levem o leitor a conhecer e analisar a rede de relações e de leituras que possibilitou a tomada de posição sobre um determinado assunto.

A respeito da Avaliatividade, a noção de prosódia – significados interpessoais somados no desenrolar do texto – é fundamental para construção argumentativa de Toledo. Já em Schwartzman, essa noção não se mostra tão significativa, uma vez que a Avaliatividade explícita é predominante no artigo de opinião.

Em relação à Avaliatividade, com base nas análises comparadas, é possível afirmar que:

1. No ensaio, a Avaliatividade evocada (implícita) é a preferida para a realização da avaliação do autor. Os *tokens* de Atitude e Julgamentos negativos predominam, a fim de tecer críticas a Thomas Cavendish, Fernando Cavendish e Sérgio Cabral.
2. Recursos como Contrabando de Informações e Apito do Cão estão alinhados aos Processos, sendo utilizados de forma recorrente no ensaio.

3. A nominalização é utilizada como recurso argumentativo no ensaio, possibilitando a despersonalização da oração por meio da perda do sujeito, das indicações de modo e de tempo. Por meio desse uso, o autor distancia-se do leitor, permitindo-lhe posicionar-se como especialista do assunto.
4. No artigo de opinião, os recursos da Avaliatividade como Julgamento, Apreciação e Avaliação Social são utilizados, prioritariamente, de maneira explícita, estando alinhados aos Processos identificados no texto.
5. A Graduação de Força e de Foco positivos, presentes no final do artigo de opinião, intensificam as ideias defendidas pelo articulista, concluindo o artigo de opinião de forma contundente.
6. Assim como no ensaio, a nominalização é utilizada como recurso argumentativo, possibilitando a despersonalização da oração por meio da perda do sujeito e das indicações de modo e tempo verbal.

A partir da análise dos recursos de Avaliatividade presentes na microestrutura, foi possível, também, a identificação de algumas regularidades, como o uso da nominalização, e de diferentes recursos persuasivos, buscando responder à terceira pergunta de pesquisa “Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?”.

Por meio da análise realizada, conclui-se que, no ensaio, a persuasão se dá pela inserção, prioritariamente, de Avaliatividade implícita, de forma que o processo argumentativo seja tecido ao longo do texto, aos poucos, por meio da inserção de elementos aparentemente neutros, mas que, para uma audiência atenta, possibilitam o reconhecimento da crítica e da tese defendida pelo autor.

Já no artigo de opinião, a Avaliatividade se dá de forma mais explícita, de forma que os recursos persuasivos sejam evidenciados ao leitor, possibilitando um reconhecimento direto da tese e do ponto de vista defendido.

A partir da apresentação dos resultados gerais das análises relacionadas à metafunção Ideacional (via Transitividade) e da metafunção Interpessoal (via Avaliatividade) é possível afirmar que o estudo da microestrutura possibilita reconhecer as marcas distintivas dos textos, de forma a reconhecer os recursos argumentativos específicos que promovem a persuasão.

Agora, finalmente, segue o capítulo com as Considerações Finais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta tese, foi possível notar a relevância que as teorias da Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday (1985; 1994) e de seus colaboradores, têm para a análise da persuasão e de que forma essas teorias podem preencher lacunas deixadas pelas análises linguísticas mais genéricas.

A partir das análises, é possível responder às perguntas norteadoras dessa pesquisa: (a) Como se caracteriza a estrutura dos textos do gênero ensaio e artigo de opinião selecionados? (b) Como é tecida a argumentação nesses textos? (c) Que recursos persuasivos são usados no processo argumentativo?

O Capítulo 5 possibilitou sintetizar e apresentar as respostas a essas perguntas. Mesmo tratando de textos de gêneros diferentes, escritos por autores diversos, a verificação de estágios na estruturação dos textos ressalta que a análise da macroestrutura não é suficiente para caracterizar e especificar cada um deles. Em contrapartida, as diferenças na construção argumentativa e nos recursos persuasivos utilizados em cada um dos textos, possibilitada pela Gramática Sistêmico-Funcional, evidenciam a singularidade das produções e de seus respectivos autores.

Com relação à primeira pergunta, tanto o ensaio como o artigo de opinião são construídos sobre uma base comum de estágios que permitem associá-los numa mesma categoria ou subgênero. No entanto, é evidente que características como o estilo e o modo como cada um desses estágios é “preenchido” diferem significativamente nos dois textos, sendo esse o mote para responder à segunda pergunta de pesquisa.

Com relação à segunda pergunta de pesquisa, conclui-se que as escolhas lexicogramaticais relacionadas à Transitividade, tanto no ensaio, como no artigo de opinião, recaem, sobretudo, em Processos Materiais e Relacionais, no entanto em intensidade e, em alguns casos, com propósitos diferentes, conforme indicado no capítulo anterior.

A terceira pergunta de pesquisa pode ser respondida ao concluir-se que, no ensaio, a persuasão se dá, prioritariamente, pela inserção de Avaliatividade implícita, de forma que o processo argumentativo seja tecido ao longo do texto, por meio da inserção de recursos como Apito do Cão, Contrabando de Informações e

tokens de Julgamento e Avaliação. No artigo de opinião, a Avaliatividade se dá de forma mais explícita, sendo os recursos persuasivos evidenciados ao leitor, possibilitando um reconhecimento direto da tese e do ponto de vista defendido.

A pesquisa e os resultados obtidos ampliaram a possibilidade de orientação dos professores por mim acompanhados e o redirecionamento na elaboração de material didático. Além disso, tendo como objetivo inicial relacionar a pesquisa a atividades de produção de texto, foi possível perceber, a partir das análises realizadas, o quanto a Gramática Sistêmico-Funcional pode ser um dos pilares para o desenvolvimento do trabalho com leitura e interpretação textual, além de oferecer uma abordagem mais significativa em relação aos estudos gramaticais.

No contexto acadêmico, a pesquisa é relevante por unir a linguística a objetivos pedagógicos, para as quais pesquisas complementares serão muito importantes, a fim de ampliar este trabalho.

Creio, também, que esta pesquisa contribui para os estudos na área da linguística aplicada. Espero ter correspondido aos propósitos do LAEL, da PUC e da CAPES, que fomentou esta tese e possibilitou sua realização.

REFERÊNCIAS

- AGAR. M. & HOBBS J. R. Interpreting Discourse: Coherence and the Analysis of Ethnographic Interviews. *Discourse Processes* 5, 1982, p.1-32.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979.
- BANKS-LEITE, L. Aspectos argumentativos e polifônicos da linguagem da criança em idade pré-escolar. Campinas, 1996. Tese (dout.) UNICAMP/IEL.
- BARONI, Aline. *Jornalismo Interpretativo*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008.
- BEDNAREK, M. A. Frames revisited - the coherence-inducing function of frames. *Journal of Pragmatics* 37.5, 2005, p. 685-706.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BIBER, D; JOHANSSON, S; LEECH, G.; CONRAD, S. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.
- BLOMMAERT J. & VERSCHUEREN J. *Debating diversity: Analyzing the discourse of tolerance*. London: Routledge, 1998
- BORDERÍA, S. P. Do discourse markers exist? On the treatment of discourse markers in Relevance Theory. *Journal of Pragmatics*, n. 40, p. 1411-1434, 2008.
- BRÄKLING, K.L. Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português*. 2.ed. SÃO PAULO: Atual, 2003.
- CHAROLLES, M. L'encadrement du discours: univers, champ, domains et space. *Cahier de Recherche Linguistique*, v. 6, p. 1-73, 1997.
- CLIFT, R. Irony in conversation. *Language in society*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 28, n. 4, p. 523-553, 1999.
- COFFIN, Caroline & O'HALLORAN, Kieran. The role of Avaliatividade and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of Language*. v. 13.1 (77-110), 2006.
- CORNISH, F. The roles of written text and anaphor-type distribution in the construction of discourse. *Text* 23(1), 2003, p. 1-26.

- DAFOUZ-MILNE, E. The pragmatic role of textual and interpersonal metadiscourse markers in the construction and attainment of persuasion: a cross-linguistic study of newspaper discourse. *Journal of Pragmatics*, v. 40, 2008, p. 95-113.
- DAFOUZ, E. Metadiscourse revisited: a contrastive study of persuasive writing in professional discourse. *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, v. 11, 2003, p. 29-52.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012.
- DIJK, V. KINTSCH, W. *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press, 1983.
- DOWNING, Laura Hidalgo. *Text world creation in advertising discourse*. laura.hidalgo@uam.es (Universidad Autónoma de Madrid), 2003.
- DUCROT, O., et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
- EGGINS, S. & SLADE, D. *Analyzing casual conversation*. Londres: Cassell, 1997.
- EL REFAIE, Elizabeth. Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics* 37.6, 2005, p. 781-797.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001 [1992a].
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.
- FIGUEREDO, G. P. *The flow of information in "Brian Aldiss Supertoys: Last All Summer Long" and its translation into brazilian portuguese*. 2006. Disponível em: http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/05tr_figueredo_117a154.pdf.
- FOWLER, R.; HODGE, R.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and control*. London: Routledge; Kegan Paul, 1979.
- _____. *Linguistic and criticism*. London: Oxford University Press, 1986.
- FOWLER, R. *Language in the news*. NY: Routledge, 1991.
- GOLDER, C. Argumentative text writing: developmental trends. *Discourse Processes*, n.19, 1994.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis*. NY: Harper & Row, 1974.
- HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1974.

_____ Language as social semiotic. *The social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.

_____. Language as code and language as behaviour: a systemic functional interpretation of the nature and ontogenesis of dialogue, in R.Fawcett, *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. Geelong, Vic: Deakin. Oxford: University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J.R. *Writing Science: Literacy and discursive power*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Londres: Falmer Press, 1993.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K., & MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Construing Experience through meaning: a language-based approach cognition*. London: Continuum International, 1999.

HALLIDAY, M.A.K., (revised by) Christian M.I.M. Matthiessen. *An introduction to functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

HEMPEL, S. e DEGAND, L. Sequencers in different text genres: academic writing, journals and fiction. *Journal of Pragmatics*, v. 40, 2008, p. 676-693.

HOEY, M. *Patterns of Lexis in Text*. Oxford University Press, 1986.

_____ Signaling in discourse: a functional analysis of a common discourse pattern in written and spoken English. In: COURTHARD, M. *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994.

KAZUE, S. M. B. O que é um ensaio?. *Revista de Administração Contemporânea*. v. 15, 2011, p. 333-337.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse - a case study. *Journal of Pragmatics*. Amsterdam, v. 28, 1997. p. 557-590.

KRESS G. & HODGE. R. *Language as ideology*. London: Routled & Kegan Paul, 1979.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*, The University of Chicago, Chicago, 1980.

- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory Life: the social construction of scientific facts*. Beverley Hills, CA: Sage. 1979.
- LAUERBACH, G.. Argumentation in political talk show interviews. *Journal of Pragmatics*, v. 39. 2007.
- LEE, S. H. An integrative framework for the analyses of argumentative- persuasive essays from an interpersonal perspective. *Text & Talk*, v. 28, 2008. p. 270-339.
- LEMKE, J.L. Multiplying meaning: Visual and verbal semiotics in scientific text. In: Martin, J. R. (ed.) *Reading Science*. London: Routledge, 1998.
- LI, JUAN. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 2010, p. 34-58.
- LUCHJENBROERS, June; ALDRIDGE, Michelle. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text e Talk*, v. 27, 2007.
- MACKEN-HONARIK, M., and MARTIN. J.R., (eds.), 2003, *Text, Special Issue - Negotiating Heteroglossia: Social Perspectives on Evaluation*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter. Vol. 23, 2003.
- MANNING, C. *Foundations of Statistical Natural Language Processing*. MIT Press, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: F. Christie (ed.) *Language Studies: Children's Writing: Reader*. Geelong: Deakin University Press, 1984.
- _____. *Factual Writing: Exploring and Challenging Social Reality*. Geelong: Deakin University Press, 1985.
- _____. *English Text: System and Structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.
- _____. Analyzing genre: functional parameters. In: F. Christie e J. R. Martin (orgs.) *Genre and institutions: social processes in the workplace and school*. Londres e Nova York: Continuum, 1997, p. 3-39.
- _____. Close reading: functional linguistics as a tool for critical discourse analysis. In: UNSWORTH, L. (Ed.). *Researching language in schools and communities: functional linguistics perspectives*. London and Washington: Cassell, 2000.

- MARTIN, J.R.; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London: Continuum, 2003.
- MARTIN J.R.; WHITE, P.R.R. *The Language of Evaluation Appraisal in English*, 2005.
- MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Tokyo, International Language Sciences Publishers, 1995
- MAURANEN, A. *Cultural differences in academic rhetoric*. Frankfurt: Peter Lang, 1993.
- MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, 1996.
- MILLER, C. Genre as Social Action. *Quarterly Journal of Speech*. V. 70, 1974.
- MINSKY, M. I. Framework for representing knowledge. In: WINSTON, P. H. (Ed.). *The psychology of computer vision*. New York: McGraw-Hill, 1975.
- MUNTIGL, Peter. Policy, politics, and social control: A systemic functional linguistic analysis of EU employment policy. *Text* 22(3), 2002, p. 393-441.
- PAVIANI, Jayme. *O Ensaio como Gênero Textual*. Caxias do Sul, SIGET, 2009.
- PETRONI, M.R. *A Organização do texto escrito por alunos do 1º grau*. Campinas, 1994. Dissert. (mestr.) UNICAMP/IEL.
- POGGI, Isabella. The goals of persuasion. *Pragmatics & Cognition* 13.2 (297-336), 2005.
- PORTA, Mario Ariel González. *A Filosofia a partir de seus problemas*. SP: Edições Loyola, 2002.
- REDEKER, G. Ideational and pragmatic markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics*, v. 14, 1990, p. 367-381.
- REYNOLDS, M. Texture and structure in genre. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* [Special issue: Genre Theory: New Perspectives], v. 73, n. 3, 1997. P. 686-97.
- _____. The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials. *International Journal of Applied Linguistics*, v.10, n.1, 2000, p. 25-40.
- SEMINO, E. *Language and world creation in poetry and other texts*. Londres: Longman, 1997.
- THOMPSON, G. & THETELA, P. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, v. 15, 1995, p. 103-127.

THOMPSON, G. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (eds.). *Linguistic choice across genres: Variation in spoken and written English*, 29-63. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1998.

_____. Interaction in academic writing: learning to argue with the reader. *Applied Linguistics*, v. 22, 2001, p. 58-78.

THOMPSON, G., Zhou J. Evaluation and organisation in text: The structuring role of evaluative disjuncts. – Hunston S. (ed.) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourses*. Oxford, 2001, p.121.

THOMPSON, G. *Introducing Systemic Functional Grammar*. London, UK: Arnold Publishing, 2004.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. London: Updated Edition, 1958.

VAN DIJK, T. A. Principles of critical discourse analysis. *Discourse and Society*, v.42, 1993.

VESTERGAARD, Torben, SCHRODER, Kim. *A linguagem da propaganda*. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGNER, G. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: D. Coste et al. *O texto: Leitura e Escrita*. São Paulo: Pontes, 1988.

WERTH, P. *Text Words; Representing Conceptual Space in Discourse*. London: Longman, 1999.

WHITE, Lydia. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. United Kingdom: Cambridge, 2003.